

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

**ESTRUTURA RETÓRICA DO TEXTO E A ARTICULAÇÃO DE  
ORAÇÕES NO ARTIGO DE OPINIÃO: uma abordagem funcionalista**

Belo Horizonte

2011

MARIA RISOLINA DE FÁTIMA RIBEIRO CORREIA

**ESTRUTURA RETÓRICA DO TEXTO E A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES NO  
ARTIGO DE OPINIÃO: uma abordagem funcionalista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa Teórica e Descritiva  
Linha de pesquisa: Estudos da Estrutura Gramatical da Língua Portuguesa  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Nascimento Decat.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras - UFMG

2011

C824e Correia, Maria Risolina de Fátima Ribeiro.  
Estrutura retórica do texto e a articulação de orações no artigo de opinião [manuscrito] : uma abordagem funcionalista / Maria Risolina de Fátima Ribeiro Correia. – 2011.

117 f., enc. : il., tabs., p&b.

Orientadora: Maria Beatriz Nascimento Decat.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

1. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 2. Língua portuguesa – Orações – Teses. 3. Língua portuguesa – Gramática – Teses. 4. Retórica – Teses. 5. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 6.

Dissertação intitulada *Estrutura retórica do texto e a articulação de orações no artigo de opinião: uma abordagem funcionalista* defendida por MARIA RISOLINA DE FÁTIMA RIBEIRO CORREIA em 20/06/2011 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores relacionados a seguir:



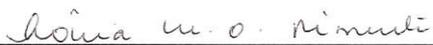
---

**Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat - UFMG**  
Orientadora



---

**Dr. Juliano Desiderato Antonio - UEM**



---

**Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta - UFMG**

## DEDICATÓRIA

Ao Márcio, sempre em meu coração.

Ao Alan, filho querido, razão maior da minha vida.

À minha família, pelo apoio constante.

Ao meu pai (*in memoriam*), que sempre sonhou com o meu sucesso.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro, a Deus pela oportunidade de viver e concretizar este sonho.

Aos meus professores, que me oportunizaram aprender muito e ver o mundo diferente.

Aos meus colegas, que me incentivaram nas horas difíceis e me fizeram rir nos momentos de alegria.

À minha amiga Elizane, pelo companheirismo e pela presença nos momentos necessários.

Aos meus amigos Renato e Luciani, pelo apoio e incentivo.

Às equipes de editoração das revistas *Veja* e *Carta Capital*, que, gentilmente, autorizaram a utilização dos artigos de opinião para análise, neste trabalho.

Agradeço, especialmente, à minha querida orientadora Profa. Dra. Beatriz Decat, incansável, sábia, compreensiva e que sempre esteve do meu lado com seus ensinamentos e com suas palavras de incentivo, de orientações, que me levaram a concluir esse trabalho e a realizar uma meta de minha vida pessoal e profissional.

Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo seus molhos.

(SALMO 126: 5 - 6)

## RESUMO

Neste trabalho, procuramos verificar, no gênero opinativo artigo de opinião, mediante o aporte teórico do Funcionalismo Linguístico, que prioriza a língua em uso, a existência de uma organização retórica que caracteriza esse gênero textual. Nossa pesquisa buscou especificamente a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (*Rethoric Structural Theory – RST*), teoria descritiva, defendida por linguistas da costa-oeste americana como Mann, Thompsom, Mathiessen e outros. Nosso objetivo principal foi identificar a existência de uma organização que caracteriza o artigo de opinião. Paralelamente à RST, embasamo-nos, também, no Funcionalismo Linguístico defendido, dentro do modelo sistêmico-funcional proposto por Halliday (1985/2004). Outro aspecto discutido diz respeito às propostas da Gramática Tradicional para classificar as orações, bem como às dificuldades encontradas nesse tipo de análise, quando se leva em conta a língua em uso.

O *corpus* da pesquisa é constituído de quatro artigos de opinião, sendo dois da revista *Veja* e dois da *Carta Capital*, abordando diferentes temáticas, como política, preconceito racial, educação, tecnologia, dentre outros. Os textos foram divididos em porções maiores – macroestrutura – e em porções menores (unidades de informação), ou microestrutura, para que fosse feita a análise dessas duas formas de organização textual.

Embora a nossa análise seja qualitativa, foi estabelecida uma taxonomia das relações estabelecidas na macro e na microestrutura para que fossem identificadas as maiores incidências de ocorrência das relações retóricas, foco principal do nosso trabalho. Foi identificada a incidência significativa de relações multinucleares de lista, de contraste e de sequência. Entre as relações núcleo-satélite, sobressaem as de elaboração, motivo, resultado, condição, antítese, dentre outras, o que possibilitou identificar uma característica marcante do artigo de opinião.

*Palavras-chave:* *Articulação de orações; Teoria da Estrutura Retórica; Funcionalismo; Artigo de opinião.*

## ABSTRACT

The present study looks into opinion articles in order to identify the presence of a rhetorical structure which characterizes them as opinion article genres, by using the Functional-Linguistic Theory, which focuses on language in use. As a resource, the research uses the Rhetorical Structural Theory (RST), descriptive theory, advocated by West Coast America linguists such as Mann, Thompson and Matthiessen, to name a few. Our main purpose was to identify a structure that characterizes opinion articles. In addition to the RST, we also base the present research on the Functional Linguistics Theory, within the Systemic-Functional Model created by Hallyday (1985-2004). Other aspects addressed were the Traditional Grammar proposals for clause classification and the difficulties found in this type of analysis when we take the language in use into consideration.

The research *corpus* used is made up of four opinion articles - two from *Veja* magazine, and the others from *Carta Capital* magazine. The articles encompass a variety of themes, ranging from politics to racial prejudice, education, and technology, among others. The texts were separated into major parts – macrostructure – and minor parts – microstructure – so as to carry analyses of such kinds of text structures.

In spite of being placed within the qualitative framework, a taxonomy of relations was established between the macro and microstructures so as to identify the major occurrences of rhetorical relations, our research main focus. It was evidenced a significant incidence rate of list, contrast and sequence multinuclear relations.

For nucleus-satellite relations we observed elaboration, reason, result, condition, and antitheses, among others, which led us to recognize an emphatic characteristic of opinion articles.

*Keywords: Clause structuring; Rhetorical Structural Theory, Functionalism, Opinion Article.*

## LISTA DE TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 1- Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto 1 .....          | 51  |
| Tabela 2 - Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto 2.....          | 66  |
| Tabela 3 - Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto 3.....          | 81  |
| Tabela 4 - Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto 4 .....         | 95  |
| Tabela 5 - Ocorrências de relações retóricas na macroestrutura dos quatro textos ..... | 100 |
| Tabela 6 - Ocorrências de relações retóricas na microestrutura dos quatro textos ..... | 102 |

## LISTA DE FIGURAS E ESQUEMAS

|  |    |
|--|----|
| DIAGRAMA 1ª - Macroestrutura do Texto 1 .....                                    | 44 |
| DIAGRAMA 1b - Macroestrutura do Texto 1 .....                                    | 45 |
| DIAGRAMA 2 - Porção (1 - 7) da microestrutura do Texto 1.....                    | 52 |
| DIAGRAMA 3 - Porção (8 - 49) da microestrutura do Texto 1 .....                  | 53 |
| DIAGRAMA 4 - Porção (50 - 51) da microestrutura do Texto 1.....                  | 55 |
| DIAGRAMA 5 - Macroestrutura do Texto 2 .....                                     | 60 |
| DIAGRAMA 6 - Porção (1 - 47) da microestrutura do Texto 2 .....                  | 67 |
| DIAGRAMA 7 - Porção (1 - 10) da microestrutura do Texto 2 .....                  | 67 |
| DIAGRAMA 8 - Porção (11 - 35) da microestrutura do Texto 2 .....                 | 68 |
| DIAGRAMA 9 - Porção (22 - 27) da microestrutura do Texto 2 .....                 | 69 |
| DIAGRAMA 10 - Porção (34 - 35) da microestrutura do Texto 2 .....                | 70 |
| DIAGRAMA 11 - Porção (36 - 47) da microestrutura do Texto 2 .....                | 70 |
| DIAGRAMA 12 - Macroestrutura do Texto 3 .....                                    | 75 |
| DIAGRAMA 13 - Porção (1 - 18) da microestrutura do Texto 3 .....                 | 82 |
| DIAGRAMA 14 - Porção (14 - 34) da microestrutura do Texto 3 .....                | 84 |
| DIAGRAMA 15 - Porção (35 - 47) da microestrutura do Texto 3 .....                | 85 |
| DIAGRAMA 16 - Porção (48 - 60) da microestrutura do Texto 3 .....                | 86 |
| DIAGRAMA 17 - Macroestrutura do Texto 4 .....                                    | 91 |
| DIAGRAMA 18 - Porção (1 - 14) da microestrutura do texto 4 .....                 | 96 |
| DIAGRAMA 19 - Porção (15 - 24) da microestrutura do Texto 4 .....                | 97 |
| DIAGRAMA 20 - Porção (25 - 33) da microestrutura do Texto 4 .....                | 98 |
| DIAGRAMA 21 - Porção (45 - 46) da microestrutura do Texto 4 .....                | 98 |
| ESQUEMA 1 - Relação multinuclear .....   | 38 |
| ESQUEMA 2 - Relação núcleo-satélite, com o satélite depois do núcleo.....        | 38 |
| ESQUEMA 3 - Relação núcleo-satélite, com satélite antes do núcleo .....          | 38 |
| ESQUEMA 4 - Relação núcleo-satélite, com satélite antes e depois do núcleo ..... | 38 |

## LISTA DE QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| QUADRO 1 - Os sistemas de oração complexa .....                         | 32  |
| QUADRO 2 - Orações primárias e secundárias em uma oração complexa ..... | 33  |
| QUADRO 3 - Definições de relações retóricas .....                       | 110 |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO .....  | 11  |
| CAPÍTULO 1. A articulação de orações no gênero textual “Artigo de opinião”.....                       | 15  |
| 1.1 O processo de articulação de orações: da Gramática Tradicional ao Funcionalismo Linguístico ..... | 15  |
| 1.2 Gênero textual: caracterização .....  | 18  |
| 1.2.1 Argumentação .....  | 19  |
| 1.2.2 Operadores Argumentativos .....   | 21  |
| 1.3 O gênero textual “Artigo de opinião” .....  | 22  |
| CAPÍTULO 2. Objetivo e metodologia .....  | 24  |
| 2.1 Objetivo geral .....  | 24  |
| 2.2 Objetivos específicos .....   | 24  |
| 2.3 Metodologia .....   | 24  |
| 2.3.1 A escolha do gênero textual artigo de opinião .....   | 24  |
| 2.3.2 Seleção do <i>corpus</i> e procedimentos de análise .....                                       | 25  |
| CAPÍTULO 3. Fundamentação teórica .....   | 28  |
| 3.1 A Gramática Funcional: uma visão geral .....  | 28  |
| 3.2 O Funcionalismo Linguístico .....   | 29  |
| 3.3 O Funcionalismo Linguístico de Halliday .....   | 31  |
| 3.4 Teoria da Estrutura Retórica do Texto ( <i>Rethoric Structural Theory</i> – RST) .....            | 34  |
| CAPÍTULO 4. Análise dos dados .....   | 40  |
| 4.1 Texto 1: Construtivismo e destrutivismo – Cláudio de Moura Castro .....                           | 41  |
| 4.1.1 Análise da macroestrutura do Texto 1 .....  | 42  |
| 4.1.2 Análise da microestrutura do Texto 1 .....  | 47  |
| 4.2 Texto 2: Juventude Virtual – Thomaz Wood Jr.....  | 57  |
| 4.2.1 Análise da macroestrutura do Texto 2 .....  | 58  |
| 4.2.2 Análise da microestrutura do Texto 2 .....  | 63  |
| 4.3 Texto 3: Crucificar Monteiro Lobato? - Lya Luft .....   | 72  |
| 4.3.1 Análise da macroestrutura do Texto 3 .....  | 73  |
| 4.3.2 Análise da microestrutura do Texto 3 .....  | 77  |
| 4.4 Texto 4: Bons motivos – Antônio Delfim Netto .....  | 87  |
| 4.4.1 Análise da macroestrutura do Texto 4 .....  | 89  |
| 4.4.2 Análise da microestrutura do Texto 4 .....  | 92  |
| 4.5 Considerações sobre a análise dos dados .....   | 100 |
| CONCLUSÃO .....   | 104 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....  | 107 |
| ANEXOS .....  | 110 |

## INTRODUÇÃO

Apresentamos, neste trabalho, uma discussão da língua como um produto social da linguagem, entendendo-a numa abordagem funcional-discursiva, o que significa considerá-la em uso pelos falantes. Para desenvolver esta pesquisa, foi escolhido o gênero textual artigo de opinião, de textos retirados das Revistas *Veja* e *Carta Capital*. A fundamentação teórica para análise está alicerçada no Funcionalismo linguístico, em geral, e, de modo específico, na Teoria da Estrutura Retórica do texto.

Nossa justificativa está balizada no fato de verificar se o artigo de opinião, por ser de base argumentativa, exige uma organização específica, que possibilita persuadir o leitor em relação ao assunto discutido. Nesse sentido, buscamos verificar o tipo de relações retóricas que prevalecem nesse gênero textual. Diante disso, decidimos considerar a língua em uso e analisar os conceitos prescritos pela Gramática Tradicional ao classificar as orações que compõem um texto. Outro aspecto relevante é a necessidade de considerar a opção do falante ao organizar o seu discurso, a fim de garantir a interação linguística.

Nesse sentido, decidimos analisar o artigo de opinião tendo em vista a liberdade de expressão, a capacidade de argumentação e a importância de os autores se posicionarem diante dos acontecimentos que se sucedem no cotidiano da sociedade. Nossa escolha de pesquisar esse gênero nas Revistas *Veja* e *Carta Capital* justifica-se, inclusive, pelo fato de essas duas revistas terem ampla divulgação e porque esses dois veículos de comunicação têm estilos específicos de se posicionar, ou seja, apresentam posicionamento político diferente diante dos fatos.

Partimos do pressuposto de que o artigo de opinião caracteriza-se por uma estrutura bem definida, com a presença marcante de orações hipotáticas de realce, cujo objetivo seria garantir uma argumentação convincente na defesa das ideias ali mostradas pelo autor. Nesse sentido, esperava-se que relações retóricas como motivo, propósito, resultado, concessão fossem significativas.

Mediante análise preliminar de artigos de opinião, foi levantada a hipótese de que haveria uma incidência de orações paratáticas, hipotáticas de realce e de orações encaixadas. Diante disso, e com base em uma visão funcional-discursiva, buscamos considerar, na análise de textos escritos – artigos de opinião – os aspectos sintático, semântico e pragmático. O aspecto pragmático é entendido, aqui, como níveis de análise. Para tanto, nosso trabalho se deu de forma a verificar a estrutura organizacional do artigo de opinião à luz do

Funcionalismo Linguístico, a partir da Teoria da Estrutura Retórica do Texto (*Rhetorical Structure Theory - RST*), que foi denominada RST.

Uma abordagem funcionalista, segundo Neves (2004), pressupõe a forma como os falantes se comunicam eficientemente, resultando na competência comunicativa. Na perspectiva de Hymes (1971), a *Competência Comunicativa* é compreendida como um conjunto de habilidades e conhecimentos necessários que possibilitam o entendimento entre os falantes de uma comunidade linguística, ou seja, a capacidade de usar e de interpretar as variedades linguísticas, em diferentes situações sociais.

Retomando os três aspectos considerados – sintático, semântico e pragmático – vemos, no primeiro, um valor significativo, já que não se descarta o papel da organização da sintaxe na frase, e, ao mesmo tempo, a forma como as orações se articulam na organização da rede retórica do texto. Nesse contexto, avaliamos ser pertinente discutir o conceito de coordenação e de subordinação, tendo em vista as orações em um texto escrito, conforme postula Decat (2004) quando propõe

conduzir as análises para o âmbito mais amplo, qual seja o do discurso, numa abordagem funcionalista, com o objetivo de verificar a inter-relação entre configuração formal, gramática dos enunciados(forma) e o papel que eles exercem no discurso (função), tendo em vista a função comunicativa. (DECAT, 2004, p. 18).

Da mesma forma e atribuindo a mesma importância, discutimos o aspecto semântico, com base em Cançado (2008, p. 17) em sua postulação de que a “semântica lida com a interpretação das expressões linguísticas, com o que permanece constante quando uma certa expressão é proferida”. Essa concepção nos permite analisar as relações que subjazem entre as orações, possibilitando ao autor colocar o seu ponto de vista diante do fato e argumentar a favor ou contrário a ele.

Outro aspecto a ser considerado na visão do Funcionalismo é a pragmática, concebida, segundo Neves (2004, p. 30), como “o conhecimento das condições e de modo de uso apropriado”, ou seja, as escolhas linguísticas assumidas pelo falante, fato esse que determina como o falante usa o instrumento, isto é, a língua, em diferentes eventos enunciativos. Vale considerar e ressaltar, no aspecto pragmático, os atos de fala de Austin (1990) cuja perspectiva teórica orienta-se no pressuposto de que, ao falarmos, praticamos ações diversas, como ordenar, perguntar, persuadir, pedir, desculpar-nos, julgar, reclamar. Austin defende que dizer algo equivale a executar, ao mesmo tempo, três atos. O primeiro denomina-se ato

locutório, localizado no campo da sintaxe e da fonética, constituindo o conteúdo linguístico necessário *para dizer algo*; o segundo, é o ato ilocutório, caracterizado pela força performativa, ou seja, o modo como se diz algo e a forma como o que é dito é recebido pelo interlocutor em função da força com que é dito; por último o ato perlocutório, que corresponde à indicação dos efeitos causados sobre o outro, como influenciar e persuadir. Entendemos que, em um texto opinativo, o conceito de atos de fala tem papel relevante na elaboração textual.

Ressaltamos, ainda, que a escolha do nosso objeto de estudo surgiu da constatação de que a sintaxe tradicional trata o fato linguístico a partir de um arcabouço teórico que inviabiliza uma compreensão aprofundada desse aspecto gramatical, restringindo-o, na maioria das vezes, apenas a uma análise formal das orações, o que, por si só, não esclarece o seu funcionamento em textos reais, efetivamente produzidos pelos falantes da língua. Dessa forma, decidimos verificar a organização retórica de textos escritos que circulam efetivamente entre os falantes.

Nossa fundamentação teórica alicerça-se no Funcionalismo Linguístico, mais especificamente na Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST), teoria que busca identificar as proposições relacionais que emergem, entre as porções do texto, inclusive entre as orações.

Sendo assim, a análise aqui apresentada procurou verificar a maneira como as orações se combinam, se articulam no artigo de opinião, caracterizando-o.

No que se refere à articulação das orações, o presente trabalho fundamenta-se também, em Halliday (1985/2004), para quem a gramática é um complexo, isto é, ela está a serviço dos usuários de uma língua, a fim de atender aos propósitos comunicativos dos falantes. As orações são, então, analisadas no sentido de verificar como elas se articulam no texto: se é de forma paratática, hipotática ou por encaixamento, buscando a coerência textual. Outro aspecto considerado diz respeito à incidência desses tipos de orações e a contribuição desse fato gramatical na caracterização do gênero textual em pauta.

Ainda na vertente funcionalista focada em Halliday (1985/2004), verifica-se que o autor defende diferentes tipos de combinação de orações, identificando-os em termos de grau de dependência: a combinação paratática, ou parataxe, e combinação hipotática, ou hipotaxe. Além dessas classificações, são consideradas as orações que fazem parte de outras, isto é, as que envolvem encaixamento, identificadas pelas adjetivas restritivas e as substantivas, na Gramática Tradicional.

Nessa concepção, nosso trabalho está direcionado para o campo do estudo linguístico que incorpora a relação entre gramática e discurso<sup>1</sup>, de forma que a gramática surge em decorrência do uso da língua pelos falantes, e não mediante regras preestabelecidas. Ainda nessa visão funcionalista, Neves (2004), ao discutir discurso e gramática, corrobora a concepção de Du Bois(2003) e postula que

... as relações entre discurso, ou uso, e gramática assim se equacionam: a) a gramática molda o discurso; b) o discurso molda a gramática. Ou: “a gramática é feita à imagem do discurso”; mas, “o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática. (NEVES, 2004, p. 11).

É nessa perspectiva que foi desenvolvido nosso trabalho, organizado em uma introdução, quatro capítulos e a conclusão. A introdução mostra a visão geral da pesquisa e o assunto a ser tratado, a delimitação do problema, bem como a justificativa do trabalho. No primeiro capítulo, é discutida a articulação de orações no gênero “Artigo de opinião”, identificada a caracterização do gênero, a concepção de argumentação e de operadores argumentativos, que estão a serviço da análise. No segundo capítulo, são elencados os objetivos e descrita a metodologia utilizada. Já o terceiro capítulo apresenta a fundamentação teórica: o Funcionalismo Linguístico e a Teoria da Estrutura Retórica do Texto. O quarto capítulo trata da análise dos dados obtidos no *corpus* selecionado. Por último, são apresentadas as conclusões da pesquisa.

---

<sup>1</sup> Discurso, aqui, é entendido segundo Du Bois (2003), como qualquer exemplo autêntico de uso da língua em todas as suas manifestações, o que significa qualquer ato de produção ou apreensão da língua organicamente motivado, seja de forma escrita ou falada.

## **CAPÍTULO 1. A articulação de orações no gênero textual “Artigo de opinião”**

### **1. 1 O processo de articulação de orações: da Gramática Tradicional ao Funcionalismo Linguístico**

Para discutir a articulação das orações em um texto escrito, levamos em consideração os pressupostos defendidos pela Gramática Tradicional e pelo Funcionalismo Linguístico.

A Gramática Tradicional busca divulgar normas que caracterizam o modelo de uma língua considerada padrão; e é com base em três gramáticos considerados verdadeiros pesquisadores desse modelo de língua que vamos discutir a articulação de orações, a saber: Rocha Lima (1980), Bechara (2009) e Cunha & Cintra (2007) .

O período composto é o ponto de partida, na Gramática Tradicional, para se discutir o que é denominado, pelo Funcionalismo Linguístico, de “articulação de orações”. A Gramática Tradicional identifica período simples, como o que é constituído por apenas uma oração; período composto, aquele formado por mais de uma oração.

As gramáticas tradicionais classificam os períodos compostos como sendo por coordenação ou por subordinação. O período composto por coordenação é formado por orações coordenadas independentes, ao passo que o período composto por subordinação é constituído por uma oração principal que é acompanhada e diretamente ligada a uma ou mais orações subordinadas, dependentes da principal. Ainda para as gramáticas tradicionais, as orações coordenadas, que são independentes, podem estar justapostas ou ligadas umas às outras por uma conjunção. Por outro lado, a oração subordinada pode exercer a função de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio, na oração principal, e são classificadas de acordo com sua função. Dessa forma, as orações subordinadas substantivas classificam-se em subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta<sup>2</sup>, completiva nominal, apositiva, predicativa; as subordinadas adjetivas classificam-se em restritivas e explicativas; as adverbiais, como causais, concessivas, condicionais, conformativas, comparativas, consecutivas, finais, modais, proporcionais e temporais.

Quanto à forma em que o verbo pode se apresentar, as gramáticas tradicionais classificam as orações como desenvolvidas, se a forma verbal estiver na forma finita, e, reduzidas – de infinitivo, de gerúndio e de particípio, se o verbo não estiver na forma finita.

---

<sup>2</sup> Objetiva indireta: Rocha Lima não reconhece esse tipo de oração, na Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 1980, p. 234.

Bechara (2009) traz uma discussão mais avançada do conceito de coordenação e de subordinação, uma vez que, quando trata da subordinação, ele denomina oração complexa, aquela que é constituída por uma “oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considera como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em *A noite chegou.*” (BECHARA 2009, p.462). Contudo, essa mesma oração pode, pelo fenômeno da estruturação das camadas gramaticais, denominado hipotaxe ou subordinação, passar a uma camada inferior e exercer uma função sintática de outra unidade, como em

O viajante percebeu que *a noite chegou.*

Ao analisar a oração *a noite chegou* percebe-se que ela se tornou um complemento do verbo *percebeu* da primeira oração *O viajante percebeu*. Dessa forma, a oração *que a noite chegou* é classificada como oração subordinada e o período *O viajante percebeu que a noite chegou* é, para Bechara (2009), uma unidade sintática equivalente à *O viajante percebeu a chegada da noite*, em que *a a chegada da noite* integra o predicado e exerce a função de complemento do verbo *percebeu*.

Nessa perspectiva, hipotaxe “consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores” (BECHARA, 2009, p. 47). Em outras palavras, hipotaxe, para o gramático, diz respeito ao fato de uma oração passar a funcionar como parte, “membro” integrante de outra. Quando se trata de um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, Bechara denomina parataxe ou coordenação. Vale ressaltar que, para Bechara, os conceitos de oração complexa e de hipotaxe não estão no mesmo sentido do conceito adotado por Halliday (1985/2004). Dessa forma, Bechara se mantém no mesmo nível de análise de frases, mediante regras pré-estabelecidas, ao passo que Halliday, embora mantenha uma análise frástica, não considera, apenas, a sintaxe. Em relação à parataxe, Bechara a iguala à coordenação, usando uma como sinônima da outra e continua com o conceito de orações independentes, o que não altera os conceitos da Gramática Tradicional já existentes.

Conforme pode ser observado, a Gramática Tradicional considera as orações no nível da frase, centrando a classificação dessas orações, principalmente na sintaxe, nem sempre considerando a pragmática e o contexto em que elas se encontram.

Por outro lado, o Funcionalismo Linguístico leva em conta as orações em outro parâmetro de análise: a língua em uso. Conforme postula Antônio (2004), os modelos funcionalistas de gramática, procuram explicar, diante do grande número de possibilidades disponíveis, os motivos que levaram o falante a optar por uma determinada forma e não por outra.

Dentro do Funcionalismo Linguístico, destacamos o modelo de Halliday(1985/2004) que, para explicar a articulação das orações, defende uma teoria sistêmica, em que se enquadra uma gramática sistêmica, interpretada metafuncionalmente. Essa teoria pressupõe duas possibilidades de organização: a “escolha” (o paradigma) e a “cadeia” (o sintagma). O paradigma ou modelo refere-se a um sistema preestabelecido – a língua; já o sintagma é a utilização do paradigma, o que garante o uso linguístico. Nessa vertente, percebe-se que, ao comunicar em uma determinada língua e em diversas situações de interação, o falante vai construindo seu discurso, e, ao mesmo tempo, vai sendo moldada a gramática.

Nessa perspectiva, entende-se que os tratamentos tradicionais podem não ser suficientes para definirem se uma oração é coordenada ou subordinada. Esse modelo vincula o caráter da oração subordinada à presença de conectivos ou à ideia (não verdadeira) de ela não ter existência própria. Assim “as análises tradicionais acabam por oferecer definições circulares, misturando critérios, utilizando-se de noções pouco ou quase nada explicitadas, tais como a noção de dependência, e também de parataxe, hipotaxe e justaposição”. (DECAT, 1993, p. 17).

Matthiessen & Thompson (1988), em artigo que trata da estrutura do discurso e sua relação com a subordinação, apresentam uma proposta que, numa vertente funcionalista, defende a combinação de orações como sendo um fato gramatical que não deve se basear em qualquer categoria tradicional existente, uma vez que deve ser considerado o texto ali materializado, isto é, a língua em uso. Essa posição não encontra respaldo nos conceitos postulados pela Gramática Tradicional, por exemplo, nos conceitos dos gramáticos aqui discutidos, visto que propõem modelos pré-definidos de estruturas linguísticas.

Ao comparar a tese de Halliday (1985/2004) com a concepção de Matthiessen & Thompson (1988), em relação ao processo de subordinação, percebe-se que o primeiro considera, no complexo clausal, uma oração dominante e uma oração modificadora. Por outro lado, Matthiessen & Thompson (1988) consideram uma cláusula<sup>3</sup> subordinada independente, na medida em que ela se articula com outras porções do discurso, numa relação núcleo-satélite. Contudo, tanto para Halliday (1985/2004) quanto para Matthiessen & Thompson (1988), não é possível definir, nem mesmo caracterizar “oração subordinada” estritamente no nível da sentença, mas é necessário considerar o contexto discursivo no qual a oração aparece. Enfim, as estratégias usadas para articular orações são da mesma natureza daquelas que

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, os termos cláusula e oração são utilizados no mesmo valor semântico, isto é, uma é usada no mesmo sentido da outra.

organizam o texto, por isso as relações oracionais dependem da intenção do falante, que, automaticamente, faz as suas escolhas, a fim de garantir o processo comunicativo.

Nessa mesma ótica, Hopper (1988) defende que, ao falar, o usuário de uma língua não seleciona previamente palavras ou frases para construir seu discurso, “ao contrário a forma assumida por uma palavra ou expressão é um reflexo de sua função num contexto comunicativo” (DECAT, 1999, p. 213).

Na veia da Teoria da Estrutura Retórica, buscamos as considerações de Mann & Thompson (1983), quando afirmaram que as relações retóricas estabelecidas no nível discursivo se encarregam de organizar desde a coerência textual até a combinação entre as orações, garantindo, assim, a estrutura organizacional dos textos.

Considerando que os textos são constituídos por grupos organizados por orações que se relacionam de diferentes maneiras e que, nessa rede, são estabelecidas relações entre essas orações, dando unidade ao texto, procuramos caracterizar a estrutura do artigo de opinião. Buscamos verificar as relações existentes entre as partes e entre as orações, bem como identificar as diversas combinações de diferentes tipos de orações que compõem esse gênero.

## **1. 2 Gênero textual: caracterização**

Pelo fato de o nosso objeto de estudo ser um gênero textual – o artigo de opinião – avaliamos ser imprescindível identificar o conceito com o qual definimos gênero. Bazerman (2006) defende gênero em uma perspectiva social e enfatiza, sobretudo, a participação ativa dos falantes no uso da língua, provocando alterações, ao mesmo tempo que dá estabilidade a certo gênero textual.

Nesta pesquisa, gêneros textuais são entendidos em uma perspectiva sociointeracionista, em que é visada a participação ativa dos interlocutores, em uma situação real de comunicação. Essa concepção nos remete a Marcuschi (2008), que caracteriza os gêneros como fenômenos históricos diretamente ligados à vida social e cultural. Mais especificamente, pode-se dizer, ainda segundo Marcuschi, que gêneros textuais são

textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. ...os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente construídas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Dessa forma, os gêneros textuais são textos empiricamente realizados, que cumprem funções definidas em diferentes situações de comunicação. Eles existem, na sociedade, em um número indefinido, de forma que outros podem surgir, na medida em que assumem formas definidas e funções estáveis. Dentre eles, citamos: piada, inquérito policial, carta pessoal, bilhete, e-mail, receita culinária, conversa espontânea, edital de concurso, bate-papo virtual, lista de compras, horóscopo, crônica, artigo de opinião e outros.

Levando em conta que os gêneros textuais apresentam uma oportunidade de grande relevância para lidar com a língua em uso é que elegemos um gênero textual de farta circulação social e bastante difundido pelos meios de comunicação impressos, no caso o artigo de opinião, como nosso objeto de estudo.

### **1. 2. 1. Argumentação**

Diante do fato de o artigo de opinião ser um texto essencialmente argumentativo, tecemos algumas considerações sobre a argumentação.

O limiar das teorias ligadas à argumentação tem a sua origem nos escritos da Grécia antiga, mais especificamente na obra de Aristóteles, fundador e precursor da Retórica. Para ele, a retórica não é simplesmente uma arte de persuadir, mas antes uma faculdade de descobrir aquilo que, especulativamente, caso a caso, pode estar a serviço da persuasão. Os estudos sobre as teorias da argumentação foram se expandindo ao longo dos tempos e, atualmente, assumem uma forma mais acentuada de discussão.

Também se fundamentando em Aristóteles, ao explicitar sobre o raciocínio, que é imprescindível para o ato de persuadir, Vieira defende que

Para o grande pensador da Antiguidade, raciocinar é saber extrair conclusões de proposições estabelecidas pela linguagem. Em outros termos, é a partir da anatomia da forma lógica básica (ou modelo silogístico formal) de premissa e conclusão que é alicerçado todo tipo de raciocínio (ou de argumentação). (VIEIRA, 2007, p.13).

Nesse sentido, a argumentação é sustentada por silogismos constituídos por premissas absolutas ou por premissas lógicas. As primeiras conduziam “automaticamente a conclusões corretas e verdadeiras e as outras que se fundamentavam em raciocínios dedutivos centrados “em verossilhanças e indícios” (ARISTÓTELES, 1998, p. 54, *apud* VIEIRA, p. 9).

Dessa forma, verifica-se que os conceitos defendidos por Aristóteles sinalizam, nas palavras de Vieira (2007),

a dúbia característica da argumentação – entre o objetivo e o subjetivo – ainda que o filósofo grego tenha optado por separar a dimensão analítica do discurso de suas dimensões morais e psicológicas e a tradição tenha priorizado a forma lógica clássica em que uma conclusão é deduzida de premissas. (VIEIRA, 2007. p. 15).

Para exemplificar, citamos o mais famoso exemplo de silogismo em que os dois primeiros termos são premissas que levam à conclusão *Sócrates é mortal*:

Exemplo (1)

|                                     |                                  |
|-------------------------------------|----------------------------------|
| <i>Todos os homens são mortais.</i> | Premissa maior                   |
| <i>Sócrates é homem,</i>            | Premissa menor                   |
| <i>(logo) Sócrates é mortal.</i>    | Conclusão” (VIEIRA, 2007, p. 15) |

Neste trabalho, que tem como foco o gênero opinativo artigo de opinião, avaliamos que a dicotomia entre argumentações proposta por Aristóteles, englobando uma dimensão mais subjetiva da argumentação, é um ponto relevante para a análise dos textos, visto que viabiliza a análise dos argumentos enumerados pelo autor, no sentido de persuadir, ou não, o leitor, na defesa da tese do discurso por ele levantada.

Dentre outros precursores da argumentação, referimo-nos, inclusive, a Perelman e Olbrechts (1996), que retomam Aristóteles e buscam a noção de orador e auditório. Assim, *orador* é aquele que apresenta um discurso oral ou escrito; *auditório* refere-se àquele que a argumentação procura atingir, ou seja, aquele que recebe o discurso. Para Perelman e Olbrechts (1996, *apud* VIEIRA, 2007), a argumentação pressupõe a existência de uma finalidade, a adesão a uma tese ou o crescimento de intensidade da adesão, que, por sua vez, busca criar uma disposição à ação e, se for o caso, desencadear uma ação imediata.

Dessa forma, tomamos, para a análise dos dados, argumentação na concepção de Perelman e Olbrechts (1996, *apud* VIEIRA, 2007), que assume a defesa de que

O objetivo de toda argumentação (...) é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo

menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN; OLBRECHTS. 1996, *Apud* VIEIRA (2007).

Nessa perspectiva, buscamos dados empíricos advindos dos artigos selecionados para análise, que nos possibilitaram verificar a concepção de argumentação, segundo Perelman; Olbrechts (1996), conforme se percebe em uma passagem de um dos artigos de opinião analisados: “*Em suma, o construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode ser útil na sala de aula. Mas, nos seus desdobramentos espúrios, vira uma cruzada religiosa, claramente nefasta ao ensino*” (CASTRO, 2010, p. 24). Nessa porção de texto, verifica-se que o autor (orador) argumenta com veemência em torno do construtivismo. Ele inicia o parágrafo, que na verdade conclui o texto, argumentando que o construtivismo é uma teoria atraente e que até pode ser útil, contudo, seus desdobramentos espúrios causam mal entendido, tornando-o uma cruzada religiosa totalmente indesejável e nefasta ao ensino. Dessa forma, o texto caminha no percurso de convencer e persuadir o leitor (auditório) a mudar de atitude em relação à teoria em questão. É interessante mostrar que o autor (orador) não se coloca contra o construtivismo, mas chama a atenção para as interpretações equivocadas da teoria, que levam a prejuízos irreparáveis ao ensino.

É nessa ótica que concebemos o sentido de argumentar e que foram analisadas as porções, tanto maiores, quanto menores dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa.

### **1. 2. 2 Operadores argumentativos**

No ato de argumentar estão implícitos mecanismos específicos que possibilitam e viabilizam esse processo. Em um dado momento de interação, os interlocutores sempre têm um objetivo claro e definido, ainda que seja aquele de garantir a comunicação. Ao se comunicar, os sujeitos buscam expor suas ideias, fazer valer suas opiniões ou pontos de vista diante de um fato, verificar efeitos que podem causados ou até mesmo mudanças de comportamento das pessoas. Segundo Koch (1995, p. 29), “pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais)”. Diante disso, pode-se afirmar que, ao se usar a linguagem, estabelece-se um ato argumentativo, o que significa que, ao se comunicar, o sujeito direciona a sua linguagem para se obter conclusões até mesmo previstas ou previsíveis.

Conforme afirma Koch (1995, p. 29), os falantes têm, na Gramática da língua, mecanismos que possibilitam “indicar a orientação argumentativa dos enunciados”. Esses mecanismos são marcadores argumentativos, que demarcam a força argumentativa dos enunciados, trazendo para eles, conteúdos semânticos além dos que já estão definidos na enunciação.

Para descrever os marcadores argumentativos, embasamo-nos em Koch (2008), que afirma existir na Gramática da língua morfemas responsáveis por traduzir as relações pretendidas pelo falante, no momento de interação. Na Gramática Tradicional, esses morfemas são definidos como conectivos, por exemplo: *porém, mas, porque, ainda que, embora*, dentre outros. Ou outros vocábulos que, segundo a N.G.B.<sup>4</sup>, não fazem parte das dez classes gramaticais, dentre elas, *até, inclusive* (palavras de inclusão); *apenas, senão, só* (palavras de exclusão); *afinal, então* (palavras de situação), conforme exposto por Koch (2008, p. 103).

Esclarecemos que os operadores argumentativos serão considerados, durante a análise dos artigos, como pistas que auxiliam na identificação das relações retóricas estabelecidas entre as porções maiores (macroestrutura) ou das porções menores, ou seja, com o propósito de identificar as proposições relacionais que emergem entre as cláusulas, na microestrutura do texto.

### **1. 3 O gênero textual “Artigo de opinião”**

O gênero textual artigo de opinião, ou artigo assinado, pertence ao jornalismo opinativo e está associado ao discurso jornalístico. Encontra-se no agrupamento dos gêneros da ordem do argumentar, devido às suas características específicas: a discussão de problemas, questões ou assuntos sociais controversos, com o objetivo de chegar a um posicionamento diante deles, mediante sustentação de uma ideia, negociação ou tomada de posições, aceitação ou negação de argumentos apresentados.

Para buscar garantia de seu ponto de vista, o autor do artigo de opinião precisa de estratégias argumentativas com o intuito de persuadir o leitor, tendo em vista a importância dessas estratégias no discurso midiático, que, além de convencer, busca atingir a vontade e o sentimento do leitor. Esse gênero traz em seu interior a argumentação com a finalidade de

---

<sup>4</sup> N.G.B: Nomenclatura Gramatical Brasileira.

persuadir ou convencer o interlocutor, com a intenção de que concorde com a sua opinião, compartilhe com ele, ou tome uma determinada posição.

O artigo de opinião é um gênero que circula em diferentes contextos midiáticos, como rádio, televisão, jornais, revistas, discutindo assuntos polêmicos que exigem uma tomada de posição por parte dos interlocutores. O articulista precisa de argumentos centrados e sustentados por opiniões e verdades, capazes de convencer o interlocutor, mas que, por outro lado, podem ser contestadas, visto que elas são fundamentadas em pontos de vista pessoais.

Enfim, um texto opinativo caracteriza-se como sendo mais do que informativo; de natureza não jornalística, é publicado em seção específica e destacada do conteúdo noticioso. O articulista tem liberdade de expressão em relação ao tema, ao juízo de valor ali expresso, bem como em relação ao modo de expressão.

Neste trabalho, e conforme já mencionamos na Introdução, o artigo de opinião será analisado com o objetivo de identificar a sua organização retórica.

## **CAPÍTULO 2. Objetivos e metodologia**

### **2. 1 Objetivo geral**

O presente trabalho buscou analisar o artigo de opinião das Revistas *Veja* e *Carta Capital* com o objetivo geral de verificar a estrutura retórica e como se dá a articulação das orações, demonstrando como os textos desse gênero se caracterizam enquanto pertencentes a essa categoria.

### **2. 2 Objetivos específicos**

Esta pesquisa se concretizou tendo como suporte os seguintes objetivos específicos:

a) analisar artigos de opinião, mediante uma abordagem funcionalista, levando em conta a Teoria da Estrutura Retórica do Texto, a articulação das orações e o contexto discursivo para verificar como os usuários utilizam a língua, a fim de atingir sua intenção comunicativa;

b) identificar e analisar as unidades de informação no artigo de opinião, os conectores, bem como o papel de operadores argumentativos na rede retórica do texto;

c) fazer uma análise comparativa entre os textos do *corpus* para identificar semelhanças e diferenças entre eles, no que diz respeito às relações retóricas e à articulação das orações, no artigo de opinião, independente do veículo de comunicação no qual se encontra.

d) identificar se existe, ou não, uma estrutura específica do artigo de opinião e se poderíamos afirmar que existem relações retóricas específicas desse gênero.

### **2. 3 Metodologia**

#### **2. 3. 1 A escolha do gênero textual “Artigo de Opinião”**

Conforme já mencionado, neste trabalho, o conceito de gêneros textuais está vinculado aos estudos de Marchuschi (2002), que os caracteriza como fenômeno histórico,

profundamente vinculado à vida cultural e social. Assim, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas cotidianas, e estão presentes em toda e qualquer atividade comunicativa, apresentando características mais ou menos estáveis. Esse fato faz com que surjam outros gêneros e que sejam identificados diferentes tipos. Ainda de acordo com Marchuschi (2002),

mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, p.19).

Optamos pelo artigo de opinião pelo fato de ser um texto de ampla divulgação e por possibilitar ao enunciador a oportunidade de expor seu ponto de vista diante de um fato, mediante estratégias argumentativas. Daí a possibilidade de verificar como vai se edificando a organização textual, garantindo a coerência entre porções maiores e menores do texto.

Nesse sentido, decidimos verificar a estrutura organizacional do artigo de opinião, que tem base argumentativa de discussão de fatos e opiniões, no que se refere às proposições relacionais que emergem entre as porções textuais e à articulação das orações que o compõem, em dois veículos de comunicação distintos: as revistas *Veja* e *Carta Capital*, durante o biênio 2009/2010. Procuramos verificar, à luz do Funcionalismo Linguístico e da Teoria da Estrutura Retórica do Texto, se há uma estrutura organizacional específica desse tipo de texto.

### **2. 3. 2 Seleção do *corpus* e procedimentos de análise**

Foi escolhido um gênero textual – o artigo de opinião – para ser analisado em relação à estrutura retórica e à articulação de orações por ser uma oportunidade de trabalharmos a língua em uso, visto que o nosso aporte teórico está alicerçado no Funcionalismo Linguístico.

Decidimos buscar os textos nas revistas *Veja* e *Carta Capital* por serem dois veículos de comunicação de ampla divulgação no país, que têm como público pessoas de diferentes classes sociais. Outro fator que nos levou a selecionar essas duas revistas foi o fato de elas terem um estilo diferente de se posicionarem diante dos fatos.

Após coletar e fazer uma leitura de trinta textos, que abordavam diferentes assuntos, sendo quinze de cada revista, foram selecionados dois artigos de opinião da revista *Veja* e dois da *Carta Capital*, englobando diferentes temáticas. Os textos selecionados são:

Texto 1. Construtivismo e destrutivismo (Claúdio de Moura Castro) - Revista *Veja*, 21/04/2010, p. 24. Temática: Educação

Texto 2. Juventude virtual (Thomaz Wood Jr.) – Revista *Carta Capital*, 26/02/2010 – <http://www.cartacapital.com.br> – Acessado em 10/08/2010. Temática: Os meios eletrônicos e a juventude.

Texto 3. Crucificar Monteiro Lobato? Lya Luft – *Veja*, 10/11/2010 – p. 26. Temática: Preconceito

Texto 4. Bons motivos (Antônio Delfim Netto) – *Carta Capital*, 08/12/2010, p. 35. Temática: Política

Depois de selecionados, os textos foram segmentados em unidades de informação (*idea units*) (UIs). Essas unidades são, para Chafe (1980) jatos de linguagem ou blocos de informação, que geralmente equivalem a uma oração, mas não necessariamente, podendo ser qualquer porção do texto que constitua um bloco informacional. As unidades de informação possibilitaram identificar a macro e a microestrutura textual de cada um, à luz do Funcionalismo Linguístico. Os dados obtidos foram analisados, conforme proposta de Halliday (1985/2004) e conforme a Teoria da Estrutura Retórica do Texto, de acordo com os funcionalistas da costa oeste norte-americana.

No compilado das unidades de informação, na microestrutura, não foi considerado o título, que tem a função de satélite em uma relação de apresentação do núcleo, constituído pelo texto. Esclarecemos, ainda, que consideramos o título como uma relação de apresentação, que não consta na RST, visto que, no nosso entendimento, ele tem a função de expor, dirigir ou convidar o interlocutor à leitura do texto.

Buscamos Halliday (1985/2004), no que se refere à combinação de orações, considerando a parataxe, a hipotaxe e o encaixamento e a Teoria da Estrutura Retórica, no que diz respeito à organização de partes maiores (macroestrutura) e menores do texto (microestrutura), no que se refere a organização das orações, mediante relações multinucleares ou de relações núcleo-satélite, a fim de se obter os dados para análise da estrutura do artigo de opinião. Contudo, foi dada mais ênfase às relações estabelecidas na microestrutura do texto, já que o objetivo maior deste trabalho está centrado na identificação de uma estrutura que caracterizaria o artigo de opinião.

Esclarecemos, ainda, que o Funcionalismo Linguístico, que foi suporte teórico para esta pesquisa, será melhor explicado no capítulo que trata da fundamentação teórica deste trabalho.

Concomitante à análise da articulação das orações, foram analisados os marcadores discursivos, uma vez que os textos os apresentam com frequência, tanto na macro quanto na microestrutura textual. Mais um aspecto considerado foi o emprego de modos e tempos verbais que estão a serviço da argumentação, isto é, como eles servem à elaboração de um texto opinativo.

## CAPÍTULO 3. Fundamentação teórica

### 3. 1 A gramática funcional: uma visão geral

Entende-se como Gramática Funcional, segundo a concepção de Neves (2004), uma teoria que trata da organização gramatical das línguas naturais, que, por sua vez, procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Nesse sentido, a gramática se diz funcional pelo fato de estar ligada ao uso social da língua e servir à comunicação dos interlocutores em um dado momento de interação linguística. Ainda de acordo com Neves (2004), a teoria da organização gramatical propõe que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, o que significa que o sistema gramatical não está pré-definido por regras cristalizadas e estabelecidas pela Gramática Tradicional, mas que está acessível às pressões de uso.

Segundo Hopper (1988), a gramática busca estabelecer as diferenças básicas apresentadas entre duas perspectivas de gramática às quais nomeou Perspectiva de Gramática *A priori* (AGP) e Perspectiva de Gramática Emergente (EG).

Hopper (1988) levanta, para estudos linguísticos, as possibilidades apresentadas por uma Gramática Emergente. Desse modo, as observações iniciais de Hopper (1988) se voltam para a concepção de que postulados norteariam esse tipo de gramática. Segundo o autor, a gramática em EG é um fenômeno secundário e periférico originário da comunicação e do entendimento e não vice-versa. É vista como um efeito e não como uma causa. Trata-se de formas que emergem, em tempo real e em processo contínuo do ato discursivo. Sendo assim, nota-se claramente que as formas gramaticais, observadas nessa perspectiva de “emergência”, não apresentam fixidez definitiva, e sim são construídas interativamente pelos locutores e sedimentadas pelo uso em determinados contextos comunicativos. Diante das características apresentadas para a gramática em EG, fica claro o contraste com a AGP, que pressupõe as formas como elementos estáticos anteriores a qualquer ato de comunicação.

Nessa veia, a Gramática Funcional leva em conta a função comunicativa, isto é, não considera apenas a capacidade que os indivíduos têm de “codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.” (NEVES, 2004, p. 15).

Segundo Du Bois (2003), a gramática funcional<sup>5</sup> está diretamente ligada ao discurso, uma vez que esses dois elementos (discurso e gramática) caminham juntos e interligados. Para esse autor, três pontos são relevantes para considerar a teoria da gramática funcional: primeiro, os falantes exploram a estrutura gramatical disponível para realizar seus objetivos de fala; segundo, o conjunto de tudo que os falantes fazem no discurso exibe um padrão recorrente que ultrapassa o previsto pelas regras gramaticais; terceiro, a estrutura gramatical emerge dos padrões discursivos: as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais.

### 3. 2 O Funcionalismo Linguístico

O Funcionalismo Linguístico é uma teoria que busca discutir a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diversos contextos em que elas são usadas, visando garantir a interação entre os falantes. Dessa forma, o funcionalismo trabalha com dados reais da fala ou da escrita, coletados de contextos efetivos de comunicação. Edifica-se por duas características básicas: primeiro, por postular que a língua desempenha funções que vão além do sistema linguístico, demarcado pelas estruturas da língua; segundo, porque as funções externas, como o propósito comunicativo dos falantes, interferem na organização externa do sistema linguístico. É uma teoria que privilegia a língua em uso, seus enunciados reais, concebidos na integração dos aspectos sintático, semântico e pragmático.

O Funcionalismo Linguístico teve suas origens na Escola Linguística de Praga, designação que se dá a um grupo de estudiosos da linguagem, da década de 20. Para esse grupo, “a linguagem, acima de tudo, permite ao homem reação e referência à realidade extralinguística.” (NEVES, 2004, p. 17).

Nessa perspectiva, as frases efetivamente realizadas são entendidas como unidades comunicativas e, para analisá-las, leva-se em conta o contexto verbal e o não verbal. Os pressupostos do funcionalismo defendidos pela Escola Linguística de Praga encontram ressonância no modelo de Halliday, que considera a Gramática Funcional mediante uma teoria denominada teoria sistêmico-funcional. Esclarecemos que a proposta de Halliday será tratada mais adiante, uma vez que seu modelo dá suporte teórico a essa pesquisa.

---

<sup>5</sup> A expressão *gramática funcional*, neste trabalho, não está fundamentada no modelo de Dik (1989).

Para Dik (1989), que também tem uma visão funcionalista, a língua não pode ser entendida como um conjunto de palavras “governado” por um conjunto de regras pré-definidas, mas “um instrumento de interação social entre os humanos, utilizado com a intenção de estabelecer relações comunicativas.” (DIK, 1989, p. 3). Para ele, essa interação verbal, entendida como a interação social, concretizada por meio da linguagem, é estabelecida mediante uma atividade cooperativa estruturada. Estruturada, uma vez que é governada por regras, normas e convenções; cooperativa, porque exige pelo menos dois participantes para que sejam atingidos seus objetivos comunicativos.

Nesse sentido, o funcionalismo busca a integração de componentes, que em gramáticas tradicionais são vistos e tratados isoladamente: a sintaxe, a semântica e a pragmática. Ainda em defesa da integração desses componentes, Dik (1989) defende três níveis de funções que organizam integradamente à estrutura do predicado: funções semânticas, funções sintáticas e funções pragmáticas. Na perspectiva de Dik (1989), Antônio (2004) afirma que as funções sintáticas, ocupadas pelo Sujeito e Objeto, especificam a perspectiva a partir da qual um estado de coisas é apresentado na expressão linguística; já as funções semânticas Agente, Meta, Receptor especificam os papéis dos referentes envolvidos no estado de coisas, designado pela predicação. Por outro lado, as funções pragmáticas Tema, Tópico, Foco especificam o estatuto informacional de um constituinte na situação comunicativa em que ocorrem.

Na mesma perspectiva de outros funcionalistas, Givón (1995) também é contrário à autonomia da língua e postula que a gramática não pode ser entendida de forma isolada, desconsiderando parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

Dessa forma, Givón (1995, p. 9) defende que os princípios basilares do funcionalismo são:

- a) a linguagem é uma atividade sociocultural;
- b) a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa;
- c) a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- d) a mudança e a variação estão sempre presentes;
- e) o significado é dependente de contexto e não atômico;
- f) as categorias não são discretas (no sentido de serem estanques);
- g) a estrutura é maleável, não rígida;
- h) as gramáticas são emergentes e as regras da gramática permitem desvios.

Nessa direção, os estudos funcionalistas de Decat (1993) apontam que uma visão funcional-discursiva da língua leva em conta fatores relevantes, como: o fato de uma unidade de informação ser considerada como unidade maior que a sentença; o intuito pelo qual o falante fez a escolha de determinadas estruturas gramaticais e em qual contexto essas estruturas foram usadas.

### 3.3 O Funcionalismo Linguístico de Halliday

O Funcionalismo Linguístico defendido por Halliday (1985/2004) e pela vertente funcionalista da costa oeste norte americana, na década de 90, representada por uma equipe de investigadores do *Information Sciences Institute*, William Mann, Sandra Thompson, Christiam Matthiessen e outros será discutido, nesta seção, com mais profundidade. Isso se explica pelo fato de esta pesquisa ter embasamento teórico, prioritário, nessas duas vertentes funcionalistas.

Para Halliday (1985/2004), os itens que se estruturam nos enunciados são multifuncionais e não pode ser considerada esgotada uma estrutura que se reduza à indicação das funções gramaticais. Ademais, Halliday busca a construção de uma teoria no interior do próprio sistema – a teoria sistêmico-funcional – fato esse que comprova, essencialmente, uma consideração funcional da própria natureza da linguagem, conforme afirma Neves (2004, p. 17). A teoria sistêmico-funcional caracteriza-se por uma teoria que concebe a língua enquanto escolha de estruturas linguísticas, selecionadas pelo falante, na interação linguística.

Halliday (1985) passa a defender apenas a gramática funcional, que para ele é, essencialmente, uma gramática “natural”, isto é, tudo nela pode ser explicado pela forma como a língua é usada pelo falante.

Na obra, *An introduction to functional grammar* (2004), Halliday traz o conceito de oração complexa, entendida sob o ponto de vista de como o fluxo de eventos é constituído no desenvolvimento do texto, no nível da semântica. Para ele, as orações são ligadas umas às outras por meio de algum tipo de relação lógico-semântica, para formar orações complexas, que, em uma narrativa, vão se emoldurando, mediante a realização de episódios. Ao mesmo tempo em que a sequência semântica de figuras é compreendida por uma série de orações complexas, na verdade, a gramática está construindo o episódio. Nesse sentido, a gramática compreende as figuras que caracterizam o episódio como cláusulas e combina essas orações dentro de complexos de orações, no nível frástico de análise. Enfim, o efeito semântico da

combinação de orações em uma oração complexa garante a integração firme no significado do texto como um todo. Embora a discussão sobre orações complexas tenha sido iniciada em narrativas, Halliday (2004) afirma que os vários exemplos de orações complexas no trabalho da criação de um texto estão todos baseados no mesmo princípio geral: orações complexas são formadas de relações que ligam orações, tipicamente um par por vez, como interdependentes umas das outras, em qualquer texto.

Halliday (2004) defende modelos básicos de oração complexa e expõe diferentes possibilidades de relações entre as cláusulas ou elementos oracionais que se caracterizam como primários ou secundários. Ele propõe um cruzamento de um eixo tático (*taxis*) e um eixo lógico-semântico, em que o grau de interdependência ou *taxis* subdivide em hipotaxe e parataxe. Nesse tipo de relação, as orações ligadas por uma relação lógico-semântica são interdependentes, que é o significado da estrutura relacional – uma oração é interdependente de outra unidade. Isso significa que orações entendidas como independentes em um complexo oracional podem ser tratadas como sendo de *status* igual ou como sendo de *status* desigual, o que é mostrado no quadro 1, a seguir.

QUADRO 1  
Os sistemas de oração complexa, segundo Halliday (1985)

| EIXO TÁTICO<br>EIXO<br>LÓGICO-SEMÂNTICO |  | PARATAXE   | HIPOTAXE  |
|---|--|--|---|
|   |  | Expansão   | Elaboração  |
| Extensão                                | Pedro se escondeu e Antônio fugiu pela porta dos fundos. |  | Pedro se escondeu ao passo que Antônio fugiu pela porta dos fundos. |
| Realce                                  | Pedro sentia-se culpado, então ele se entregou.          |  | Pedro se entregou porque se sentia culpado.                         |
| Projeção                                | Locução (processo verbal)                                | Pedro disse: estou indo para a casa de Antônio.                  | Pedro disse que estava indo para a casa de Antônio.                 |
|   | Ideia (processo mental)                                  | Pedro pensou consigo mesmo: “estou indo para a casa de Antônio”. | Pedro pensou em ir para a casa de Antônio.                          |

O grau de interdependência é conhecido tecnicamente como *taxis* e os dois graus diferentes de interdependência como parataxe (*status* igual) e hipotaxe (*status* desigual). Dessa forma, para Halliday (2004), hipotaxe é a relação entre um elemento dependente e seu dominante, o elemento do qual ele é dependente (*status* desigual). Por outro lado, está a

parataxe, que é a relação entre orações de *status* igual, uma iniciando e outra continuando a sentença. Essa definição e distinção entre parataxe e hipotaxe surgiu como uma estratégia gramatical importante para direcionar o desenvolvimento retórico do texto. Vale ressaltar que orações complexas são frequentemente formadas por um misto de orações paratáticas e hipotáticas.

No eixo tático (*taxis*), as orações paratáticas e hipotáticas, aliadas à relação de expansão, no eixo lógico-semântico, se dão de três formas, a saber: (i) *elaboração*, quando a oração seguinte traz a mesma informação da anterior, porém dito de outra forma, parafraseando-a; (ii) *extensão*, é um acréscimo de informação à oração anterior; (iii) *realce*, realiza-se mediante uma relação multiplicadora do sentido da outra oração, seria uma moldura dessa oração; esse tipo de relação ocorre nas orações classificadas como subordinadas adverbiais pela Gramática Tradicional. Já na projeção, as relações se dão: (i) por locução: concretiza-se por uma citação, uma fala direta, com ou sem conectivo; (ii) *por ideia*: o locutor pensa por ele mesmo uma determinada decisão, ou seja, é a expressão de um processo mental.

Diante do exposto, Halliday propõe um esquema para distinguir orações paratáticas e hipotáticas em uma oração complexa, o que é mostrado no quadro 2:

#### QUADRO 2

Orações primárias e secundárias em uma oração complexa, segundo Halliday (2004, p. 376)

| <b>TAXIS</b> | <b>Primária</b>   | <b>Secundária</b>                                      |
|--------------|---|--|
| Parataxe     | 1(orção inicial)  | 2(orção contínua)                                      |
|              | [Dona Benta se parecia com uma de minhas avós,]           | [e tia Nastácia era meu sonho de bondade e aconchego.] |
| Hipotaxe     | 1(orção dominante)  | 2(orção dependente)                                    |
|              | [Por isso, temos o direito de duvidar do construtivismo,] | [quando fica só na teoria.]                            |

Como pode ser observado no quadro 2, Halliday (2004) propõe que, na parataxe, encontra-se uma oração inicial e outra oração que é denominada oração contínua sendo ambas de *status* igual. Já na hipotaxe, encontra-se uma oração dominante, acompanhada de uma oração dependente.

Halliday (2004) defende, ainda, um mecanismo caracterizado como *encaixamento*. Nesse caso, uma oração funciona como elemento constituinte da outra oração que compõe a

oração complexa e é denominada *oração encaixada*. Essas orações são representadas, na Gramática Tradicional, pelas adjetivas restritivas e pelas substantivas, excluindo as apositivas.

Conclui-se que Halliday, em seu modelo funcionalista, também discorda de uma análise de elementos isolados de uma frase e defende uma análise funcionalista que leva em conta a “função de cada elemento em relação ao sistema linguístico (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) e em relação ao seu contexto de uso (pragmática).” (ANTONIO, 2004, p. 24).

### **3.4 Teoria da Estrutura Retórica do Texto (*Rhetoric Structural Theory – RST*)**

A Teoria da Estrutura Retórica do Texto originou-se do trabalho de investigação em geração automática de texto, realizado, por volta de 1983, por uma equipe de investigadores do *Information Sciences Institute - University of South California*<sup>6</sup>, como Willian Mann, Sandra Thompson e Christian Matthiessen. A justificativa desse estudo foi pautada na não existência, até então, de uma teoria que se embasasse na estrutura ou nas funções discursivas adequadas para gerar textos.

Segundo Mann & Thompson (1983), Mann (1984) e Matthiessen & Thompson (1988), a Teoria da Estrutura Retórica do Texto é uma teoria descritiva que não entende o texto como uma mera sequência de frases e tem como objetivo estudar a sua organização, para identificar e caracterizar as relações que se estabelecem entre as partes do texto, bem como explicar a coerência textual. Segundo Charolles (1988) o conceito de coerência encontra-se ultrapassado, por isso ele propõe quatro metarregras da coerência textual em que procura articular elementos da constituição semântica e formal do texto. Nesse sentido, Charolles (1988) apresenta a primeira metarregra, denominada como metarregra de repetição, afirmando que para um texto ser coerente tem que haver, em seu desenvolvimento, elementos de recorrência escrita, reiterando o que foi dito; a segunda, metarregra de progressão propõe que para um texto ser coerente é preciso que haja no seu desenvolvimento uma contribuição semântica constantemente renovada; a terceira, a metarregra da não contradição diz que para que um texto seja coerente, é preciso que no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta por inferência; por último, a metarregra da relação, afirmando o seguinte: para que uma sequência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se

---

<sup>6</sup>Instituto de Ciências da Universidade do Sul da Califórnia.

denotam no mundo representado estejam relacionados. Essa regra, proposta por Charolles (1988), se materializa mediante a utilização de conectivos e de articuladores textuais.

Nesse contexto, e conforme propõe a RST, cada parte do texto possui uma função específica que caracteriza sua existência e que vai edificando a coerência textual.

De acordo com Mann e Thompson (1988), o analista que propõe analisar um texto deve fazer sua avaliação a partir de julgamentos de plausibilidade, uma das características da RST, visto que ele não conhece as reais intenções do produtor do texto, ou seja, embasado nas informações que tem a respeito do produtor, o analista julga se as relações retóricas identificadas na análise são ou não plausíveis.

Ademais, a RST baseia-se em pressupostos teóricos, tais como:

(i) os textos são constituídos por grupos de orações que se relacionam hierarquicamente entre si de diferentes formas;

(ii) as relações que se estabelecem entre as orações podem ser descritas na intenção comunicativa do enunciador e na avaliação que o enunciador faz do enunciatário, sendo que esses dois aspectos refletem as escolhas que o falante ou enunciador assumiu para organizar e apresentar seus conceitos;

(iii) percebe-se, na organização textual, a predominância das relações de núcleo-satélite, em que uma parte do texto serve como subsídio da outra.

De acordo com Mann & Thompson (1983) e Matthiessen & Thompson (1988), além de apresentar um conteúdo proposicional explícito, demonstrado pelas orações que o formam, o texto carrega, inclusive, proposições implícitas, denominadas proposições relacionais<sup>7</sup>, surgidas das relações que se estabelecem entre porções do texto. Essas relações são fundamentais para o funcionamento do texto, pois elas garantem a coerência textual e podem acontecer entre as partes maiores, denominadas macroestrutura, ou entre orações, denominadas microestrutura do texto. Vale ressaltar que o conceito de macro e de microestrutura foi adotado segundo Van Dijk (1993) para quem macroestrutura é entendida como uma estrutura cognitiva de significado mais geral que dá unidade e coerência ao texto e microestrutura se refere às frases apresentadas em um texto - oral ou escrito, que se transformam em macroestruturas a partir de "regras de mapeamento", como cancelamento de detalhes não importantes, generalização de situações, construção de novas sequências frasais.

---

<sup>7</sup>Proposição relacional foi aqui concebida tal qual é tratada por Mann e Thompson (1983) e Matthiessen & Thompson (1988), isto é, são as relações que emergem entre as maiores ou as menores partes do texto, garantindo a coerência entre essas partes, ao mesmo tempo que constroem a rede retórica desse texto.

Depois de analisar um número significativo de textos, capaz de validar a proposta da Teoria da Estrutura Retórica do Texto, Mann & Thompson (1987) apresentam uma lista de aproximadamente 25 relações. Contudo, essa lista não é um rol fechado e definitivo, mas um número suficiente para descrever as relações identificadas na maioria dos textos analisados. Outras relações podem ser identificadas ao serem analisados outros textos.

Na nossa análise, consideramos, inclusive, a relação de modo, de acordo com Mann & Thompson (1983/1985, *apud* ANTONIO, 2004, p. 163) e de conclusão, proposta por PARDO (2005), conforme a explicação a seguir:

|  |
|--|
| <b>Nome da relação:</b> MODO   |
| <b>Restrições sobre N:</b> apresenta uma atividade                             |
| <b>Restrições sobre S:</b> apresenta o modo como a ação de N é realizada.      |
| <b>Efeito:</b> o ouvinte/leitor reconhece o modo como a ação de N é realizada. |

|  |
|--|
| <b>Nome da relação:</b> CONCLUSÃO  |
| <b>Restrições sobre N:</b> não há.   |
| <b>Restrições sobre S:</b> S baseia-se no que é apresentado em N.                                    |
| <b>Restrições sobre N+S<sup>8</sup>:</b> apresenta um fato concluído a partir da interpretação de N. |
| <b>Efeito:</b> o leitor reconhece que S é uma conclusão produzida devido à interpretação de N.       |

Para atender à análise exigida pelos dados obtidos, propomos a relação de adição e a relação de apresentação, que definimos da seguinte maneira:

|   |
|---|
| <b>Nome da relação:</b> ADIÇÃO  |
| <b>Restrições sobre N:</b> não há   |
| <b>Restrições sobre S:</b> S baseia-se no que é apresentado em N.   |
| <b>Restrições sobre N+S:</b> apresenta uma porção, trazendo uma informação que se acrescenta à que é apresentada no núcleo. |
| <b>Efeito:</b> o leitor reconhece que a informação se torna mais abrangente e mais completa, devido à união de N+S.         |

<sup>8</sup> N: refere-se a núcleo e S refere-se a satélite.

|   |
|---|
| <b>Nome da relação:</b> APRESENTAÇÃO  |
| <b>Restrições sobre N:</b> não há   |
| <b>Restrições sobre S:</b> S é criado a partir do conteúdo veiculado por N.                       |
| <b>Restrições sobre N+S:</b> S apresenta uma informação que alerta o leitor para o conteúdo de N. |
| <b>Efeito:</b> o leitor reconhece que S convida à leitura de N.                                   |

Esclarecemos que a relação de apresentação proposta por nós é entendida como uma proposição relacional que emerge entre uma porção (o título do texto) e a outra porção, que é o texto como um todo, portanto, não diz respeito às funções globais das relações propostas por Mann e Taboada (2009), conforme quadro 3, em anexo.

Segundo esse autor, as funções globais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos: as que se referem à **apresentação** da relação, com o objetivo de aumentar a inclinação do enunciatário a agir, concordar, acreditar ou aceitar o conteúdo do núcleo; e as que se referem ao **conteúdo**, que têm a função de levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão. A seguir, apresentaremos os dois grupos de relações, considerando a função global de cada um:

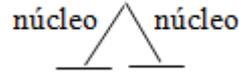
a) **apresentação:** motivação, antítese, *background*, evidência, justificativa, concessão, preparação, elaboração, reformulação, resumo.

b) **conteúdo:** alternativa, circunstância, elaboração, interpretação, avaliação, resumo, senão, causa involuntária, causa voluntária, condição, condição inversa, elaboração, incondicional, método, propósito, resultado involuntário, resultado voluntário, solução.

Com base na organização, as relações dividem-se em dois grupos: relações multinucleares, em que uma porção não é ancilar à outra e as relações núcleo-satélite, em que uma porção é ancilar à outra. As relações de núcleo-satélite se identificam, conforme esses autores, com o que está em (a) e (b) acima. Já as relações multinucleares são do tipo: conjunção, contraste, disjunção, lista, reformulação multinuclear e sequência. Todas as relações acima apontadas são mostradas no quadro das Relações Retóricas, segundo Mann (2009), nos Anexos deste trabalho.

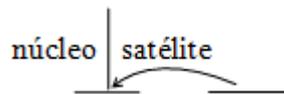
Ao analisar um texto à luz da Teoria da Estrutura Retórica, as relações são demonstradas, segundo Mann e Thompson (1983), mediante diagramas, que demonstram os esquemas das porções textuais, a saber:

a) **Relações multinucleares:** uma porção de texto<sup>9</sup> não é ancilar a outra; nesse tipo de relação, cada porção de texto representa um núcleo distinto, como é demonstrado no esquema 1:



ESQUEMA 1: Relação multinuclear

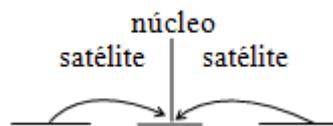
b) **Relações núcleo-satélite:** Uma porção do texto (satélite) é ancilar à outra (núcleo). Essa relação é demonstrada no esquema 2, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que tem a função de núcleo. O núcleo é demonstrado pela linha vertical. Aqui, o satélite pode aparecer antes ou depois do núcleo.



ESQUEMA 2: Relação núcleo-satélite, com o satélite depois do núcleo.



ESQUEMA 3: Relação de núcleo-satélite, com o satélite antes do núcleo.



ESQUEMA 4: Relação núcleo-satélite, com satélite antes e depois do núcleo.

Os esquemas caracterizam-se como padrões pré-definidos que especificam como as porções do texto se relacionam, a fim de formar porções maiores ou todo o texto. As curvas indicam as relações estabelecidas, as linhas horizontais representam as porções do texto e as verticais representam os núcleos, conforme demonstrado nos esquemas (1 – 4). Existe um grande número de esquemas como o esquema 2, com um núcleo e um ou dois satélites – são

<sup>9</sup> Porção de texto: no original, *text span*, refere-se a um intervalo linear do texto, sem interrupção. (Mann & Thompson, 1987).

as relações núcleo-satélite. Outras relações têm mais de um núcleo, como o esquema 1, que exemplifica as relações multinucleares.

Ao serem aplicados em um texto, os esquemas não seguem, obrigatoriamente, os padrões pré-estabelecidos, podendo haver variações, como se observa nas convenções abaixo:

- a) a ordem em que aparece o núcleo e o satélite não é fixa;
- b) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes forem necessárias;
- c) em esquemas multinucleares, as relações individuais são opcionais, porém, pelo menos uma das relações deve ser estabelecida.

Nas palavras de Antonio (2001, p. 21), a estrutura retórica de um texto, representada por um diagrama arbóreo, é definida pela rede de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. De acordo com Mann & Thompson (1983), a estrutura retórica do texto é funcional, uma vez que considera as funções que as porções do texto assumem, para atingir o objetivo global para o qual foi produzido.

## CAPÍTULO 4: Análise dos dados

Para procedermos à análise dos textos selecionados, foi levado em conta o Funcionalismo Linguístico, tal como defendido pelos linguistas da costa oeste americana, no qual está inserida a Teoria da Estrutura Retórica do Texto – RST. As relações retóricas foram identificadas, com base no quadro 3. Contudo, foi considerada por nós a relação de modo, referendada pela classificação de Mann e Thompson (1983/1985), de conclusão proposta por PARDO (2005), adição e apresentação propostas por nós, neste trabalho. Aliada à RST, e sempre que cabível, foi considerada a Teoria Sistêmico-Funcional de Halliday (1985/2004), mais especificamente o que se refere à parataxe, à hipotaxe e ao encaixamento. Foram analisados quatro textos enumerados no Capítulo 2, na seção, 2.3.2, que trata da Metodologia, e retomo para facilitar a identificação:

Texto 1. Construtivismo e destrutivismo (Cláudio de Moura Castro) - Revista *Veja*, 21/04/2010, p. 24. Temática: Educação

Texto 2. Juventude virtual (Thomaz Wood Jr.) – Revista *Carta Capital*, 26/02/2010 – <http://www.cartacapital.com.br> – Acessado em 10/08/2010. Temática: Os meios eletrônicos e a juventude.

Texto 3. Crucificar Monteiro Lobato? Lya Luft – *Veja*, 10/11/2010 – p. 26. Temática: Preconceito

Texto 4. Bons motivos (Antônio Delfim Netto) – *Carta Capital*, 08/12/2010, p. 35. Temática: Política

Esclarecemos que, embora sejam computadas as unidades de informação apresentadas em cada texto, nossa análise é qualitativa, visto que nosso objetivo maior foi identificar se haveria uma organização específica do artigo de opinião no que se refere às relações retóricas. A contagem das unidades de informação serviu com um suporte para atingirmos o nosso objetivo.

Esclarecemos, ainda, que a parte do artigo caracterizada, na linguagem jornalística, como “olho”<sup>10</sup>, não foi considerada integrante do texto, visto que a apresentação dela cabe à editoração da revista, portanto, é de responsabilidade do editor e não do autor do artigo de opinião.

---

<sup>10</sup> “Olho” Recurso de edição mais usado (...) para anunciar os melhores trechos de textos longos e arejar a leitura. Em geral, tem apenas três linhas de texto, centralizadas, nas quais se destacam frases relevantes e sugestivas do artigo, entrevista ou transcrição. (Folha *Online* – Círculo Folha).

Para a análise, os textos foram divididos em dois grandes blocos, sendo que o título de todos eles, estabelece uma relação de apresentação em relação ao núcleo. Dessa forma, I - [título] e II - [todo o texto] estão interligados por uma relação núcleo-satélite, já que (I) é ancilar a (II), que, por sua vez, traz a informação central da discussão do autor.

Passamos à segmentação dos textos a fim de identificar a macroestrutura textual.

#### 4. 1 Texto 1: Construtivismo e destrutivismo – Cláudio de Moura Castro

##### Construtivismo e destrutivismo

Cláudio de Moura Castro

**"O construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode ser útil na sala de aula. Mas, nos seus desdobramentos espúrios, vira uma cruzada religiosa, claramente nefasta ao ensino"**

Minha missão é árdua: quero desvencilhar o construtivismo dos seus discípulos mais exaltados, culpados de transformar uma ideia interessante em seita fundamentalista. O construtivismo busca explicar como as pessoas aprendem. Prega que o processo educativo não é uma sequência de pílulas que os alunos engolem e decoram. É necessário que eles *construam* em suas mentes os arcabouços mentais que permitem entender o assunto em pauta. Essa visão leva à preocupação legítima de criar os contextos, metáforas, histórias e situações que facilitem aos alunos "construir" seu conhecimento. Infelizmente, o construtivismo borbulha com interpretações variadas, algumas espúrias e grosseiras. Vejo quatro tipos de equívoco.

O primeiro engano é pensar que teria o monopólio da verdade - aliás, qual das versões do construtivismo? As hipóteses de Piaget e Vigotsky coexistem com o pensamento criativo de muitos outros educadores e psicólogos. Dividir o mundo entre os iluminados e os infieis jamais é uma boa ideia.

O segundo erro é achar que todo o aprendizado requer os andaimes mentais descritos pelo construtivismo. Sem maiores elaborações intelectuais, aprendemos ortografia, tabuadas e o significado de palavras.

O terceiro é aceitar uma teoria científica como verdadeira por conta da palavra de algum guru. Em toda ciência respeitável, as teorias são apenas um ponto de partida, uma explicação possível para algum fenômeno do mundo real. Só passam a ser aceitas quando, ao cabo de observações rigorosas, encontram correspondência com os fatos. Einstein disse que a luz fazia curva. Bela e ambiciosa hipótese! Mas só virou teoria aceita quando um eclipse em Sobral, no Ceará, permitiu observar a curvatura de um fecho luminoso. O construtivismo não escapa dessa sina. Ou passa no teste empírico ou vai para o cemitério da ciência - de resto, lotado de teorias lindas.

Não obstante, muitos construtivistas acham que a teoria se basta em si. De fato, não a defendem com números. Obviamente, nem tudo se mede com números. Mas, como na educação temos boas medidas do que os alunos aprenderam, não há desculpas para poupar essa teoria da tortura do teste empírico, imposto às demais. Por isso, temos o direito de duvidar do construtivismo, quando fica só na teoria. Mas o que é pior: outros testaram as ideias construtivistas, não encontrando uma correspondência robusta com os fatos. Por exemplo, orientações construtivistas de alfabetizar não obtiveram bons resultados em pesquisas metodologicamente à prova de bala.

O quarto erro, de graves consequências, é supor que, como cada um aprende do seu jeito, os materiais de ensino precisam se moldar infinitamente, segundo cada aluno e o seu mundinho. Portanto, o professor deve criar seus materiais, sendo rejeitados os livros e manuais padronizados e que explicam, passo a passo, o que aluno deve fazer.

Desde a Revolução Industrial, sabemos que cada tarefa deve ser distribuída a quem a pode fazer melhor. Assim é feito um automóvel e tudo o mais que sai das fábricas. Na educação, também é assim. Os materiais detalhados são amplamente superiores às improvisações de professores sem tempo e sem preparo.

De fato, centenas de pesquisas rigorosas mostram as vantagens dos materiais estruturados ou planejados no detalhe. Seus supostos males são pura invenção de seitas locais. Quem nega essas conclusões precisa mostrar erros metodológicos nas pesquisas. Ou admitir que não acredita em ciência.

Aliás, nada há no construtivismo que se oponha a materiais detalhados. Entre os construtivistas americanos, muitos acreditam ser impossível aplicar o método sem manuais passo a passo.

Em suma, o construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode ser útil na sala de aula. Mas, nos seus desdobramentos espúrios, vira uma cruzada religiosa, claramente nefasta ao ensino.

(Revista Veja, nº 16, p. 24, 21/04/2010)

#### **4. 1. 1 Análise da macroestrutura do Texto 1**

Para proceder a análise da macroestrutura desse e dos outros textos, foram, primeiro, identificadas as porções que compõem cada texto.

**Bloco I (Porção 1)** Título: Construtivismo e destrutivismo – satélite do núcleo representado pelo Bloco II, em uma relação de apresentação.

**Bloco II (Porções 2 – 4):** núcleo da relação núcleo-satélite

**Porção 2.** *Minha missão é árdua: quero desvencilhar o construtivismo dos seus discípulos mais exaltados, culpados de transformar uma ideia interessante em seita fundamentalista. O construtivismo busca explicar como as pessoas aprendem. Prega que o processo educativo*

*não é uma sequência de pílulas que os alunos engolem e decoram. É necessário que eles construam em suas mentes os arcabouços mentais que permitem entender o assunto em pauta. Essa visão leva à preocupação legítima de criar os contextos, metáforas, histórias e situações que facilitem aos alunos "construir" seu conhecimento.*

**Porção 3.** *Infelizmente, o construtivismo borbulha com interpretações variadas, algumas espúrias e grosseiras. Vejo quatro tipos de equívoco.*

*O primeiro engano é pensar que teria o monopólio da verdade - aliás, qual das versões do construtivismo? As hipóteses de Piaget e Vigotsky coexistem com o pensamento criativo de muitos outros educadores e psicólogos. Dividir o mundo entre os iluminados e os infiéis jamais é uma boa ideia.*

*O segundo erro é achar que todo o aprendizado requer os andaimes mentais descritos pelo construtivismo. Sem maiores elaborações intelectuais, aprendemos ortografia, tabuadas e o significado de palavras.*

*O terceiro é aceitar uma teoria científica como verdadeira por conta da palavra de algum guru. Em toda ciência respeitável, as teorias são apenas um ponto de partida, uma explicação possível para algum fenômeno do mundo real. Só passam a ser aceitas quando, ao cabo de observações rigorosas, encontram correspondência com os fatos. Einstein disse que a luz fazia curva. Bela e ambiciosa hipótese! Mas só virou teoria aceita quando um eclipse em Sobral, no Ceará, permitiu observar a curvatura de um fecho luminoso. O construtivismo não escapa dessa sina. Ou passa no teste empírico ou vai para o cemitério da ciência - de resto, lotado de teorias lindas.*

*Não obstante, muitos construtivistas acham que a teoria se basta em si. De fato, não a defendem com números. Obviamente, nem tudo se mede com números. Mas, como na educação temos boas medidas do que os alunos aprenderam, não há desculpas para poupar essa teoria da tortura do teste empírico, imposto às demais. Por isso, temos o direito de duvidar do construtivismo, quando fica só na teoria. Mas o que é pior: outros testaram as ideias construtivistas, não encontrando uma correspondência robusta com os fatos. Por exemplo, orientações construtivistas de alfabetizar não obtiveram bons resultados em pesquisas metodologicamente à prova de bala.*

*O quarto erro, de graves consequências, é supor que, como cada um aprende do seu jeito, os materiais de ensino precisam se moldar infinitamente, segundo cada aluno e o seu mundinho. Portanto, o professor deve criar seus materiais, sendo rejeitados os livros e manuais padronizados e que explicam, passo a passo, o que aluno deve fazer.*

*Desde a Revolução Industrial, sabemos que cada tarefa deve ser distribuída a quem a pode fazer melhor. Assim é feito um automóvel e tudo o mais que sai das fábricas. Na educação, também é assim. Os materiais detalhados são amplamente superiores às improvisações de professores sem tempo e sem preparo.*

*De fato, centenas de pesquisas rigorosas mostram as vantagens dos materiais estruturados ou planejados no detalhe. Seus supostos males são pura invenção de seitas locais. Quem nega essas conclusões precisa mostrar erros metodológicos nas pesquisas. Ou admitir que não acredita em ciência.*

*Aliás, nada há no construtivismo que se oponha a materiais detalhados. Entre os construtivistas americanos, muitos acreditam ser impossível aplicar o método sem manuais passo a passo.*

**Porção 4.** *Em suma, o construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode ser útil na sala de aula. Mas, nos seus desdobramentos espúrios, vira uma cruzada religiosa, claramente nefasta ao ensino.*

A seguir, o diagrama arbóreo da macroestrutura do texto 1.

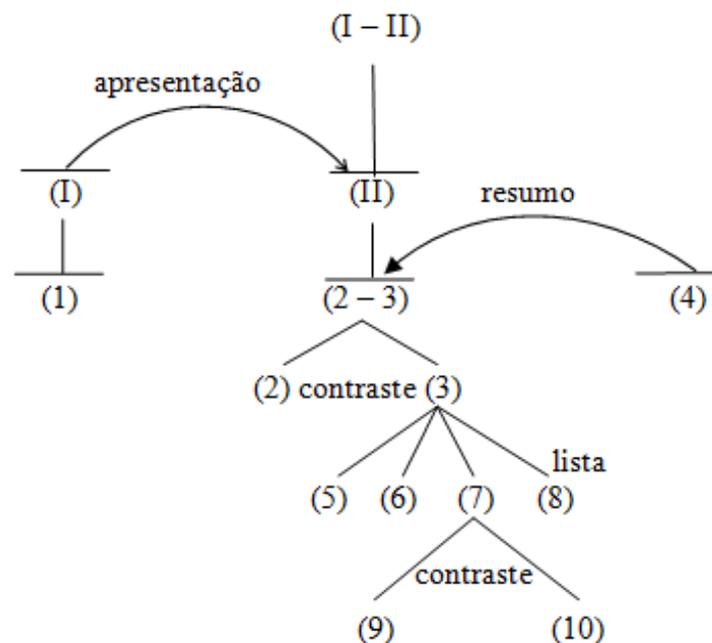


DIAGRAMA 1a: Macroestrutura do Texto 1.

Para melhor compreensão da macroestrutura, apresentamos somente para o Texto 1, um diagrama alternativo. Trata-se do diagrama 1b, a seguir:

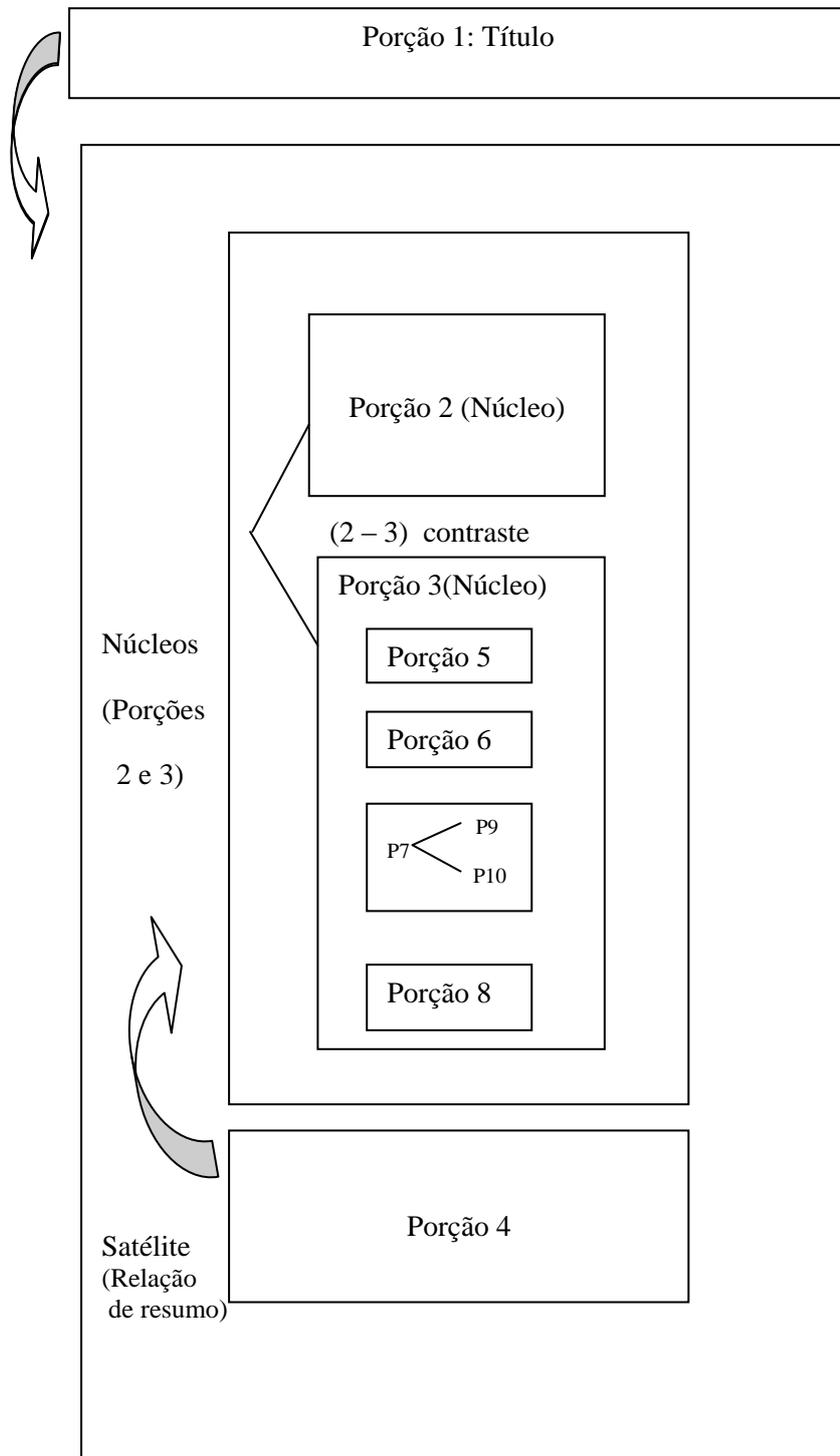


DIAGRAMA 1b: Macroestrutura do Texto 1

Para fazer a análise da estrutura retórica dos textos opinativos que compõem o *corpus* desta pesquisa, embasamo-nos no Funcionalismo Linguístico, especificamente, nos pressupostos teóricos da RST e no modelo defendido por Halliday (1985 – 2004) no que concerne à parataxe, à hipotaxe e ao encaixamento.

Esclarecemos que, na macroestrutura, consideramos somente a RST para proceder à análise da estrutura retórica do texto no que se refere às porções maiores, visto que Halliday (1985/2004), embora considere a semântica em sua teoria sistêmico-funcional, trata da análise frástica, isto é, leva em conta as relações entre orações.

Para a análise, o texto foi dividido em blocos ou porções maiores, denominadas macroestrutura do texto, considerando o conceito de tópico na concepção de Koch (1995), para quem tópico caracteriza-se como “aquilo sobre o que se fala” (KOCH, 1995, p. 72). As partes que formam a microestrutura coincidem ou não com os parágrafos do texto. Em seguida, o artigo foi segmentado em porções menores, identificadas como unidades de informação, ou pelas orações, formando a microestrutura.

Primeiramente, foi analisada a macroestrutura do texto; depois, a microestrutura, quando foram identificadas as unidades de informação e, sobretudo, as relações que emergem entre essas partes. O nosso objetivo central localiza-se na ideia de verificar as incidências de certos tipos de relações retóricas, a fim de verificar se há uma organização específica que caracteriza o artigo de opinião.

Nessa concepção, foram identificados, no artigo em pauta – *Construtivismo e destrutivismo* de Cláudio de Moura Castro –, quatro grandes porções de informação, constituindo, assim, a macroestrutura textual.

Bloco I: o satélite em relação ao Bloco II, que é o núcleo. O bloco I é constituído de uma única porção, que é o título.

Porção 1. Título: [Construtivismo e destrutivismo] - Conforme dito acima, o título constitui a primeira porção do texto.

Bloco II: o núcleo da relação núcleo-satélite, constituído pelas porções (2 – 4).

Segundo Matthiessen & Thompson (1985), a porção 2 ou núcleo exibe uma relação multinuclear, em relação à porção 3(ou núcleo 3), que se segue no texto, em uma relação binária de contraste. Na porção 2, o autor do artigo expõe sua tese [*Minha missão é árdua: quero desvencilhar o construtivismo dos seus discípulos mais exaltados, culpados de transformar uma ideia interessante em seita fundamentalista.*] e continua expondo a sua opinião sobre o construtivismo. Já na porção 3, que se inicia pelo operador argumentativo “*Infelizmente*”, o enunciador já se coloca contrário às ideias descritas na porção 2. Percebe-se

a força argumentativa desse operador discursivo que permite, de pronto, a posição do autor em relação à tese apresentada, ao dizer que [*Infelizmente, o construtivismo borbulha com interpretações variadas, algumas espúrias e grosseiras(...)*]. Esse modalizador discursivo tem o valor semântico de *mas, contudo*, o que reforça a ideia de contraste.

Concluindo o texto, temos a porção 4, um satélite que se inicia com o marcador discursivo [*Em suma*] e resume os argumentos do autor sobre o construtivismo, estabelecendo uma relação de resumo, considerando todo o texto, ou seja, as porções (2 – 3). Nesse satélite, o autor encerra seus argumentos, dizendo que, por um lado o construtivismo é uma hipótese teórica atraente, contudo, pode virar uma cruzada religiosa nefasta ao ensino, se não for bem entendido e trabalhado.

Vale ressaltar, ainda, que a porção 3 foi subdividida em 4 outros núcleos, ou porções menores (5 – 8) e traz a enumeração, em forma de lista dos quatro equívocos oriundos das variadas interpretações do construtivismo. Essa relação de lista explica-se pelo fato de não haver uma ordem sequencial dos equívocos, mas uma escolha do autor para a exposição deles. É notória uma relação de contraste na porção 7, resultando em duas outras (9 – 10). Trata-se da crítica do autor ao dizer que uma teoria científica é aceita apenas pela palavra de um guru, sem buscar, mediante observações rigorosas, correspondências para os fatos; e a parte seguinte, quando relata que muitos construtivistas acham que a teoria basta em si, e não a defendem com números, o que leva as pessoas a duvidarem dela.

Ao concluir a análise da estrutura retórica da macroestrutura do texto, verifica-se que a RST, segundo Mann (1984), é uma teoria perfeitamente aplicável a qualquer texto, uma vez que, no artigo de opinião, foi explicada a sua estruturação em porções maiores, explicitando a coerência textual, à medida que os argumentos foram demonstrados.

#### **4. 1. 2 Análise da microestrutura do Texto 1**

O texto foi dividido em unidades de informação, de acordo com Chafe (1980, *apud* DECAT, 2010, p. 233), para quem elas são ““jatos de linguagem” ou “blocos de informação”, que geralmente equivalem a uma oração, mas não necessariamente, podendo ser qualquer porção do texto que constitua uma unidade de informação”.

A seguir, apresentamos o texto dividido em unidades de informação, delimitadas por colchetes<sup>11</sup>. A segmentação do texto em UIs possibilita a análise da sua microestrutura. Esclarecemos, ainda, que a seta (→) indica uma relação núcleo-satélite estabelecida entre a primeira e a segunda unidades de informação apresentadas; já as UIs entre parênteses, separadas por um traço (-), seguidas de dois pontos (:), indicam uma relação multinuclear.

Texto 1:

1. [Minha missão é árdua:] *núcleo em relação a (2-6).*
2. [quero desvencilhar o construtivismo dos seus discípulos mais exaltados, culpados de transformar uma ideia interessante em seita fundamentalista.]
3. [O construtivismo busca explicar como as pessoas aprendem.]
4. [Prega que o processo educativo não é uma sequência de pílulas que os alunos engolem e decoram.]
5. [É necessário que eles construam em suas mentes os arcabouços mentais que permitem entender o assunto em pauta.]
6. [Essa visão leva à preocupação legítima de criar os contextos, metáforas, histórias e situações que facilitem aos alunos "construir" seu conhecimento.] (2 – 6) → 1 *motivo*  
(2 – 6): *lista*
7. [Infelizmente, o construtivismo borbulha com interpretações variadas, algumas espúrias e grosseiras.] (7) → (2 – 6) *resumo*
8. [Vejo quatro tipos de equívoco.] (8) *núcleo*
9. [O primeiro engano é pensar que teria o monopólio da verdade – aliás, qual das versões do construtivismo?] (9) *núcleo*
10. [As hipóteses de Piaget e Vigotsky coexistem com o pensamento criativo de muitos outros educadores e psicólogos.]
11. [Dividir o mundo entre os iluminados e os infiéis jamais é uma boa ideia.]  
(10 – 11): *lista*  
(10 – 11) → (9) *elaboração*
12. [O segundo erro é achar que todo o aprendizado requer os andaimes mentais descritos pelo construtivismo.] (12) *núcleo em relação a (13)*

---

<sup>11</sup> Colchetes: todos os textos do *corpus* serão segmentados em unidades de informação, delimitadas por colchetes [ ].

13. [Sem maiores elaborações intelectuais, aprendemos ortografia, tabuadas e o significado de palavras.] (13) → (12) *elaboração*
14. [O terceiro é aceitar uma teoria científica como verdadeira por conta da palavra de algum guru.] *núcleo*
15. [Em toda ciência respeitável, as teorias são apenas um ponto de partida, uma explicação possível para algum fenômeno do mundo real.] (15) → (14) *motivo*
16. [Só passam a ser aceitas] (16) *núcleo em relação a* (17).
17. [quando, ao cabo de observações rigorosas, encontram correspondência com os fatos.] (17 → 16) *circunstância*
18. [Einstein disse que a luz fazia curva.] (18) *núcleo em relação a* (19).
19. [Bela e ambiciosa hipótese!] (19) → (18) *avaliação*
20. [Mas só virou teoria aceita]
21. [quando um eclipse em Sobral, no Ceará, permitiu observar a curvatura de um fecho luminoso.] (20 – 21) → (18 – 19) *contraste*  
(21) → (20) *circunstância*
22. [O construtivismo não escapa dessa sina.] (22) *núcleo em relação a* (23 – 24)
23. [Ou passa no teste empírico]
24. [ou vai para o cemitério da ciência - de resto, lotado de teorias lindas.] (23 – 24) → *elaboração de* (22).  
(23 – 24): *disjunção*
25. [Não obstante, muitos construtivistas acham que a teoria se basta em si.] (25) *núcleo em relação a* (26 – 35).
26. [De fato, não a defendem com números.] 26 → 25 *evidência*
27. [Obviamente, nem tudo se mede com números.] (27) *núcleo*
28. [Mas não há desculpas]
29. [para poupar essa teoria da tortura do teste empírico, imposto às demais.] (29) → (28) *propósito*
30. como na educação temos boas medidas do que os alunos aprenderam,] (28 -30) → *antítese em relação a* (27)  
(30) → (29) *comparação*
31. [Por isso, temos o direito de duvidar do construtivismo, ] (31) *núcleo em relação a* (32)
32. [quando fica só na teoria.] (32) → 31 *circunstância*
33. [Mas o que é pior: outros testaram as ideias construtivistas,]

34. [não encontrando uma correspondência robusta com os fatos.] (34 – 33): *lista*
35. [Por exemplo, orientações construtivistas de alfabetizar não obtiveram bons resultados em pesquisas metodologicamente à prova de bala.] (35) → (33 - 34) *evidência*
36. [O quarto erro, de graves consequências, é supor que os materiais de ensino precisam se moldar infinitamente, segundo cada aluno e o seu mundinho.] *núcleo em relação a* (37).
37. [como cada um aprende do seu jeito,] (37) → (36) *modo*  
(36 – 37) → *núcleo em relação a* (38 – 39).
38. [Portanto, o professor deve criar seus materiais,] (37 – 38) → (36 – 37) → *conclusão*
39. [sendo rejeitados os livros e manuais padronizados e que explicam, passo a passo, o que aluno deve fazer.] (39 – 38): *lista*
40. [Desde a Revolução Industrial, sabemos que cada tarefa deve ser distribuída a quem a pode fazer melhor.] (40) *núcleo em relação a* (41)
41. [ Assim é feito um automóvel e tudo o mais que sai das fábricas.] (41) → (40) *elaboração*
42. [Na educação, também é assim.] (42) *núcleo em relação a* (43)
43. [Os materiais detalhados são amplamente superiores às improvisações de professores sem tempo e sem preparo.] (43) → (42) *elaboração*
44. [De fato, centenas de pesquisas rigorosas mostram as vantagens dos materiais estruturados ou planejados no detalhe.] (44) *núcleo em relação a* (45 – 49)
45. [Seus supostos males são pura invenção de seitas locais.]
46. [Quem nega essas conclusões precisa mostrar erros metodológicos nas pesquisas.]
47. [Ou admitir que não acredita em ciência.] (46 – 47): *disjunção*
48. [Aliás, nada há no construtivismo que se oponha a materiais detalhados.]
49. [Entre os construtivistas americanos, muitos acreditam ser impossível aplicar o método sem manuais passo a passo.] (45 – 49): *lista*
50. [Em suma, o construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode ser útil na sala de aula.]
51. [Mas, nos seus desdobramentos espúrios, vira uma cruzada religiosa, claramente nefasta ao ensino. (51- 50): *contraste*

Optamos por transcrever a tabela de ocorrência de relações retóricas<sup>12</sup> com o objetivo de orientar a análise dos dados obtidos:

TABELA 1  
Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto

| <b>Classificação</b>     | <b>Relação retórica</b> | <b>Ocorrência</b> |
|--------------------------|-------------------------|-------------------|
| Relações multinucleares  | Contraste               | 2                 |
|                          | Disjunção               | 2                 |
|                          | Lista                   | 15                |
| Relações núcleo-satélite | Avaliação               | 1                 |
|                          | Circunstância           | 3                 |
|                          | Comparação              | 1                 |
|                          | Conclusão               | 1                 |
|                          | Elaboração              | 5                 |
|                          | Evidência               | 2                 |
|                          | Modo                    | 1                 |
|                          | Motivo                  | 1                 |
|                          | Propósito               | 1                 |
|                          | Resumo                  | 1                 |

O texto foi segmentado em 51 unidades de informação (UIs) e, para identificar as relações retóricas que emergem entre elas, foi utilizada a Teoria da Estrutura Retórica do texto, segundo Mann & Thompson (1983). Para analisar a articulação das orações foi considerado o modelo de Halliday (1985/2004) no que se refere à hipotaxe, à parataxe e ao encaixamento, fazendo, sempre que possível, um contraponto com a análise proposta pela Gramática Tradicional.

Foram identificadas, no texto em questão relações multinucleares de contraste, disjunção e lista; por outro lado, percebe-se uma incidência significativa de relações núcleo-satélite, como avaliação, circunstância, conclusão, elaboração, evidência, modo, motivo, propósito, resultado e resumo.

Para detalharmos os esclarecimentos sobre a microestrutura do texto 1, mostramos as relações estabelecidas entre partes e unidades de informação. Nesse sentido, verificamos que as UIs (1 – 7) da microestrutura correspondem à porção 2 da macroestrutura, o que pode ser demonstrado no diagrama 2, especificando as relações estabelecidas na referida porção:

<sup>12</sup> As tabelas que se referem à incidência de relações retóricas foram construídas, em todos os textos, levando em consideração, primeiro, as relações multinucleares e, depois, as relações núcleo-satélite, dispostas em ordem alfabética.

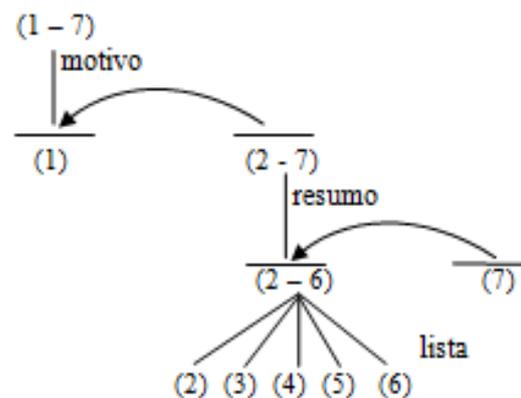


DIAGRAMA 2: Porção (1 – 7) da microestrutura do Texto 1

O diagrama 2 mostra que a porção 2 do bloco informacional II, da macroestrutura, formado pelas UIs (1- 7), pode ser segmentado em outras porções menores da seguinte forma: a UI 1 constitui o núcleo e há uma relação de motivo de (2 – 7) para (1), uma vez que o autor vai justificando por que a missão dele é árdua. Essa porção (2-7) é subdividida em (2 - 6), que constitui uma lista de motivos; e (7), que estabelece uma relação de resumo de (2-6). Essa relação de lista é do tipo multinuclear e tem a maior incidência no texto, perfazendo um total de 15 ocorrências. Ela é utilizada não apenas como uma enumeração de fatos, não necessariamente em ordem sucessiva, mas está a serviço da argumentação, na medida em que o autor vai construindo seus argumentos.

Vale ressaltar que, na concepção de Halliday (1985/2004), a UI 5 [*É necessário que eles construam em suas mentes os arcabouços mentais que permitem entender o assunto em pauta.*] é um complexo oracional constituído de orações ligadas por encaixamento, formando, assim, uma única unidade de informação. Essa análise é justificada pelo fato de as orações estarem ligadas por um alto grau de dependência. A Gramática Tradicional proporia que a UI 5 fosse classificada como um período composto por subordinação, formado por uma oração principal, uma subordinada substantiva e uma subordinada adjetiva, constituindo, dessa forma, três orações distintas. A UI 6 [*Essa visão leva à preocupação legítima de criar os contextos, metáforas, histórias e situações que facilitem aos alunos "construir" seu conhecimento.*] seria analisada, pela Gramática Tradicional, como período composto, constituído por uma oração principal e uma subordinada adjetiva. Para Halliday, mais uma vez, é registrado o encaixamento e uma única unidade de informação.

A porção 3 da macroestrutura do Texto 1, constituída pelas UIs (8 - 49) também será demonstrada no diagrama 3.

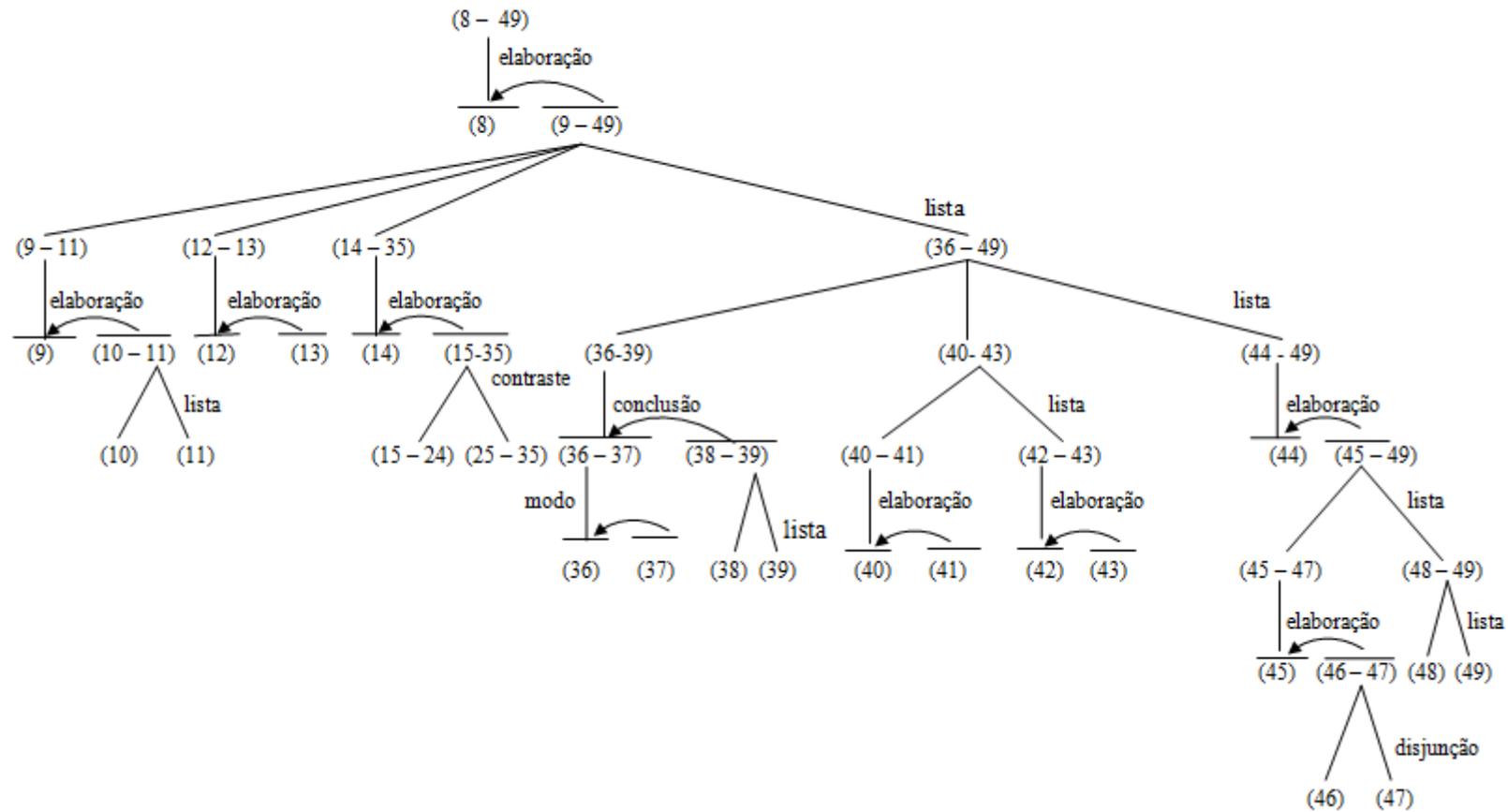


DIAGRAMA 3: Porção (8-49) da microestrutura do Texto 1.

Conforme demonstrado no diagrama 3, a porção 3, formada pelas UIs (8 - 49) foi subdividida em duas outras, a saber: a UI (8) constitui um núcleo e as UIs (9 - 49) forma outra porção de texto, em uma relação de elaboração do núcleo, uma vez que traz elementos constituintes dos quatro equívocos a respeito do construtivismo. Por sua vez, a porção (9 - 49) se subdivide em quatro outras porções menores, que são (9 - 11), (12 - 13), (14 - 35), (36 - 39) em uma relação de lista ao citar e argumentar sobre os quatro equívocos do construtivismo. A porção (9 - 11) foi segmentada em (9) como núcleo e (10 - 11) o satélite de (9), de forma que (10 - 11), em uma relação multinuclear de lista, tem uma relação de elaboração de (9), por trazer os argumentos sobre o primeiro engano quando se pensa que o construtivismo teria o monopólio da verdade. A porção (12 - 13) tem uma relação de elaboração de (13) – satélite – para (12) – núcleo –, argumenta que “*O segundo erro é achar todo o aprendizado requer os andaimnes mentais descritos pelo construtivismo*” e acrescenta mais dados, no satélite, dizendo que “*Sem maiores elaborações intelectuais, aprendemos ortografia, tabuada e o significado das palavras.*” As UIs (14 - 35) foram, também, divididas em (14) como núcleo do satélite (15 - 35), em uma relação de elaboração de (14), mostrando os argumentos sobre o terceiro equívoco do construtivismo. Por sua vez, a porção (15 - 35) foi dividida em (15 - 24) e (25 - 35) em uma relação de contraste, quando o autor argumenta sobre aceitabilidade da teoria científica, contrapondo ao fato de que muitos construtivistas imaginam que a teoria se basta em si.

A porção de texto constituída pelas unidades (36 - 49) foi subdividida em uma relação de lista, resultando em três outras porções: UIs (36 - 39), (40 - 43) e (44 - 49). A porção (36 - 39) foi segmentada em duas outras: (36 - 37) como núcleo e (38 - 39) como satélite, em uma relação de conclusão, pelo fato de mostrar as graves consequências de pensar que os materiais de ensino deveriam ser feitos para cada aluno, especificamente; daí seria necessário que o professor criasse o material específico para cada realidade e situação de aprendizagem, abandonando os materiais padronizados. Ainda nessas duas porções, foram identificadas uma relação de núcleo-satélite em (36) como núcleo, e (37) como satélite, em uma relação de modo, ao indicar que, para o construtivismos, cada um aprende do seu jeito; e uma relação do tipo multinuclear de lista em (38) e (39), dizendo que cada professor cria seu material e rejeita os materiais padronizados.

A porção (40 - 43) foi segmentada, em uma relação multinuclear de lista, em duas outras porções, que, por sua vez foram divididas em uma relação de núcleo-satélite, de forma que as duas (40 - 41) e (42 - 43) apresentam uma relação de elaboração, quando o autor argumenta como era o processo de produção, na Revolução Industrial, e que, na educação

também acontece da mesma forma: os materiais detalhados são muito superiores ao improvisados pelos professores, devido à falta de tempo deles. Dessa forma, percebe-se, em (40 - 41), que (40) é o núcleo e (41) é o satélite; em (42 - 43), (42) é o núcleo e (43) é o satélite.

Por último, descrevemos a porção (44 - 49). Nessa porção, foi identificada uma relação núcleo-satélite, ao segmentá-la em (44) como núcleo e (45 - 49) o satélite, em uma relação de elaboração, na medida em que o autor dá continuidade aos seus argumentos, discutindo sobre as pesquisas que mostram as vantagens dos materiais estruturados ou planejados nos detalhes. A porção (45 - 49) ainda foi segmentada em outras duas, a saber: a porção (45 - 47) e (48 - 49). Em (45 - 47), foram identificadas a (45), que é o núcleo e (46 - 47), o satélite, em uma relação de elaboração, ao sinalizar que, quem nega as conclusões de que os supostos males do material detalhado são invencionices e precisaria mostrar erros metodológicos nas pesquisas ou admitiria ciência. Esses argumentos, localizados em (46 - 47), aparecem em uma relação de disjunção. A última porção é constituída pelas UIs (48 - 49), em uma relação do tipo multinuclear de lista, afirmando que não há nada no construtivismo americano que se oponha a materiais detalhados, e que, entre os construtivistas americanos, vários acreditam ser possível aplicar o método sem materiais passo a passo.

Esclarecemos que, no diagrama da porção 3, não chegamos até a última divisão de todas as unidades de informação, visto que essas unidades já foram identificadas e analisadas no artigo e a nossa explanação não tinha o objetivo de mostrar o diagrama completo do texto.

A porção 4, da macroestrutura do texto, constituída pelas UIs (50) e (51), foi segmentada em duas porções em uma relação multinuclear de contraste, uma vez que, na UI (50) o autor afirma que o construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode contribuir com o trabalho dos professores, contudo, nos seus espúrios, vira uma cruzada religiosa, prejudicial ao ensino, conforme se vê no diagrama 4 a seguir:

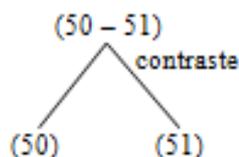


DIAGRAMA 4: Porção (50 - 51) da microestrutura do Texto 1.

Outra observação relevante, em relação à análise da microestrutura, diz respeito ao uso de modalizadores e de operadores argumentativos iniciando cláusulas<sup>13</sup>, como em: UI 7[Infelizmente...]; UI 25[Não obstante]; UI 26[De fato...]; UI 27 [Obviamente]; UI 28 [mas]; UI 31 [Por isso...]; UI 35 [Por exemplo...]; UI 44 [De fato...]; UI 48 [Aliás...]; UI 50 [Em suma...] e UI 51[Mas...]. Esses operadores argumentativos, que iniciam unidades de informação, além de garantir a coerência textual, trazem mais força aos argumentos contrários às concepções equivocadas do construtivismo.

Diante do exposto, percebe-se que as proposições relacionais que emergem entre as unidades de informações se dão com a presença ou não de conectivos, uma vez que, nem sempre há marcas linguísticas que demarcam essas proposições. Ademais, as relações retóricas acontecem, inclusive, entre orações paratáticas, que segundo Halliday (1985/2004) caracterizam-se por orações de *status* iguais, quando uma inicia a ideia exposta e a outra dá continuidade ao que foi exposto na inicial. Verificou-se, inclusive, a impossibilidade da Gramática Tradicional de garantir uma análise que leva em conta o contexto comunicativo, já que ela, nem sempre, se refere às situações de uso da língua, ao se analisar uma oração.

Ao final da divisão da macroestrutura, foi apresentado o diagrama 1a, segundo a proposta da RST, demonstrando as porções maiores do texto. Propomos, também, o diagrama 1b, como outra forma de demonstrar a macroestrutura textual. O diagrama 1a tem o mesmo objetivo do diagrama 1b, contudo avaliamos que nossa proposta possibilita uma outra forma de visualizar a macroestrutura, facilitando a leitura dos blocos ou porções do texto, visto que, na nossa avaliação, torna a disposição das porções mais claras. Partimos do maior, que é o texto todo, até visualizar as menores porções, bem como as relações que emergem entre elas, na macroestrutura textual.

Diante da análise do artigo *Construtivismo e destrutivismo* de Cláudio de Moura Castro, verificamos, inclusive, que a RST é uma teoria descritiva que possibilita e garante identificar a organização textual. Pode-se, também, justificar as escolhas do falante, mediante o contexto, a intenção comunicativa e o sucesso na interação linguística. Percebe-se, também, que a seleção das estruturas organizacionais do locutor não são aleatórias, mas que é levado em conta o seu propósito comunicativo e o leitor do texto.

---

<sup>13</sup> Cláusulas: termo utilizado no mesmo sentido de oração, por isso é usado um ou outro na mesma concepção.

## 4.2 Texto 2: Juventude Virtual – Thomaz Wood Jr.

### Juventude virtual

Thomaz Wood Jr.

Não é preciso uma viagem muito longa no tempo. O leitor com 50 anos talvez resgate na memória uma época em que o aparelho de tevê era um móvel exclusivo da sala de estar, as horas de transmissão eram reduzidas e a programação, escassa. Aos mais jovens eram reservados horários e conteúdos específicos, que não chegavam a roubar muito tempo dos estudos e das brincadeiras com amigos. Em pouco mais de quatro décadas, no entanto, a tevê ganhou tempo de programação, variedade de canais e cores, muitas cores.

Vieram o videocassete, o DVD e os canais a cabo. Depois chegaram os videogames e a internet, abrindo um novo mundo de possibilidades. Estudar e brincar agora são atividades que habitam o tempo que sobra, espremidas entre as telinhas e as telonas. Qualquer que seja a dimensão da tela, sempre atulhada de cores, sons e apelos ao consumo.

A Kaiser Family Foundation, uma organização sem fins lucrativos com sede na Califórnia, divulgou recentemente um estudo sobre o tempo que crianças e adolescentes passam diante de meios eletrônicos nos Estados Unidos. Um sumário foi divulgado no Brasil pelo Instituto Alana, uma organização social. O estudo, realizado em parceria com pesquisadores da Universidade de Stanford, analisou mais de 3 mil estudantes com idade entre 8 e 18 anos. O foco da investigação foi o uso recreativo dos meios eletrônicos. O emprego de computadores para estudar ou de celulares para comunicação não foi contabilizado nos índices apurados. Os resultados de 2009 foram comparados com os de pesquisas anteriores, o que permitiu avaliar a evolução recente do tempo de exposição das crianças e dos adolescentes aos meios eletrônicos.

O estudo concluiu que a oferta de entretenimento 24 horas por dia, sete dias por semana, fez com que aumentasse a exposição aos meios eletrônicos. Crianças e adolescentes norte-americanos passam hoje nada menos que 7 horas e 38 minutos diárias, em média, diante de meios eletrônicos. Os resultados representam um sensível aumento em relação à pesquisa de 2004, quando foi registrada a média de 6 horas e 21 minutos.

O estudo detectou outras tendências importantes. Primeiro, o aumento do tempo diante dos meios eletrônicos de 2004 para 2009 foi causado em grande parte pelo crescente acesso a mídias móveis, tais como telefones celulares (39% para 66%), iPods e aparelhos de MP3 (18% para 76%). Segundo, apenas três de cada dez crianças e adolescentes mencionaram regras relacionadas ao tempo diante da tevê, dos videogames e dos computadores. Significativamente, quando os pais estabelecem regras, o tempo de exposição a meios eletrônicos é reduzido em quase três horas por dia. Terceiro, crianças e adolescentes com maior tempo de exposição a meios eletrônicos têm piores notas. O estudo é cuidadoso e evita afirmar que há uma relação causal entre exposição aos meios eletrônicos e fraco desempenho escolar, mas detectou diferenças entre os "usuários pesados" e os "usuários leves".

O estudo também revelou que o tempo utilizado para ler livros manteve-se constante em relação a 2004. A notícia seria alvissareira não fosse o número tão baixo em relação ao total: 25 minutos por dia. Este escriba não tem notícia sobre estudo similar no Brasil. No entanto, a onipresença da tevê nos lares locais, os índices relacionados ao tempo médio por dia de navegação na internet e a aversão aos livros levam a supor que o quadro local seja tão dramático quanto o norte-americano.

Se a tendência se mantiver, teremos cada vez mais adultos que passaram a maior parte de sua infância e adolescência diante de meios eletrônicos. Como serão esses adultos? Um exército de gênios criativos ou uma horda de zumbis? Uma legião de desinibidos manipuladores dos mais complexos meios eletrônicos ou um bando de escravos iletrados desses mesmos meios? Uma geração de espírito

aberto e crítico ou um punhado de conformistas, a consumir estilos de vida e grifes de identidade?

As respostas para essas questões estão sendo construídas minuto a minuto, em cada interação entre as grandes máquinas de fabricação de significados e as jovens mentes em formação. As respostas estão sendo influenciadas pelos programadores de tevê, pelos anunciantes, pelos fabricantes de videogames, por homens e mulheres de negócios, desafiados a conquistar corações e mentes, a otimizar recursos e a maximizar resultados. Pais e filhos são ainda agentes desse processo. São, porém, agentes cada vez mais impotentes e passivos. Os estudos sobre o impacto dos meios eletrônicos sobre jovens não costumam ser otimistas.

<http://www.cartacapital.com.br/app/coluna.jsp> - 26/02/2010

#### 4. 2. 1 Análise da macroestrutura do Texto 2

Como foi feito no texto 1, mostraremos a seguir a macroestrutura do Texto 2.

**Bloco I (Porção 1)** – Título – Juventude virtual - satélite do núcleo representado pelo Bloco II, em uma relação de apresentação.

**Bloco II (Porções 2 – 4):** núcleo da relação núcleo-satélite

**Porção 2:** *Não é preciso uma viagem muito longa no tempo. O leitor com 50 anos talvez resgate na memória uma época em que o aparelho de tevê era um móvel exclusivo da sala de estar, as horas de transmissão eram reduzidas e a programação, escassa. Aos mais jovens eram reservados horários e conteúdos específicos, que não chegavam a roubar muito tempo dos estudos e das brincadeiras com amigos. Em pouco mais de quatro décadas, no entanto, a tevê ganhou tempo de programação, variedade de canais e cores, muitas cores.*

*Vieram o videocassete, o DVD e os canais a cabo. Depois chegaram os videogames e a internet, abrindo um novo mundo de possibilidades. Estudar e brincar agora são atividades que habitam o tempo que sobra, espremidas entre as telinhas e as telonas. Qualquer que seja a dimensão da tela, sempre atulhada de cores, sons e apelos ao consumo.*

**Porção 3:** *A Kaiser Family Foundation, uma organização sem fins lucrativos com sede na Califórnia, divulgou recentemente um estudo sobre o tempo que crianças e adolescentes passam diante de meios eletrônicos nos Estados Unidos. Um sumário foi divulgado no Brasil pelo Instituto Alana, uma organização social. O estudo, realizado em parceria com pesquisadores da Universidade de Stanford, analisou mais de 3 mil estudantes com idade entre 8 e 18 anos. O foco da investigação foi o uso recreativo dos meios eletrônicos. O emprego de computadores para estudar ou de celulares para comunicação não foi*

contabilizado nos índices apurados. Os resultados de 2009 foram comparados com os de pesquisas anteriores, o que permitiu avaliar a evolução recente do tempo de exposição das crianças e dos adolescentes aos meios eletrônicos.

O estudo concluiu que a oferta de entretenimento 24 horas por dia, sete dias por semana, fez com que aumentasse a exposição aos meios eletrônicos. Crianças e adolescentes norte-americanos passam hoje nada menos que 7 horas e 38 minutos diárias, em média, diante de meios eletrônicos. Os resultados representam um sensível aumento em relação à pesquisa de 2004, quando foi registrada a média de 6 horas e 21 minutos.

O estudo detectou outras tendências importantes. Primeiro, o aumento do tempo diante dos meios eletrônicos de 2004 para 2009 foi causado em grande parte pelo crescente acesso a mídias móveis, tais como telefones celulares (39% para 66%), iPods e aparelhos de MP3 (18% para 76%). Segundo, apenas três de cada dez crianças e adolescentes mencionaram regras relacionadas ao tempo diante da tevê, dos videogames e dos computadores. Significativamente, quando os pais estabelecem regras, o tempo de exposição a meios eletrônicos é reduzido em quase três horas por dia. Terceiro, crianças e adolescentes com maior tempo de exposição a meios eletrônicos têm piores notas. O estudo é cuidadoso e evita afirmar que há uma relação causal entre exposição aos meios eletrônicos e fraco desempenho escolar, mas detectou diferenças entre os "usuários pesados" e os "usuários leves".

O estudo também revelou que o tempo utilizado para ler livros manteve-se constante em relação a 2004. A notícia seria alvissareira não fosse o número tão baixo em relação ao total: 25 minutos por dia. Este escriba não tem notícia sobre estudo similar no Brasil. No entanto, a onipresença da tevê nos lares locais, os índices relacionados ao tempo médio por dia de navegação na internet e a aversão aos livros levam a supor que o quadro local seja tão dramático quanto o norte-americano.

**4ª porção:** Se a tendência se mantiver, teremos cada vez mais adultos que passaram a maior parte de sua infância e adolescência diante de meios eletrônicos. Como serão esses adultos? Um exército de gênios criativos ou uma horda de zumbis? Uma legião de desinibidos manipuladores dos mais complexos meios eletrônicos ou um bando de escravos iletrados desses mesmos meios? Uma geração de espírito aberto e crítico ou um punhado de conformistas, a consumir estilos de vida e grifes de identidade?

As respostas para essas questões estão sendo construídas minuto a minuto, em cada interação entre as grandes máquinas de fabricação de significados e as jovens mentes em formação. As respostas estão sendo influenciadas pelos programadores de tevê, pelos

anunciantes, pelos fabricantes de videogames, por homens e mulheres de negócios, desafiados a conquistar corações e mentes, a otimizar recursos e a maximizar resultados. Pais e filhos são ainda agentes desse processo. São, porém, agentes cada vez mais impotentes e passivos. Os estudos sobre o impacto dos meios eletrônicos sobre jovens não costumam ser otimistas.

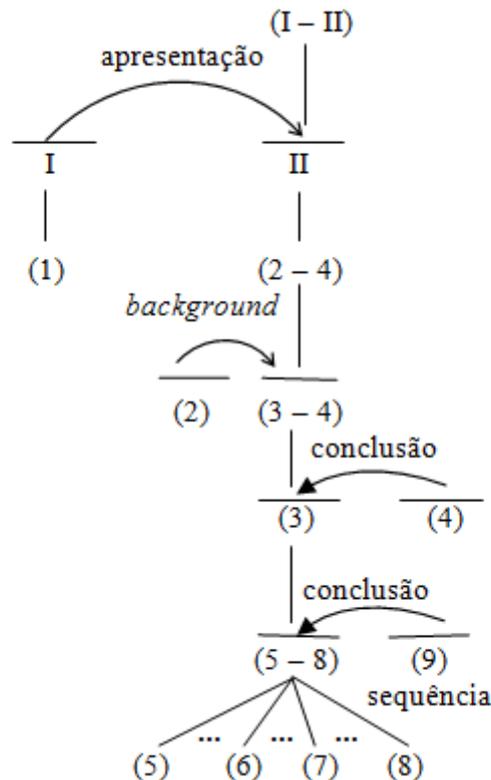


DIAGRAMA 5: Macroestrutura do texto 2.

Conforme explicado anteriormente, o artigo de opinião – *Juventude Virtual*, de Thomaz Wood Jr., da revista *Carta Capital*, foi dividido em duas grandes porções, considerando o conceito de tópico de acordo com Koch (2004). Dessa forma, identificamos a macroestrutura do texto, que foi demonstrada no diagrama 2 acima. A primeira porção (Bloco I) é constituída pelo título, em uma relação de apresentação, enquanto a segunda (Bloco II) é formada pelas porções (2 – 4), configurando um grande núcleo.

Em uma relação do tipo núcleo-satélite, a porção 2 é um satélite, em uma relação de *background* das porções (3 – 4). Para Mann & Thompson (1983/1985), a relação de *background* aumenta a habilidade do leitor para compreender algum elemento do núcleo. No Texto 2, a porção 2 situa o leitor no que se refere à velocidade com que os meios eletrônicos,

desde a televisão até os mais modernos, como a internet e outros, foram surgindo e se incorporando à vida das pessoas.

Dando continuidade aos argumentos, está a porção 3, que é um núcleo em relação à anterior (2). Formada pelos parágrafos três a seis, a porção 3 trata da pesquisa da *Kaiser Family Foundation*. Essa pesquisa permitiu divulgar um estudo “sobre o tempo que crianças e adolescentes passam diante de meios eletrônicos nos Estados Unidos”. Com foco no uso recreativo dos meios eletrônicos, a pesquisa mensura dados que comprovam a influência dos meios eletrônicos na vida dos jovens.

Constata-se a veracidade dos fatos, mediante o emprego de tempos verbais no perfeito, que demarca uma ação realizada e já concluída, como se vê em “... A *Kaiser Family Foundation* (...) divulgou ...”, “O estudo concluiu...”, “O estudo detectou...”, “O estudo também revelou...”, acompanhados de dados que procuram dar consistência aos argumentos do articulista.

O texto se fecha com a porção 4, constituída pelos sétimo e oitavo parágrafos. Essa porção estabelece uma relação do tipo núcleo-satélite de conclusão, e conclui as ideias discutidas ao longo da argumentação. Assim, o autor encerra a argumentação, falando sobre as sérias consequências, caso as crianças e adolescentes continuem por tão longo tempo expostos aos meios eletrônicos. Ressalta, ainda, a impotência dos pais diante do impacto dos meios eletrônicos sobre os jovens.

Considerando um nível mais detalhado da macroestrutura, verifica-se uma subdivisão da porção 3, formando as porções (5 - 8) e a (9), em uma relação do tipo núcleo-satélite, de forma que (5 - 8) é o núcleo de (9), em uma relação de conclusão de (9) para (5 - 8). A porção (5 - 8) constitui-se em uma relação do tipo multinuclear de sequência, mostrando os argumentos. Vale ressaltar que, segundo Mann e Thompson (1983), a relação de sequência garante uma sucessão de situações apresentadas entre os núcleos, o que possibilita ao autor do artigo de opinião demonstrar os seus argumentos em relação à influência dos meios eletrônicos na vida das crianças e dos jovens e, ao mesmo tempo, busca persuadir o leitor no sentido de aceitar a sua tese. Dessa forma, a porção (5 - 8) é demonstrada, no diagrama, da seguinte forma: (5), formada por uma parte do segundo parágrafo do texto e que trata da contextualização da pesquisa da *Kaiser Family Foundation* (*A Kaiser Family Foundation, uma organização sem fins lucrativos com sede na Califórnia, divulgou recentemente um estudo sobre o tempo que crianças e adolescentes passam diante de meios eletrônicos nos Estados Unidos. Um sumário foi divulgado no Brasil pelo Instituto Alana, uma organização social.*). A porção 6, formada pela parte, ainda no terceiro parágrafo, que diz da

especificidade da pesquisa, conforme explicitado em (*O estudo, realizado em parceria com pesquisadores da Universidade de Stanford, analisou mais de 3 mil estudantes com idade entre 8 e 18 anos. O foco da investigação foi o uso recreativo dos meios eletrônicos. O emprego de computadores para estudar ou de celulares para comunicação não foi contabilizado nos índices apurados. Os resultados de 2009 foram comparados com os de pesquisas anteriores, o que permitiu avaliar a evolução recente do tempo de exposição das crianças e dos adolescentes aos meios eletrônicos.*). A porção 7 mostra as conclusões de que crianças e adolescentes americanos passam a maior parte do dia diante de meios eletrônicos. Já a porção 8 retrata o que o estudo detectou, ou seja, cita as três tendências importantes detectadas pelo estudo da *Kaiser Family Foundation* e retratadas em (*O estudo detectou outras tendências importantes. Primeiro, o aumento do tempo diante dos meios eletrônicos de 2004 para 2009 foi causado em grande parte pelo crescente acesso a mídias móveis, tais como telefones celulares (39% para 66%), iPods e aparelhos de MP3 (18% para 76%). Segundo, apenas três de cada dez crianças e adolescentes mencionaram regras relacionadas ao tempo diante da tevê, dos videogames e dos computadores. Significativamente, quando os pais estabelecem regras, o tempo de exposição a meios eletrônicos é reduzido em quase três horas por dia. Terceiro, crianças e adolescentes com maior tempo de exposição a meios eletrônicos têm piores notas. O estudo é cuidadoso e evita afirmar que há uma relação causal entre exposição aos meios eletrônicos e fraco desempenho escolar, mas detectou diferenças entre os "usuários pesados" e os "usuários leves".*).

A porção 9 revela que a notícia de que o tempo dedicado à leitura seria alvissareira, se não houvesse a constatação de que os usuários pesquisados dedicam apenas 25 minutos por dia para a leitura. Ressalta, ainda, que o autor não tem notícias de estudos como este ser feito no Brasil, conforme mostrado em (*A notícia seria alvissareira não fosse o número tão baixo em relação ao total: 25 minutos por dia. Este escriba não tem notícia sobre estudo similar no Brasil. No entanto, a onipresença da tevê nos lares locais, os índices relacionados ao tempo médio por dia de navegação na internet e a aversão aos livros levam a supor que o quadro local seja tão dramático quanto o norte-americano.*)

Após as reflexões referentes à macroestrutura, percebe-se a pertinência da proposta de verificação da organização da estrutura retórica do texto, postulada pela RST, visto que foi possível identificar as porções maiores que compuseram o Texto 2, bem como as relações retóricas que emergem entre essas porções.

#### 4. 2. 2. Análise da microestrutura do Texto 2

De acordo com a RST, a microestrutura do Texto 2 é constituída por porções menores que, neste trabalho, correspondem às unidades de informação. Essas unidades coincidem ou não com as orações da Gramática Tradicional. Dessa forma, o Texto 2 foi também segmentado em unidades de informação.

Texto 2:

1. [Não é preciso uma viagem muito longa no tempo.] núcleo em relação a (2)
2. [O leitor com 50 anos talvez resgate na memória uma época em que o aparelho de tevê era um móvel exclusivo da sala de estar, as horas de transmissão eram reduzidas e a programação, escassa.] (2) → (1) *elaboração*
3. [Aos mais jovens eram reservados horários e conteúdos específicos,] *núcleo em relação a (4)*
4. [que não chegavam a roubar muito tempo dos estudos e das brincadeiras com amigos.]  
4 → 3 *elaboração*
5. [Em pouco mais de quatro décadas, no entanto, a tevê ganhou tempo de programação, variedade de canais e cores, muitas cores.]
6. [Vieram o videocassete, o DVD e os canais a cabo.]
7. [Depois chegaram os videogames e a internet,] *núcleo*
8. [abrindo um novo mundo de possibilidades.] (8) → (7) *resultado*
9. [Estudar e brincar agora são atividades que habitam o tempo que sobra, espremidas entre as telinhas e as telonas.]
10. [Qualquer que seja a dimensão da tela, sempre atulhada de cores, sons e apelos ao consumo.] (5 -10): *sequência*
11. [A Kaiser Family Foundation, uma organização sem fins lucrativos com sede na Califórnia, divulgou recentemente um estudo sobre o tempo que crianças e adolescentes passam diante de meios eletrônicos nos Estados Unidos.]
12. [Um sumário foi divulgado no Brasil pelo Instituto Alana, uma organização social.]
13. O estudo, realizado em parceria com pesquisadores da Universidade de Stanford, analisou mais de 3 mil estudantes com idade entre 8 e 18 anos.]
14. [O foco da investigação foi o uso recreativo dos meios eletrônicos.]

15. [O emprego de computadores para estudar ou de celulares para comunicação não foi contabilizado nos índices apurados.] *núcleo*
16. [Os resultados de 2009 foram comparados com os de pesquisas anteriores,]
17. [o que permitiu avaliar a evolução recente do tempo de exposição das crianças e dos adolescentes aos meios eletrônicos.] (17) → (16) *elaboração*
18. [O estudo concluiu que a oferta de entretenimento 24 horas por dia, sete dias por semana, fez com que aumentasse a exposição aos meios eletrônicos.]
19. [Crianças e adolescentes norte-americanos passam hoje nada menos que 7 horas e 38 minutos diárias, em média, diante de meios eletrônicos.]
20. [Os resultados representam um sensível aumento em relação à pesquisa de 2004,] *núcleo*
21. [quando foi registrada a média de 6 horas e 21 minutos.] (21) → (20) *elaboração*  
(11 – 21): *lista*
22. [O estudo detectou outras tendências importantes.] *núcleo em relação a (23 – 30)*
23. [Primeiro, o aumento do tempo diante dos meios eletrônicos de 2004 para 2009 foi causado em grande parte pelo crescente acesso a mídias móveis, tais como telefones celulares (39% para 66%), iPods e aparelhos de MP3 (18% para 76%).]
24. [Segundo, apenas três de cada dez crianças e adolescentes mencionaram regras relacionadas ao tempo diante da tevê, dos videogames e dos computadores.]
25. [Significativamente, o tempo de exposição a meios eletrônicos é reduzido em quase três horas por dia.] *núcleo em relação a (26)*
26. [quando os pais estabelecem regras,] (26) → (25) *circunstância*
27. [Terceiro, crianças e adolescentes com maior tempo de exposição a meios eletrônicos têm piores notas.]
28. [O estudo é cuidadoso] *núcleo*
29. [e evita afirmar que há uma relação causal entre exposição aos meios eletrônicos e fraco desempenho escolar,] (29) → (28) *adição*
30. [mas detectou diferenças entre os "usuários pesados" e os "usuários leves".]  
(28 – 29) → 30 *contraste*  
(23 – 30): *lista e uma elaboração de (22)*
31. [O estudo também revelou que o tempo utilizado para ler livros manteve-se constante em relação a 2004.]
32. [A notícia seria alvissareira] *núcleo*
33. [não fosse o número tão baixo em relação ao total: 25 minutos por dia.]

- (33) → (32) *condição*  
 (31) – (32-33): *lista*
34. [Este escriba não tem notícia sobre estudo similar no Brasil.] *núcleo em relação a (35)*
35. [No entanto, a onipresença da tevê nos lares locais, os índices relacionados ao tempo médio por dia de navegação na internet e a aversão aos livros levam a supor que o quadro local seja tão dramático quanto o norte-americano. ] (35) → (34) *antítese*
36. [Se a tendência se mantiver,] (36) → (37) *condição*
37. [teremos cada vez mais adultos que passaram a maior parte de sua infância e adolescência diante de meios eletrônicos.] *núcleo em relação a (36)*
38. [Como serão esses adultos?] *preparação*
39. [Um exército de gênios criativos ou uma horda de zumbis?] *preparação*
40. [Uma legião de desinibidos manipuladores dos mais complexos meios eletrônicos]
41. [ ou um bando de escravos iletrados desses mesmos meios?] (41 – 40): *disjunção*  
 (40 – 41) *preparação*
42. [Uma geração de espírito aberto e crítico ou um punhado de conformistas, a consumir estilos de vida e grifes de identidade?] *preparação*  
 (38 – 42): *lista*
43. [As respostas para essas questões estão sendo construídas minuto a minuto, em cada interação entre as grandes máquinas de fabricação de significados e as jovens mentes em formação.]
44. [As respostas estão sendo influenciadas pelos programadores de tevê, pelos anunciantes, pelos fabricantes de videogames, por homens e mulheres de negócios, desafiados a conquistar corações e mentes, a otimizar recursos e a maximizar resultados.] (43 – 44): *lista*
45. [Pais e filhos são ainda agentes desse processo. *núcleo(tese) em relação a (46)*
46. [São, porém, agentes cada vez mais impotentes e passivos.] (46 → 45) *antítese*
47. [Os estudos sobre o impacto dos meios eletrônicos sobre jovens não costumam ser otimistas.] *núcleo*

Para melhor orientar a análise, foi transcrita a tabela de ocorrência das relações retóricas identificadas no texto:

TABELA 2  
Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto 2.

| <b>Classificação</b>     | <b>Relação retórica</b> | <b>Ocorrência</b> |
|--------------------------|-------------------------|-------------------|
| Relações multinucleares  | Contraste               | 1                 |
|                          | Disjunção               | 1                 |
|                          | Lista                   | 23                |
|                          | Seqüência               | 9                 |
| Relações núcleo-satélite | Adição                  | 1                 |
|                          | Antítese                | 2                 |
|                          | Circunstância           | 1                 |
|                          | Condição                | 2                 |
|                          | Elaboração              | 5                 |
|                          | Justificativa           | 1                 |
|                          | Preparação              | 4                 |
|                          | Resultado               | 1                 |

No artigo de opinião que ora analisamos, foram identificadas 47 unidades de informação, cujas relações retóricas, demonstradas na tabela 2, acontecem de forma hierárquica, conforme é proposto pela Teoria da Estrutura Retórica do Texto, que vão edificando e garantindo a coerência textual. Essas relações se materializam em multinucleares e de núcleo-satélite. Entre as multinucleares, encontramos vinte ocorrências de lista, cinco de seqüência, três de contraste e uma de disjunção, todas a serviço da argumentação, que é mostrado na análise a seguir.

Para facilitar o entendimento da discussão e completar as ideias apresentadas no que se refere à segmentação do texto em porções menores, até chegar às unidades de informação, optamos por construir esquemas por parte, ou seja, por porções menores até chegarmos às unidades de informação, identificando as respectivas relações retóricas.

As 47 unidades de informação que compõem o Texto 2 podem ser subdivididas em outras menores, identificadas abaixo:

Primeiro, a porção formada pelas UIs (1 - 10 ) demonstra que, há cinquenta anos, só havia um aparelho de tevê em casa, com programação reduzida, mas em pouco mais de quatro décadas o número dos meios eletrônicos aumentou, consumindo mais tempo de crianças e adolescentes. Essa porção exerce uma relação de *background* com o núcleo formado pelas UIs (11 - 47), que discute sobre a pesquisa da *Kaiser Family Foundation* e dos resultados da exposição descomedidas das crianças e adolescentes aos meios eletrônicos, bem como a fragilidade dos pais diante desse fato. A porção (11 - 47) foi subdividida em duas outras: UIs (11 - 35) e UIs (36 - 47), em uma relação núcleo-satélite, em que (36 - 47) é o satélite ,

estabelecendo uma relação de conclusão da porção (11 - 35), núcleo. O diagrama 6 mostra essa explicação.

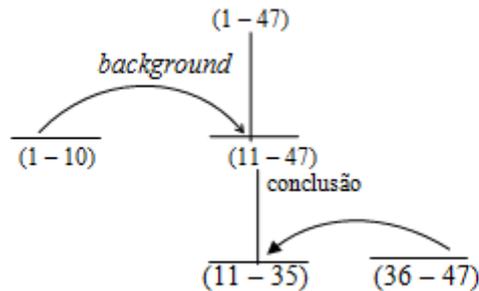


DIAGRAMA 6: Porção (1 - 47) da microestrutura do Texto 2

Detalhando a divisão da microestrutura, conforme diagrama 7, a porção constituída pelas UIs (1 - 10) foi dividida em UIs (1 - 4) e UIs (5 - 10) em uma relação de sequência, uma vez que, para situar o leitor na discussão a ser feita sobre os meios eletrônicos, o autor fala no tempo e na velocidade com que os meios eletrônicos passam a fazer parte da vida das pessoas.

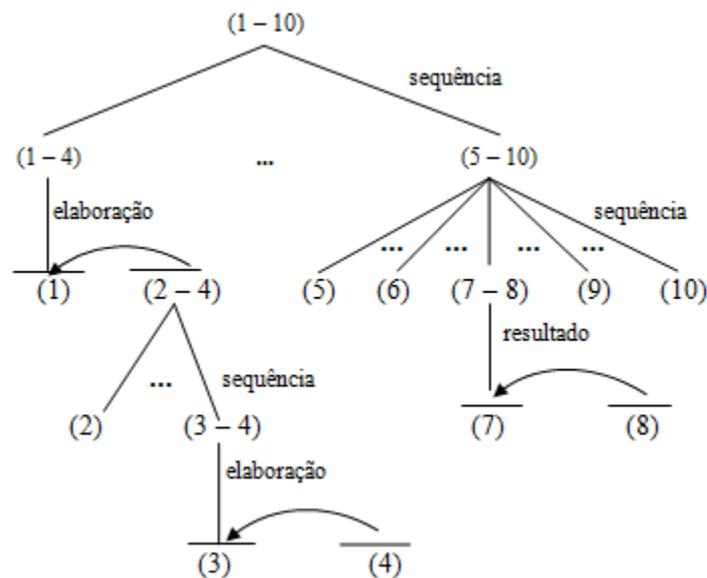


DIAGRAMA 7: Porção (1 - 10) da microestrutura do texto 2

O diagrama 7 retrata a microestrutura da porção (1 -10), que apresenta duas porções (1 - 4) e (5 - 10), em uma relação do tipo multinuclear de sequência. Já a porção (1 - 4) foi dividida em duas, da seguinte forma: um núcleo UI (1), indicando que [*Não é preciso uma viagem muito longa no tempo*] e (2 - 4), um satélite de (1), ao acrescentar argumentos que justificam a não necessidade de muito tempo para entender as grandes mudanças. Essa justificativa se dá em uma relação retórica de elaboração de (2 - 4) para (1). A porção (2 - 4)

foi também segmentada em (2) e (3 - 4), em uma relação de sequência; (2 - 4) ainda foi dividida em (3), núcleo, e (4), satélite, em uma relação de elaboração de (3), acrescentando a informação de que a programação não roubava muito tempo dos estudos e das brincadeiras.

A porção (5 - 10) apresenta uma relação retórica do tipo multinuclear de sequência (5), (6), (7 - 8), (9), (10) e mostra uma sucessão de fatos que comprovam o rápido aparecimento dos meios eletrônicos. A porção (7 - 8) apresenta o núcleo (7) e o satélite (8), em uma relação núcleo-satélite de resultado, ao dizer que os videogames e a internet fizeram com que fosse aberto um novo mundo de possibilidades.

A porção seguinte, constituída pelas UIs (11 - 47) foi subdividida em duas outras do tipo núcleo-satélite, a saber: (11 - 35), núcleo e (36 - 47), satélite, em uma relação de conclusão do núcleo. A porção (11 - 35) foi segmentada em outras treze porções menores, em uma relação multinuclear de lista, em que situa o estudo feito pela *Kaiser Family Foundation*, os resultados obtidos pela pesquisa, bem como as considerações feitas pelo autor. Essa porção, demonstrada no diagrama 8, situa a pesquisa da *Kaiser Family Foundation*, o foco da investigação, os instrumentos utilizados, os resultados obtidos, bem como a conclusão dos estudos feitos, ou seja, o aumento do tempo em que crianças e adolescentes passam diante dos meios eletrônicos. Outro aspecto discutido são as tendências importantes surgidas no período de 2004 para 2009, como o acesso a diferentes mídias, a redução do tempo que crianças e adolescentes ficam diante das mídias móveis, quando os pais estabelecem regras; o baixo desempenho escolar de estudantes, que ficam muito tempo expostos às mídias e que utilizam um tempo muito escasso para a leitura de livros.

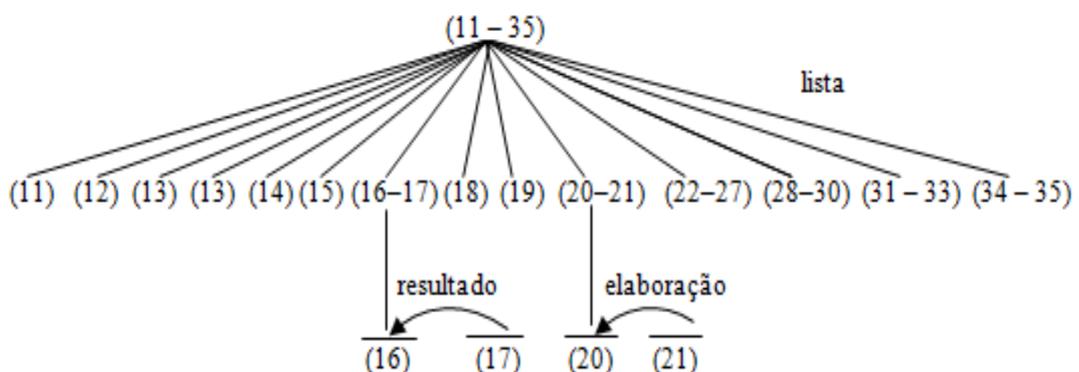


DIAGRAMA 8: Porção (11 - 35) da microestrutura do Texto 2

Por questões de espaço, demonstramos as partes que podem ser subdivididas, separadamente. Por isso, são expostas algumas das porções do diagrama 8, que ainda podem ser segmentadas em porções menores, indicando as relações retóricas que emergem entre as partes. As unidades de informação que não foram segmentadas no diagrama 8, estão analisadas no texto.

Dando continuidade à análise da microestrutura, foi discutida a porção constituída pelas UIs (22 – 27), demonstrado do diagrama 9, a seguir:

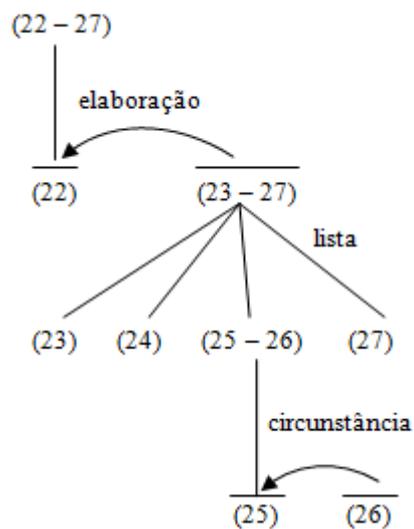


DIAGRAMA 9: Porção (22 – 27) da microestrutura do Texto 2

Conforme retratado no diagrama 9, a porção (22 - 27) foi subdividida em duas outras (22) – núcleo – e (23 - 27) – satélite, em uma relação de elaboração. A porção (23 - 27) apresenta uma relação multinuclear de lista com o objetivo de enumerar outras tendências importantes, anunciadas no núcleo (22). Entre as porções (25) e (26), é identificada uma relação de circunstância entre (25) núcleo e (26) satélite, ressaltando a diminuição do tempo de exposição das crianças e adolescentes aos meios eletrônicos, quando há um estabelecimento de regras pelos pais.

Passamos à análise da porção (34 - 35), demonstrada no diagrama 10. Essa porção apresenta uma relação núcleo satélite de antítese de (35) para (34), mostrando que, embora o autor não tenha notícia de uma pesquisa como a da *Kaiser Family Foundation* tenha sido realizada no Brasil, a onipotência da tevê nos lares brasileiros. Isso faz com que as pessoas passem muito tempo diante dela, aumentando a aversão aos livros, levando a crer que o quadro aqui seja tão dramático quanto o norte-americano. A relação de antítese é demonstrada na UI 35 [No entanto, a onipresença da tevê nos lares locais, os índices relacionados ao

*tempo médio por dia de navegação na internet e a aversão aos livros levam a supor que o quadro local seja tão dramático quanto o norte-americano.].*

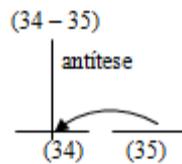


DIAGRAMA 10: Porção (34 – 35) da microestrutura do Texto 2

Dando continuidade à análise, passamos a apresentar o diagrama 11 referente à microestrutura da porção (36 – 47), que constitui a conclusão da porção (11 – 35), conforme analisada anteriormente.

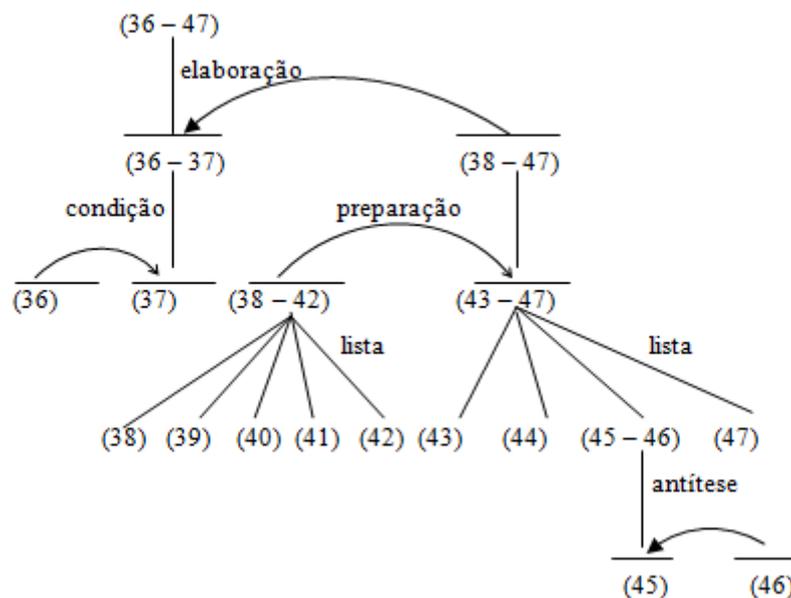


DIAGRAMA 11: Porção (36 – 47) da microestrutura do Texto 2

A porção (36 - 47) finaliza a discussão do autor sobre a ação dos meios eletrônicos nas crianças e jovens e pode ser subdividida, conforme demonstrado no diagrama acima. Dessa forma, as UIs (36 - 37) formam um núcleo em relação (38 - 47), que por sua vez, deixa emergir uma relação de elaboração entre elas, na medida em que a segunda agrega informações que buscam persuadir o leitor, acreditando que, se se mantiver a tendência

apontada na porção anterior, teremos cada vez mais adultos que passaram a maior parte da infância e da adolescência diante da tevê.

Dentro da porção (38 - 47), é identificado um núcleo nas UIs (38 - 42) em uma relação de preparação do núcleo UIs (43 - 47). Percebe-se uma atitude de argumentar sobre como serão os adultos que, quando crianças e adolescentes, passam muito tempo expostos aos meios eletrônicos, em uma relação de lista, demarcada pelas UIs (38 - 42). Já o núcleo – UIs (43 - 47) – discute as respostas para as questões levantadas na porção de preparação, e finaliza com uma relação de antítese, entre as UIs (45) e (46), no momento em que é apontada a impotência dos pais, embora sejam agentes desse processo.

Neste texto, também, optamos por não segmentar todas as porções do texto até a unidade mínima de cláusulas, visto que elas já se encontram indicadas e definidas na segmentação do texto em unidades de informação.

Vale ressaltar que a relação de lista teve uma incidência muito significativa no Texto 2, como se percebe nas unidades de informação a seguir:

UI 13 [*O estudo, realizado em parceria com pesquisadores da Universidade de Stanford, analisou mais de 3 mil estudantes com idade entre 8 e 18 anos.*]

UI 14 [*O foco da investigação foi o uso recreativo dos meios eletrônicos.*]

UI 15 [*O emprego de computadores para estudar ou de celulares para comunicação não foi contabilizado nos índices apurados.*], dentre outras.

A presença contundente da relação de lista nas UIs acima citadas busca possibilitar a garantia da enumeração de elementos, demarcando a influência e as consequências da utilização, em grande escala, dos meios eletrônicos. Na Gramática Tradicional, as relações de lista, por exemplo, nas UIs (13) e (14) seriam consideradas como orações independentes, sem nenhuma ligação entre si. Para Halliday (1985- 2004), essas orações formam um complexo oracional de *status* iguais, constituído de orações paratáticas.

Por outro lado, detectamos as relações núcleo-satélite que também se fazem presentes. Dentre elas, destacamos as UIs (36 – 37), de forma que a UI 36 é o satélite de (37) – núcleo, exercendo uma relação de condição sobre esse núcleo, a saber:

(UI 36) [*Se a tendência se mantiver,*]

(UI 37) [*teremos cada vez mais adultos que passaram a maior parte de sua infância e adolescência diante de meios eletrônicos.*]

Na concepção de Halliday (1985/2004), esse par de cláusulas constitui um complexo oracional, em que o satélite é uma oração hipotática de realce. Segundo Matthiessem & Thompson (1988), no artigo em que é discutida a questão da subordinação, verificamos uma

focalização de ideias, ao iniciar a porção de texto por uma hipotaxe de realce. Segundo esses autores, o que importa não é classificar as cláusulas como adverbiais ou subordinadas, mas a capacidade de elas combinarem umas com as outras, refletindo uma propriedade organizacional do discurso, bem como a sua capacidade de construir um discurso coeso e coerente. A escolha do locutor em transcrever, no início da porção, as hipotáticas de realce (subordinadas adverbiais, na Gramática Tradicional) trazem uma especificidade de estrutura frasal, que mostra uma focalização de ideias e, ao mesmo tempo, uma ênfase ao que está sendo dito.

Mediante a análise do texto 2, avaliamos que as escolhas do locutor, ou seja, o autor do artigo de opinião, possibilitaram e asseguraram a argumentação em torno das influências que os meios eletrônicos exercem sobre as pessoas que os utilizam. Em outras palavras, foi considerado o contexto discursivo – tecnologia digital e sua influência na vida das pessoas – bem como a pragmática, para ser edificada a coerência textual no texto 2.

#### **4. 3 Texto 3: Crucificar Monteiro Lobato? Lya Luft**

##### **Crucificar Monteiro Lobato?**

Lya Luft

No curso de uma vida somos submetidos a muita insensatez e muita tolice. Nem tudo é Mozart ou Leonardo da Vinci, carinho de amigos e filhos, abraço da pessoa amada. Então, a gente vai ficando calejado, para não expor demais a alma como alguém a quem retiraram a pele, e a quem a mais leve, mais doce brisa parece um fogo cruel. Pois nestes dias me deparo na imprensa com algo que rompeu minhas defesas e me fez duvidar do que estava lendo. Reli, mais de uma vez, em mais de um jornal, e ali estava: querem banir das escolas um livro (logo serão todos, logo serão de muitos autores, não importa por que motivo for) de Monteiro Lobato, porque alegadamente contem alusões racistas.

Ora, gente, eu fui nutrida, minha alma foi alimentada, com duas literaturas na infância: os contos de fadas de Andersen e dos irmãos Grimm, e Monteiro Lobato. Duas culturas aparentemente antípodas, mas que se completavam lindamente. Narizinho e Pedrinho moravam no meu quintal. Emília era meu ídolo, irreverente e engraçada. Dona Benta se parecia com uma de minhas avós, e tia Nastácia era meu sonho de bondade e aconchego. Eu me identificava mais com elas do que com as princesas e fadas dos antiquíssimos contos nórdicos, porque jabuticaba, bolinho, bichos e alegria eram muito mais próximos de mim do que as melancólicas histórias de fadas e bruxas — raiz da minha ficção.

Toda essa introdução é para pedir às autoridades competentes: pelo amor de Deus, da educação e das crianças, e da alma brasileira, não comecem a mexer com nossos autores sob essa desculpa malévola de menções a racismo. Essa semente terá frutos podres: vamos canibalescamente nos devorar a nós mesmos, à nossa cultura, à nossa maneira de convivência entre as etnias.

Com esse perigosíssimo precedente, vamos começar a “limpar”, isto é, deformar, muitos livros. Japoneses, árabes, alemães, italianos, poloneses, índios e negros (ou não posso mais usar essa palavra?) sofrem ou podem sofrer ataques racistas. Isso é motivo de penalidades da lei para os racistas, se for o caso.

Racismo dói, eu sei disso. Quando menina, certa vez um grupo de crianças nem louras nem de olhos azuis me cercou no pátio da escola, e elas dançavam ao meu redor cantando “alemão batata come queijo com barata”. Não gostei. Doeu-me. Hoje acho graça: na hora não foi engraçado.

Mas por isso vamos cavoucar em livros de história e banir os autores — o que só se admite em casos claros de repugnante racismo, não importa contra que raça for, diga-se de passagem? Essa planta rasteira, que vai contaminar nossa cultura, tem de ser cortada pela raiz. Ou a caça às bruxas vai se disseminar feito peste, pois é uma peste, iniciando um processo multiplicador de maldades comandadas por inveja, ou seja o que for, destruir obras, vidas, memórias, e atacar sobretudo as almas infantis como insetos daninhos. Não permitam isso, autoridades responsáveis e competentes: uma vez iniciado, esse processo não terá fim.

O politicamente correto pode ser perigoso e hipócrita. Os meus olhos azuis, como os de um de meus filhos, e os olhos escuros dos outros dois, como os oblíquos dos japoneses e os olhos pretos dos árabes, são todos da família humana, muito maior e mais importante do que suas divisões raciais.

Nem comecem a dar ouvidos a essas buscas mesquinhas por culpados a ser jogados na fogueira: livros queimados foram um dos índices sinistros — ao qual nem todos deram a devida importância — da loucura nazista. Muita tragédia começa parecendo natural e desimportante: no início, achava-se Hitler um palhaço frustrado. Deu no que deu, e manchará a humanidade pelos tempos sem fim.

Que não comece entre nós, banindo um livro infantil de Monteiro Lobato, o mais brasileiro dos nossos escritores: será uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós. Não combina conosco. Não combina com um dos lugares nesta conflituada e complicada Terra onde as etnias e culturas ainda convivem melhor, apesar dos problemas — devidos em geral à desinformação e à imaturidade: o Brasil.

(Revista *Veja*, edição 2190, ano 43 - nº 45 , 10/11/10, p. 26)

#### 4. 3. 1 Análise da macroestrutura do texto 3

O artigo de opinião *Crucificar Monteiro Lobato?* de Lya Luft foi segmentado em dois blocos, sendo o título, o Bloco I, em uma função de apresentação do texto, formando a porção, 1 e o Bloco II, constituído pelas porções (2 - 3). Apresentamos, a seguir, a macro estrutura do texto:

**Bloco I (Porção 1):** Título: *Crucificar Monteiro Lobato?* – satélite do núcleo representado pelo Bloco II, numa relação de apresentação.

**Bloco II:** porções (2 - 3) – satélite da relação núcleo-satélite, representado pelo Bloco I.

**Porção 2:** *[No curso de uma vida somos submetidos a muita insensatez e muita tolice. Nem tudo é Mozart ou Leonardo da Vinci, carinho de amigos e filhos, abraço da pessoa amada. Então, a gente vai ficando calejado, para não expor demais a alma como alguém a quem retiraram a pele, e a quem a mais leve, mais doce brisa parece um fogo cruel. Pois nestes dias me deparo na imprensa com algo que rompeu minhas defesas e me fez duvidar do que*

*estava lendo. Reli, mais de uma vez, em mais de um jornal, e ali estava: querem banir das escolas um livro (logo serão todos, logo serão de muitos autores, não importa por que motivo for) de Monteiro Lobato, porque alegadamente contem alusões racistas.*

*Ora, gente, eu fui nutrida, minha alma foi alimentada, com duas literaturas na infância: os contos de fadas de Andersen e dos irmãos Grimm, e Monteiro Lobato. Duas culturas aparentemente antípodas, mas que se completavam lindamente. Narizinho e Pedrinho moravam no meu quintal. Emília era meu ídolo, irreverente e engraçada. Dona Benta se parecia com uma de minhas avós, e tia Nastácia era meu sonho de bondade e aconchego. Eu me identificava mais com elas do que com as princesas e fadas dos antiquíssimos contos nórdicos, porque jabuticaba, bolinho, bichos e alegria eram muito mais próximos de mim do que as melancólicas histórias de fadas e bruxas — raiz da minha ficção.]*

**Porção 3:** *Toda essa introdução é para pedir às autoridades competentes: pelo amor de Deus, da educação e das crianças, e da alma brasileira, não comecem a mexer com nossos autores sob essa desculpa malévola de menções a racismo. Essa semente terá frutos podres: vamos canibalescamente nos devorar a nós mesmos, à nossa cultura, à nossa maneira de convivência entre as etnias.*

*Com esse perigosíssimo precedente, vamos começar a “limpar”, isto é, deformar, muitos livros. Japoneses, árabes, alemães, italianos, poloneses, índios e negros (ou não posso mais usar essa palavra?) sofrem ou podem sofrer ataques racistas. Isso é motivo de penalidades da lei para os racistas, se for o caso. Racismo dói, eu sei disso. Quando menina, certa vez um grupo de crianças nem louras nem de olhos azuis me cercou no pátio da escola, e elas dançavam ao meu redor cantando “alemão batata come queijo com barata”. Não gostei. Doe-me. Hoje acho graça: na hora não foi engraçado.*

*Mas por isso vamos cavoucar em livros de história e banir os autores — o que só se admite em casos claros de repugnante racismo, não importa contra que raça for, diga-se de passagem? Essa planta rasteira, que vai contaminar nossa cultura, tem de ser cortada pela raiz. Ou a caça às bruxas vai se disseminar feito peste, pois é uma peste, iniciando um processo multiplicador de maldades comandadas por inveja, ou seja o que for, destruir obras, vidas, memórias, e atacar sobretudo as almas infantis como insetos daninhos. Não permitam isso, autoridades responsáveis e competentes: uma vez iniciado, esse processo não terá fim.*

*O politicamente correto pode ser perigoso e hipócrita. Os meus olhos azuis, como os de um de meus filhos, e os olhos escuros dos outros dois, como os oblíquos dos japoneses e os olhos*

*pretos dos árabes, são todos da família humana, muito maior e mais importante do que suas divisões raciais.*

*Nem comecem a dar ouvidos a essas buscas mesquinhas por culpados a ser jogados na fogueira: livros queimados foram um dos índices sinistros — ao qual nem todos deram a devida importância — da loucura nazista. Muita tragédia começa parecendo natural e desimportante: no início, achava-se Hitler um palhaço frustrado. Deu no que deu, e manchará a humanidade pelos tempos sem fim.*

*Que não comece entre nós, banindo um livro infantil de Monteiro Lobato, o mais brasileiro dos nossos escritores: será uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós. Não combina conosco. Não combina com um dos lugares nesta conflitada e complicada Terra onde as etnias e culturas ainda convivem melhor, apesar dos problemas — devidos em geral à desinformação e à imaturidade: o Brasil.*

Apresentamos o diagrama 12 correspondente à macroestrutura do Texto 3:

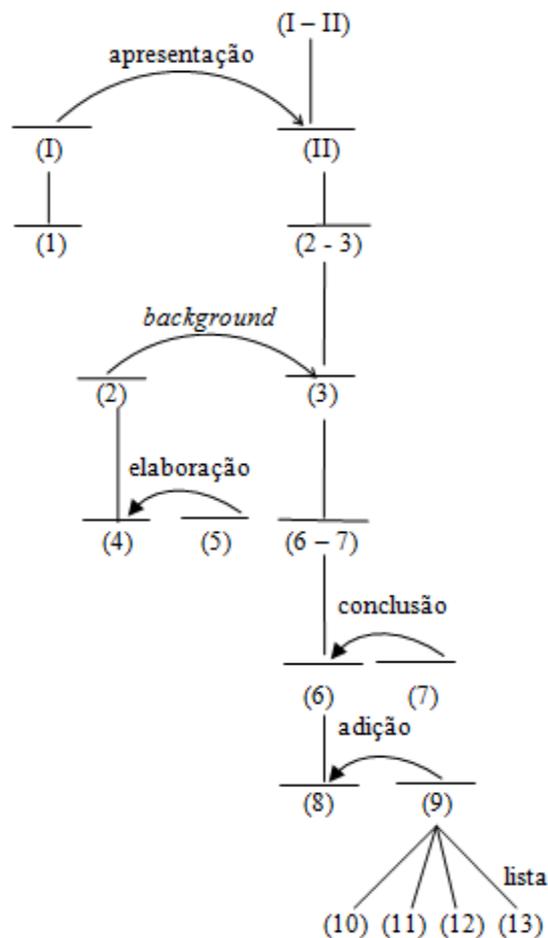


DIAGRAMA 12: Macroestrutura do Texto 3

Conforme foi demonstrado no diagrama 12, o texto *Crucificar Monteiro Lobato?* de Lya Luft foi segmentado em três porções maiores, a saber: a porção 1, constituída pelo título, com a função de apresentação em relação ao núcleo, formado pelas porções (2 - 3). As porções (2 - 3) constituem duas porções distintas, em uma relação núcleo-satélite, sendo (2) o satélite em uma relação de *background* de (3), uma vez que (2) funciona como um fundo, de forma a preparar o leitor para compreender melhor o núcleo, representado pela porção (3). Na porção (2), formada pelos primeiro e segundo parágrafos, a autora faz um relato, contextualizando o fato que a deixou indefesa e duvidosa do que estava lendo nos jornais: a notícia de que um livro de Monteiro Lobato seria banido das escolas. Esse fato constitui a tese de discussão do artigo.

A porção (3), formada pelo restante do texto, tem a função de argumentar sobre a insatisfação da autora diante da notícia citada, sendo os argumentos utilizados com o objetivo de persuadir o leitor a não acreditar que há racismo na obra de Monteiro Lobato.

Com fundamentação teórica na RST, a porção (2) passou por mais uma segmentação, resultando nas porções (4 - 5), sendo (4) representada pelo primeiro parágrafo e (5) pelo segundo. A porção (4) na função de núcleo, e (5) como satélite, em uma relação de elaboração, por acrescentar dados que levam o leitor a concordar que a leitura de obras de Monteiro Lobato e de outros autores, feitas, pela autora do artigo, na infância, só contribuíram para o desenvolvimento da produção literária de Lya Luft.

Retomando a porção (3), passamos à explanação de que ela também foi segmentada em (6 - 7), de forma que (6) tem a função de núcleo e (7) é o satélite, em uma relação de conclusão, uma vez que, em (6), a autora faz um pedido às autoridades competentes no sentido de não mexer com os autores brasileiros por motivo de racismo. A porção (6) foi representada pelos parágrafos três a sete; a porção 7, pelo último parágrafo do texto. Retomando a porção 6, verificamos a possibilidade de segmentá-la em (8) e (9), de forma que (8) é o núcleo e representa o apelo às autoridades e (9) é o satélite em uma relação de adição, já que adiciona motivos pelos quais a ação de retirar os livros de Monteiro Lobato se tornaria perigosíssima. A especificação de motivos fez surgir uma relação do tipo multinuclear em (9), constitui mais quatro porções: (10), (11), (12) e (13), representadas a seguir:

**Porção 10:** *Com esse perigosíssimo precedente, vamos começar a “limpar”, isto é, deformar, muitos livros. Japoneses, árabes, alemães, italianos, poloneses, índios e negros (ou não posso mais usar essa palavra?) sofrem ou podem sofrer ataques racistas. Isso é motivo de penalidades da lei para os racistas, se for o caso. Racismo dói, eu sei disso. Quando menina,*

*certa vez um grupo de crianças nem louras nem de olhos azuis me cercou no pátio da escola, e elas dançavam ao meu redor cantando “alemão batata come queijo com barata”. Não gostei. Doeu-me. Hoje acho graça: na hora não foi engraçado.*

**Porção 11:***Mas por isso vamos cavoucar em livros de história e banir os autores — o que só se admite em casos claros de repugnante racismo, não importa contra que raça for, diga-se de passagem? Essa planta rasteira, que vai contaminar nossa cultura, tem de ser cortada pela raiz. Ou a caça às bruxas vai se disseminar feito peste, pois é uma peste, iniciando um processo multiplicador de maldades comandadas por inveja, ou seja o que for, destruir obras, vidas, memórias, e atacar sobretudo as almas infantis como insetos daninhos. Não permitam isso, autoridades responsáveis e competentes: uma vez iniciado, esse processo não terá fim.*

**Porção 12:***O politicamente correto pode ser perigoso e hipócrita. Os meus olhos azuis, como os de um de meus filhos, e os olhos escuros dos outros dois, como os oblíquos dos japoneses e os olhos pretos dos árabes, são todos da família humana, muito maior e mais importante do que suas divisões raciais.*

**Porção 13:***Nem comecem a dar ouvidos a essas buscas mesquinhas por culpados a ser jogados na fogueira: livros queimados foram um dos índices sinistros — ao qual nem todos deram a devida importância — da loucura nazista. Muita tragédia começa parecendo natural e desimportante: no início, achava-se Hitler um palhaço frustrado. Deu no que deu, e manchará a humanidade pelos tempos sem fim.*

Dessa forma, concluímos, mais uma vez, que a RST possibilitou a identificação de partes macro e menores do texto, bem como os mecanismos utilizados pelo autor para construir e garantir a coerência do texto.

#### **4. 3. 2 Análise da microestrutura do Texto 3**

O Texto 3 foi segmentado em porções menores, considerando, também, a unidades de informação.

Texto 3:

1. [No curso de uma vida somos submetidos a muita insensatez e muita tolice.]

2. [Nem tudo é Mozart ou Leonardo da Vinci, carinho de amigos e filhos, abraço da pessoa amada.] (2 – 1): *sequência*
3. [Então, a gente vai ficando calejado,] *núcleo*
4. [para não expor demais a alma como alguém a quem retiraram a pele, e a quem a mais leve, mais doce brisa parece um fogo cruel.] 4 → 3 *propósito*  
(3 – 4) → (1 – 2) *resultado*
5. [Pois nestes dias me deparo na imprensa com algo que rompeu minhas defesas e me fez duvidar do que estava lendo.]
6. [Reli, mais de uma vez, em mais de um jornal,]
7. [e ali estava: querem banir das escolas um livro de Monteiro Lobato,] 7 → 6 *adição*
8. [(logo serão todos, logo serão de muitos autores, não importa por que motivo for)]
9. [porque alegadamente contém alusões racistas.] 9 → 8 *motivo*  
(6 – 9) → 5 *elaboração*  
(5 – 9): *lista*
10. [Ora, gente, eu fui nutrida, minha alma foi alimentada, com duas literaturas na infância: os contos de fadas de Andersen e dos irmãos Grimm, e Monteiro Lobato.]  
*núcleo em relação a (11 – 18)*
11. [Duas culturas aparentemente antípodas,]
12. [mas que se completavam lindamente.] (12 – 1): *contraste*
13. [Narizinho e Pedrinho moravam no meu quintal.]
14. [Emília era meu ídolo, irreverente e engraçada.]
15. [Dona Benta se parecia com uma de minhas avós,] *núcleo em relação a 16.*
16. [e tia Nastácia era meu sonho de bondade e aconchego.] 16 → 15 *adição*
17. [Eu me identificava mais com elas do que com as princesas e fadas dos antiquíssimos contos nórdicos,] *núcleo*
18. [porque jabuticaba, bolinho, bichos e alegria eram muito mais próximos de mim do que as melancólicas histórias de fadas e bruxas — raiz da minha ficção.]  
18 → 17 *motivo*  
(11 – 18) → 10 *elaboração*  
(10 – 18): *lista*
19. [Toda essa introdução é para pedir às autoridades competentes: pelo amor de Deus, da educação e das crianças, e da alma brasileira, não comecem a mexer com nossos autores sob essa desculpa malévola de menções a racismo.] *núcleo em relação a (20 – 34)*

20. [Essa semente terá frutos podres:]
21. [vamos canibalescamente nos devorar a nós mesmos, à nossa cultura, à nossa maneira de convivência entre as etnias.] 21 → 20 *resultado*
22. [Com esse perigosíssimo precedente, vamos começar a “limpar”, isto é, deformar, muitos livros.]
23. [Japoneses, árabes, alemães, italianos, poloneses, índios e negros (ou não posso mais usar essa palavra?) sofrem ou podem sofrer ataques racistas.]
24. [Isso é motivo de penalidades da lei para os racistas,] *núcleo em relação a 25*
25. [se for o caso.] 25 → 24 *condição*
26. [Racismo dói,] 26 → 27 *avaliação*
27. [eu sei disso.] 26 *núcleo em relação a 27*
28. [Quando menina,] 28 → 29 *circunstância*
29. [certa vez um grupo de crianças nem louras nem de olhos azuis me cercou no pátio da escola,] *núcleo em relação a 28*
30. [e elas dançavam ao meu redor cantando “alemão batata come queijo com barata”.] 30 → 29 *adição*
31. [Não gostei.]
32. [Doeu-me.]
33. [Hoje acho graça:]
34. [na hora não foi engraçado.] 34 → 33 *contraste*  
(31 – 32): (33 – 34) *contraste*
35. [Mas por isso vamos cavoucar em livros de história] *núcleo em relação a (36 – 38)*
36. [e banir os autores — *núcleo em relação a 37*
37. [o que só se admite em casos claros de repugnante racismo,] (37) → (36) *elaboração*
38. [não importa contra que raça for, diga-se de passagem?] (38) → (36 – 37) *concessão*
39. [Essa planta rasteira tem de ser cortada pela raiz.] *núcleo*
40. [que vai contaminar nossa cultura,] 40 → 39 *elaboração*
41. [Ou a caça às bruxas vai se disseminar feito peste,] *núcleo em relação a (42 – 44)*
42. [pois é uma peste,] *núcleo em relação a (43 – 44)*
43. [iniciando um processo multiplicador de maldades comandadas por inveja,] 42 → 41 *elaboração*
44. [ou seja o que for, destruir obras, vidas, memórias,] 43 → 42 *resultado*  
(43 – 44) → (42) *elaboração*  
(43 – 44): *disjunção*

45. [Não permitam isso, autoridades responsáveis e competentes:] *núcleo*
46. [uma vez iniciado, ] 46 → 47 *condição*
47. [esse processo não terá fim.] *núcleo em relação à 46*  
(46 – 47) → (45) *motivo*
48. [O politicamente correto pode ser perigoso e hipócrita.] *núcleo em relação a (49 – 56)*
49. [Os meus olhos azuis, como os de um de meus filhos, e os olhos escuros dos outros dois, como os oblíquos dos japoneses e os olhos pretos dos árabes, são todos da família humana, muito maior e mais importante do que suas divisões raciais.]
50. [Nem comecem a dar ouvidos a essas buscas mesquinhas por culpados a ser jogados na fogueira:] *núcleo em relação a (51 – 52)*
51. [livros queimados foram um dos índices sinistros —
52. [ao qual nem todos deram a devida importância — da loucura nazista.] (52) → (51)  
*elaboração*  
(51 – 52) → 50 *motivo*
53. [Muita tragédia começa parecendo natural e desimportante:] *núcleo em relação a (54)*
54. [no início, achava-se Hitler um palhaço frustrado.] (54) → (53) *motivo*
55. [Deu no que deu,] *núcleo em relação a (56).*
56. [e manchará a humanidade pelos tempos sem fim.] (56) → (55) *adição*  
(49 – 56): *lista*
57. [Que não comece entre nós, banindo um livro infantil de Monteiro Lobato, o mais brasileiro dos nossos escritores:] *núcleo em relação a (58)*
58. [será uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós.]  
(58) → 57 *resultado*
59. [Não combina conosco.]
60. [Não combina com um dos lugares nesta conflitada e complicada Terra onde as etnias e culturas ainda convivem melhor, apesar dos problemas — devidos em geral à desinformação e à imaturidade: o Brasil.]  
(57 – 60): *lista*

Como nos textos anteriores, optamos por transcrever a tabela de relações antes da análise da microestrutura, visando ao acompanhamento da análise da estrutura retórica e da articulação das orações do texto 3.

TABELA 3  
Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto 3.

| <b>Classificação</b>     | <b>Relação retórica</b> | <b>Incidência</b> |
|--------------------------|-------------------------|-------------------|
| Relações Multinucleares  | Contraste               | 4                 |
|                          | Lista                   | 30                |
|                          | Sequência               | 2                 |
| Relações núcleo-satélite | Adição                  | 5                 |
|                          | Avaliação               | 1                 |
|                          | Circunstância           | 1                 |
|                          | Concessão               | 1                 |
|                          | Condição                | 2                 |
|                          | Elaboração              | 7                 |
|                          | Motivo                  | 6                 |
|                          | Propósito               | 1                 |
|                          | Resultado               | 4                 |

O artigo de opinião *Crucificar Monteiro Lobato?* de Lya Luft foi segmentado em 60 unidades de informação. As relações, como nos demais textos, classificam-se como multinucleares e de núcleo-satélite. As relações multinucleares de sequência, de contraste e, sobretudo, de lista estão a serviço da argumentação desenvolvida pela autora, a fim de discutir a tese por ela apresentada: *Reli, mais de uma vez, em mais de um jornal, e ali estava: querem banir das escolas um livro de Monteiro Lobato, (logo serão todos, logo serão de muitos autores, não importa por que motivo for) porque alegadamente contém alusões racistas.*

Devido ao espaço que seria necessário para exibir o diagrama completo da microestrutura do Texto 3, decidimos apresentá-lo por partes, na medida em que essas partes forem analisadas. Assim, foi analisada a porção (1 - 18), que corresponda à segunda porção da macroestrutura do texto. Essa porção foi segmentada em duas outras, em uma relação do tipo núcleo-satélite, sendo (1 - 9), núcleo e (10 - 18) o satélite em uma relação de elaboração, visto que essa parte tem a função de aumentar a capacidade potencial do leitor para executar a ação no núcleo, ou seja, entender e aceitar a ação proposta no núcleo. A porção (1 - 18) é demonstrada no diagrama 13, abaixo:

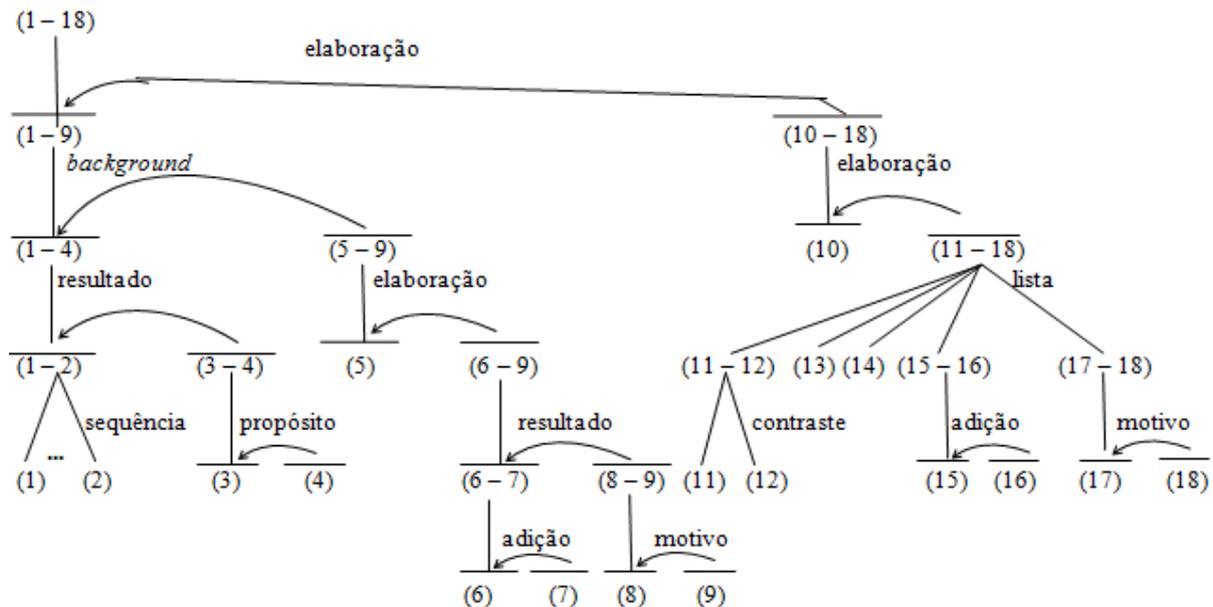


DIAGRAMA 13: Porção (1 – 18) da microestrutura do Texto 3

A porção (1 - 9) apresenta uma relação multinuclear de sequência em (1 - 2) e as demais são todas do tipo núcleo-satélite, corroborando, mais uma vez, a defesa da RST, quando afirma ser maior o tipo de relações dessa categoria. Dentre elas, está a de *background* identificada em (5 - 9) para (1 - 4), em que a autora cita a questão mostrada na UI 1: [*No curso da vida somos submetidos a muita insentatez e muita tolice*]. Com a finalidade de o leitor aumentar a habilidade de entendimento da questão dita na UI 1, foram citados fatos na porção (5 - 9), em uma relação de lista, confirmado nas UIs abaixo:

(UI 5)[*Pois nestes dias me deparo na imprensa com algo que rompeu minhas defesas e me fez duvidar do que estava lendo.*]

(UI 9)[*Reli, mais de uma vez, em mais de um jornal.*]

A relação do tipo núcleo-satélite, denominada elaboração teve uma forte ocorrência na porção (5 -9), com o objetivo de apresentar detalhes sobre o assunto apresentado no núcleo. Percebe-se a incidência marcante desse tipo de relação, que está, fortemente, a serviço da argumentação. Nesse caso, a argumentação se deu na utilização da relação retórica da elaboração, o que comprova as escolhas do falante, considerando o contexto e a garantia da interação linguística. Outras relações, como, resultado, adição, motivo e propósito, também ocorreram.

A porção (10 - 18) apresenta a mesma incidência da relação de elaboração, que mediante argumentos demonstrados, em uma relação do tipo multinuclear de lista em (11 - 18), a

autora mostra fatos que ela vivenciou na infância. Ainda na porção (1 - 18), identificamos a organização da argumentação, mediante cláusulas complexas, segundo Halliday (1985/2004), por hipotaxe de realce, como em (3 - 4), em que (4) é materializada em uma oração adverbial final, para a Gramática Tradicional. Já no complexo oracional, constituído pelas UIs (6 - 9), identificamos orações paratáticas e hipotáticas, conforme é demonstrados nas cláusulas seguintes:

UI6 [*Reli, mais de uma vez, em mais de um jornal,*]

UI 7[*e ali estava: querem banir das escolas um livro de Monteiro Lobato,*]

UI8 [*(logo serão todos, logo serão de muitos autores, não importa por que motivo for)*]

UI9 [*porque alegadamente contém alusões racistas.*]

O complexo oracional acima apresenta, uma parataxe em (6) e (7), visto que (6) é uma oração inicial e (7) uma contínua, contudo, percebe-se, também, uma hipotaxe de realce, em (8) e (9), sendo (8) a oração dominante e (9), a dependente. Identifica-se, ainda, uma relação de extensão paratática, na Gramática Tradicional, classificada como orações coordenadas. Para a Gramática Tradicional, esse grupo de orações constitui um período composto por coordenação e por subordinação.

Por outro lado, a relação de lista apresenta um nível importante de ocorrências e vale ressaltar que, nesse caso, os núcleos, também de *status* iguais, estão a serviço da argumentação e, paulatinamente, vão levando o leitor a se convencer dos fatos discutidos pela autora.

Para exemplificar, mostramos, a seguir, algumas relações de lista do texto:

(UI 13) [*Narizinho e Pedrinho moravam no meu quintal.*]

(UI 14)[*Emília era meu ídolo, irreverente e engraçada.*]

(UI 15)[*Dona Benta se parecia com uma de minhas avós,*]

(UI 16)[*e tia Nastácia era meu sonho de bondade e aconchego.*]

As UIs acima vêm mostrar a afirmativa contida nas UIs (11 - 12), mediante a enumeração de fatos que comprovam a combinação entre as “*duas culturas aparentemente antípodas*”, ao mesmo tempo, a autora comprova que não faz sentido banir das escolas os livros de Monteiro Lobato.

Concomitante com as relações multinucleares, estão as do tipo núcleo-satélite, que, como nos demais textos, aparecem com mais incidência. Segundo Chafe (1985;1992, *apud* ANTÔNIO, 2004, p. 56) a supremacia da ocorrência desse tipo de relações justifica-se pelo fato de, na escrita o locutor dispor de “mais tempo de que na fala para o “empacotamento” da informação.” Além disso, o falante prioriza que o leitor chegue ao ponto mais próximo possível

da intenção que motivou e orientou a produção, bem como as condições de produção na modalidade escrita.

A seguir, demonstramos, no diagrama 14, a porção formada pelas UIs (19 - 34), que, mais uma vez, apresenta relação de elaboração, em forma de lista, enumerando argumentos, como é retratado em (20 - 24) para (19). Já dentro da relação multinuclear de lista, identificam-se relações de resultado, condição, avaliação, circunstância e adição. Duas relações de contraste, em (31 - 32) e (33 - 34), com outro contraste em (33 - 34) asseguram a argumentação em torno da discussão de retirar os livros de Monteiro Lobato pelo motivo de veicular racismo, fato esse com o qual a autora não concorda.

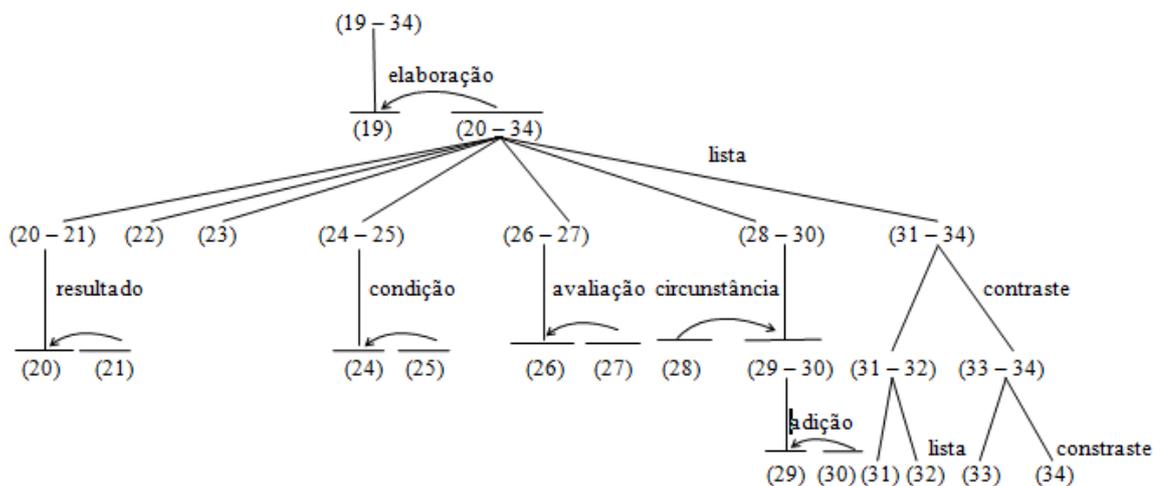


DIAGRAMA 14: Porção (14 - 34) da microestrutura do Texto 3

Vale ressaltar que, conforme propõe a Teoria da Estrutura Retórica do Texto, as proposições relacionais emergem entre as partes do texto, com ou sem a presença de conectivos. Essa situação é mostrada nas ocorrências acima, de forma que, no primeiro par de orações (UI 11 - UI 12), percebe-se a presença do conectivo adversativo *mas*, contudo, na porção seguinte, isso não acontece: a UI (34) não apresenta conectivo; a marca de contraste é demarcada pela presença dos dois pontos no final da UI (33). Mais uma vez, a relação de contraste se evidencia por orações paratáticas, de *status* iguais, defendidas por Halliday (2004) e classificadas como coordenadas sindéticas e assindéticas ou justapostas e independentes, na Gramática Tradicional. Dessa forma, a Gramática Tradicional classifica as orações coordenadas assindéticas como justapostas e independentes. Essa afirmativa pode ser contestada pelo par de orações (33 - 34), uma vez que a UI 34 só faz sentido, se for levada em

conta a UI (33): o fato de, hoje, a autora achar graça de os alunos chamá-la de “*alemão batata come queijo com barata*”, no pátio da escola, quando criança, só tem relevância por não ter sido engraçado anteriormente.

Dando continuidade à análise da microestrutura do Texto 3, demonstramos a porção constituída pelas UIs (35 – 47), conforme o diagrama 15:

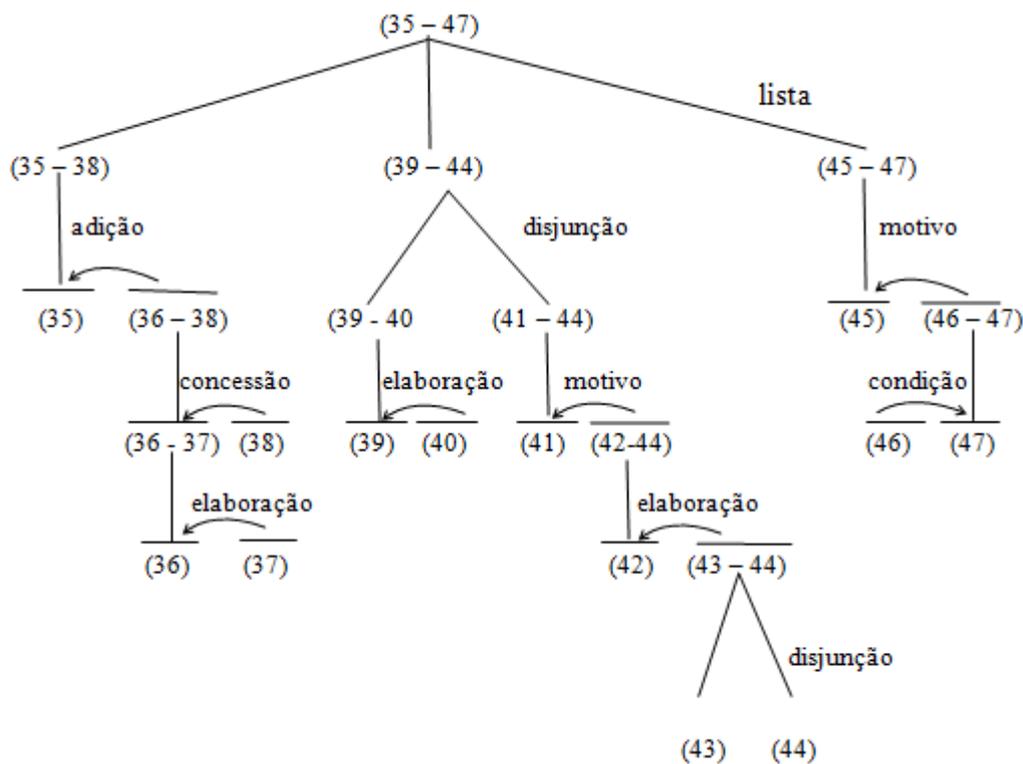


DIAGRAMA 15: Porção (35 - 47) da microestrutura do Texto 3

Na porção (35 - 38), a autora dá prosseguimento aos argumentos sobre a insatisfação de ver banidos os livros de história sob a alegação de racismo. Para tanto, foram selecionadas unidades de informação que resultaram em relação do tipo multinuclear e do tipo núcleo-satélite. Entre as do tipo multinuclear, foram identificadas três porções de relação de lista nas UIs (35 - 38), (39 - 44) e (45 - 47). A porção (35 - 38) apresenta um núcleo na UI (35), acompanhada de uma relação de adição no satélite representado pela UI (36). Essa unidade de informação exerce o papel de núcleo em relação à UI (37), que é uma elaboração de (36) ao dizer que “banir os autores” (UI (36)) só é admissível em casos claros de repugnante racismo, e não de uma forma injustificável. Ainda nessa porção, há uma relação de concessão na UI (38) em relação às UIs (36 - 37), núcleo de (38).

A porção (39 - 44), traz mais argumentos que formam duas porções menores: (39 - 40) e (41 - 44), em uma relação multinuclear de disjunção. Nessas duas porções, foram identificadas relações do tipo núcleo-satélite de elaboração em (39 - 40), (42) → (43 - 44); motivo em (41) → (42 - 44) e uma multinuclear de disjunção em (43) e (44). Já a porção (45 - 47) foi segmentada em (45), núcleo de (46 - 47), satélite, em uma relação de motivo, que, por sua vez, apresenta um núcleo (47) e um satélite (46), em uma relação de condição.

A última porção do texto, formada pelas UIs (48 - 60) é demonstrada no diagrama 16, a seguir:

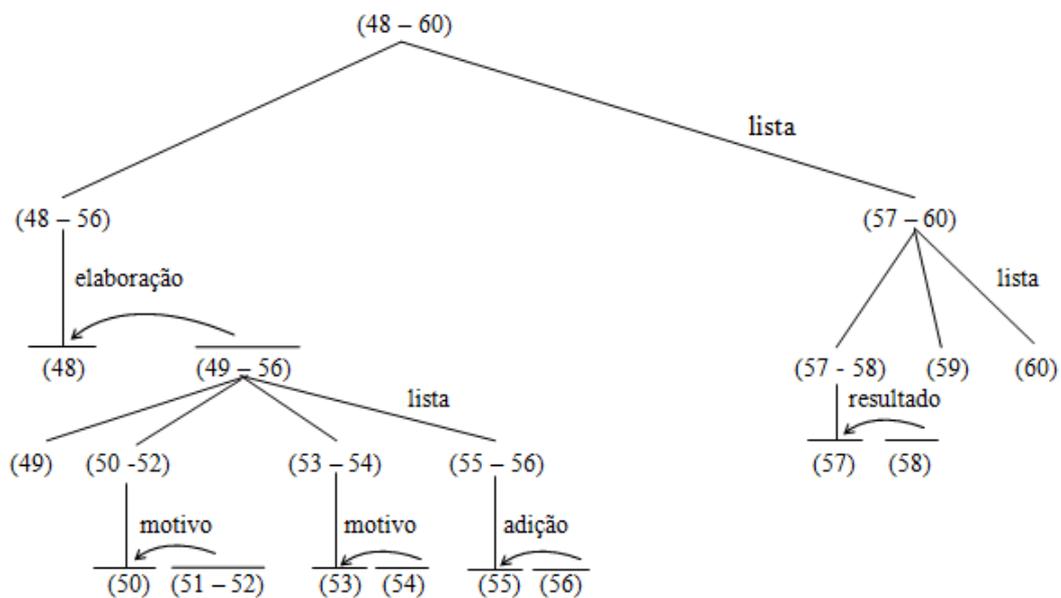


DIAGRAMA 16: Porção (48 - 60) da microestrutura do Texto 3

A porção (48 - 60) foi dividida em duas: (48 - 56) e (57 - 60), em uma relação multinuclear de lista. A primeira tem o objetivo de argumentar sobre [*O politicamente correto pode ser perigoso e hipócrita.*], na UI (48), com a função de núcleo de (49 - 56). A argumentação, localizada em (49 - 56), se deu em uma relação do tipo núcleo-satélite de elaboração de (48). Nessa porção há relações de motivo e adição, que parecem bastante coerentes com o objetivo da autora: falar sobre o que é politicamente correto. Por último, está a porção (57 - 60), formada por relações do tipo multinuclear de lista em (57 - 58), (59) e (60). Em (57 - 58), temos (57), núcleo e (58), o satélite, em uma relação de resultado, ao afirmar que UI 57 [*Que não comece entre nós, banindo um livro infantil de Monteiro Lobato, o mais brasileiro dos nossos escritores*] e UI 58 [*será uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós.*]

O artigo é concluído com as UIs (59 - 60), argumentando, mediante uma relação multinuclear de lista, mais justificativas pelas quais a autora não se convence da necessidade de se retirar as obras do escritor brasileiro das escolas. A conclusão se dá de forma contundente da autora.

Considerando globalmente o texto, verificamos, ainda, que as relações multinucleares foram se configurando por períodos complexos, constituídos por orações paratáticas, de *status* iguais, traduzidas por orações coordenadas, como nas UIs (11 -12); (15 - 16); (26 - 27), dentre outras; ou por períodos curtos, com um único verbo, mas interligados, fazendo emergir proposições relacionais entre eles, como em (31, 32, 33, 34). Esse fato pode ser explicado pela necessidade de ir se acrescentando dados que convençam o leitor da defesa de que não há racismo na obra de Monteiro Lobato. Entendemos que essa atitude da autora é uma estratégia da argumentação rumo ao alcance dos objetivos propostos: persuadir o público a aceitar o seu ponto de vista.

Verificamos, inclusive, que dentre os tempos verbais empregados, predominam o presente e o pretérito perfeito do indicativo, demarcando, no gênero artigo de opinião, fatos reais, que ocorrem ou que já aconteceram.

Dessa forma, concluímos que o artigo *Crucificar Monteiro Lobato?* foi construído de forma coerente, mediante orações paratáticas, hipotáticas e encaixamento, para Halliday e para a RST, de relações multinucleares e de núcleo-satélite, em sua maioria. É importante relatar que, para reforçar os argumentos, a autora intercala porções narrativas, ao relatar fatos referentes à sua infância, contudo essa estratégia está a serviço da argumentação: posicionar-se contra a retirada do livro de Monteiro Lobato das escolas.

#### **4. 4 Texto 4: Bons motivos – Antônio Delfim Netto**

##### **Bons motivos**

Antônio Delfim Netto

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem bons motivos para se orgulhar do estado da Nação que transfere à sucessora Dilma Rousseff. Isso se aplica tanto ao campo institucional quanto à saúde da economia e ao progresso social.

Ao inaugurar o novo governo em janeiro de 2011, a presidente vai encontrar um Brasil em desenvolvimento, caminhando na direção de alcançar os objetivos implícitos na Constituição de 1988, um País republicano, num regime democrático pleno, avançando na direção de dar igualdade de oportunidade para todos. Essa é uma realidade cuja percepção revela-se no aumento da autoestima do povo brasileiro e na forte confiança que demonstra, neste momento, em relação ao seu futuro e ao próprio destino do País.

Esse é um sentimento que a meu ver tem (também) bons motivos para continuar no governo Dilma. Muita coisa, obviamente, vai depender do comportamento da economia no resto do planeta e é bom ter presente que não podemos contar com ventos “amigos” do exterior (na verdade, eles não mais são favoráveis há dois anos, desde que explodiu a crise financeira mundial), mas mantenho uma expectativa bastante positiva em relação às ações de seu governo.

A presidente está montando sua equipe econômica com base no excelente time que atuou no governo Lula, com novos convocados também de alta competência que vão ajudá-la a manter um crescimento do PIB acima de 5%, com controle adequado da inflação. Ela anunciou que sustentará a política fiscal combinada com o ministro Guido Mantega para diminuir o déficit nominal (até eliminá-lo) e reduzir para 30% a relação Dívida Líquida/PIB. O objetivo é dar suporte a um Banco Central (autônomo), sob comando do experiente economista Alexandre Tombini, para trazer a taxa de juros real do Brasil para um intervalo de 2% a 3%, num tempo razoável. Vai exigir inteligência e ousadia e, obviamente, prudência nas doses certas.

Fazer a taxa de juros real interna convergir para a média internacional é a única forma de reduzir os movimentos de capitais oportunistas que podem manter a taxa de câmbio fora do equilíbrio por tempo suficiente para criar graves problemas na produção interna de bens e serviços. Os efeitos da crise mundial deflagrada em 2008 exigiram nos dois anos seguintes o exercício de políticas monetária e fiscal agressivas, justificado pela necessidade de acelerar a saída do País da recessão provocada pelas patifarias do setor financeiro externo.

Nessas condições, estamos terminando muito bem 2010, com o déficit nominal de 2,5%, um superávit primário em torno de 1,6%, uma relação Dívida/PIB (bruta) de 68% e uma Dívida/PIB (líquida) de 41%. Nada disso sinaliza uma tragédia nem vai exigir um “choque” ou um ajuste fiscal “dramático” como preconizam alguns “falcões” monetaristas de plantão. Será preciso, com certeza, coordenar melhor as medidas da área econômica do governo de modo a garantir o suporte de uma ajuda fiscal musculosa que facilite a tarefa do Banco Central de manter o controle da inflação e, ao mesmo tempo, trabalhar na direção de igualar as taxas de juro interna e externa.

O governo Dilma poderá submeter à sociedade um programa perfeitamente aceitável e crível que permita atingir os seus múltiplos objetivos dentro de prazos razoáveis: déficit nominal zero, relação Dívida/PIB convergindo para o objetivo e política monetária coerente com o controle da expectativa inflacionária. E taxa de juro real monotonicamente decrescente.

Para que se criem antecipadamente as expectativas necessárias quanto à credibilidade dos objetivos, o programa deve ser apresentado de forma absolutamente transparente, mostrando, por exemplo: 1. Como vai enfrentar a questão do juro real para manter o rendimento das cadernetas de poupança. 2. Como criar as condições para estimular a formação de poupança. 3. Como vai modificar a qualidade do financiamento da dívida. 4. Como vai eliminar os resquícios de indexação que ainda infestam a economia. 5. Como vai fazer as despesas do governo (excluídos os investimentos) crescerem a uma velocidade menor do que a do PIB. 6. Como vai enfrentar os problemas (mais “cabeludos” que todos os demais, somados...) da previdência pública.

Não há como ignorar a natureza e o porte dos desafios que aguardam Dilma Rousseff, mas há bons motivos para apostar que seu governo “dará conta do recado”.

#### 4. 4. 1 Análise da macroestrutura do Texto 4

**Bloco I (Porção 1)** Título: Bons motivos - satélite do núcleo representado pelo Bloco II, numa relação de apresentação.

**Bloco II (Porções 2 – 4):** núcleo constituído pela porção (2 – 4).

**Porção 2:** *O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem bons motivos para se orgulhar do estado da Nação que transfere à sucessora Dilma Rousseff. Isso se aplica tanto ao campo institucional quanto à saúde da economia e ao progresso social.*

*Ao inaugurar o novo governo em 2011, a presidente vai encontrar um Brasil em desenvolvimento, caminhando na direção de alcançar os objetivos implícitos na Constituição de 1988, um País republicano, num regime democrático pleno, avançando na direção de dar igualdade de oportunidade para todos. Essa é uma realidade cuja percepção revela-se no aumento da autoestima do povo brasileiro e na forte confiança que demonstra, neste momento, em relação ao seu futuro e ao próprio destino do País.*

*Esse é um sentimento que a meu ver tem (também) bons motivos para continuar no governo Dilma. Muita coisa, obviamente, vai depender do comportamento da economia no resto do planeta e é bom ter presente que não podemos contar com ventos “amigos” do exterior (na verdade, eles não mais são favoráveis há dois anos, desde que explodiu a crise financeira mundial), mas mantenho uma expectativa bastante positiva em relação às ações de seu governo.*

**Porção 3:** *A presidente está montando sua equipe econômica com base no excelente time que atuou no governo Lula, com novos convocados também de alta competência que vão ajudá-la a manter um crescimento do PIB acima de 5%, com controle adequado da inflação. Ela anunciou que sustentará a política fiscal combinada com o ministro Guido Mantega para diminuir o déficit nominal (até eliminá-lo) e reduzir para 30% a relação Dívida Líquida/PIB. O objetivo é dar suporte a um Banco Central (autônomo), sob comando do experiente economista Alexandre Tombini, para trazer a taxa de juros real do Brasil para um intervalo de 2% a 3%, num tempo razoável. Vai exigir inteligência e ousadia e, obviamente, prudência nas doses certas.*

*Fazer a taxa de juros real interna convergir para a média internacional é a única forma de reduzir os movimentos de capitais oportunistas que podem manter a taxa de câmbio fora do equilíbrio por tempo suficiente para criar graves problemas na produção interna de bens e serviços. Os efeitos da crise mundial deflagrada em 2008 exigiram nos dois anos seguintes o*

*exercício de políticas monetária e fiscal agressivas, justificado pela necessidade de acelerar a saída do País da recessão provocada pelas patifarias do setor financeiro externo*

*Nessas condições, estamos terminando muito bem 2010, com o déficit nominal de 2,5%, um superávit primário em torno de 1,6%, uma relação Dívida/PIB (bruta) de 68% e uma Dívida/PIB (líquida) de 41%. Nada disso sinaliza uma tragédia nem vai exigir um “choque” ou um ajuste fiscal “dramático” como preconizam alguns “falcões” monetaristas de plantão. Será preciso, com certeza, coordenar melhor as medidas da área econômica do governo de modo a garantir o suporte de uma ajuda fiscal musculosa que facilite a tarefa do Banco Central de manter o controle da inflação e, ao mesmo tempo, trabalhar na direção de igualar as taxas de juro interna e externa.*

*O governo Dilma poderá submeter à sociedade um programa perfeitamente aceitável e crível que permita atingir os seus múltiplos objetivos dentro de prazos razoáveis: déficit nominal zero, relação Dívida/PIB convergindo para o objetivo e política monetária coerente com o controle da expectativa inflacionária. E taxa de juro real monotonicamente decrescente.*

*Para que se criem antecipadamente as expectativas necessárias quanto à credibilidade dos objetivos, o programa deve ser apresentado de forma absolutamente transparente, mostrando, por exemplo: 1. Como vai enfrentar a questão do juro real para manter o rendimento das cadernetas de poupança. 2. Como criar as condições para estimular a formação de poupança. 3. Como vai modificar a qualidade do financiamento da dívida. 4. Como vai eliminar os resquícios de indexação que ainda infestam a economia. 5. Como vai fazer as despesas do governo (excluídos os investimentos) crescerem a uma velocidade menor do que a do PIB. 6. Como vai enfrentar os problemas (mais “cabeludos” que todos os demais, somados...) da previdência pública.*

**Porção 4:** *Não há como ignorar a natureza e o porte dos desafios que aguardam Dilma Rousseff, mas há bons motivos para apostar que seu governo “dará conta do recado”.*

Conforme foi feito anteriormente, transcrevemos o diagrama da macroestrutura para esclarecimentos da análise, que segue após o diagrama 17.

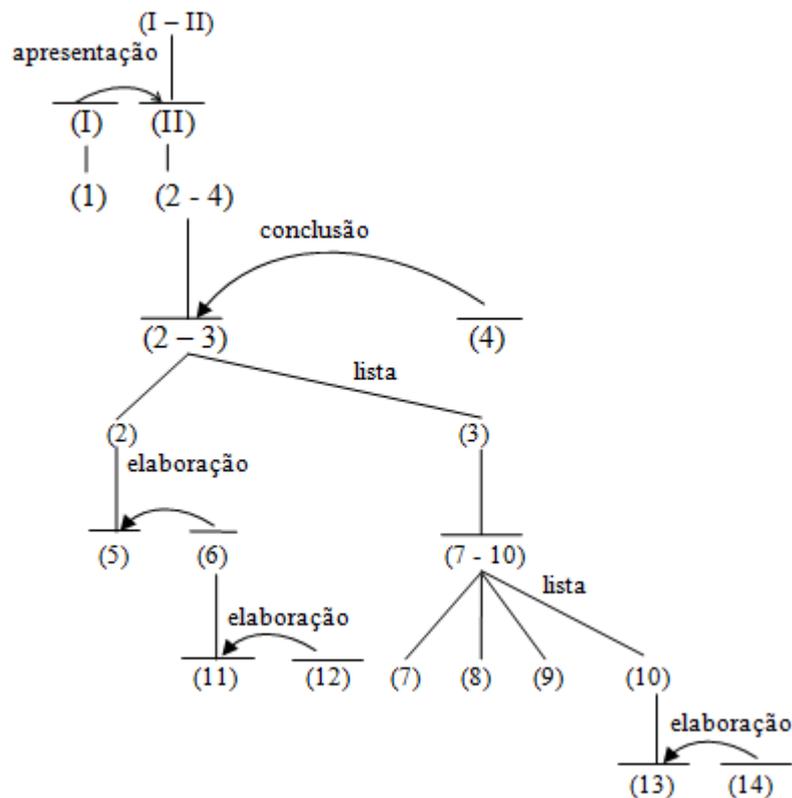


DIAGRAMA 17: Macroestrutura do Texto 4

Como os outros, o texto *Bons motivos* de Antônio Delfim Netto é formado por dois grandes blocos, a saber: Bloco I – o título, que constitui a porção 1, em uma relação de apresentação do texto; Bloco II, constituído pelas porções (2 - 4), que formam um grande núcleo.

A porção (2 - 4) situa que Luiz Inácio Lula da Silva tem bons motivos para se orgulhar da atual situação do Brasil se encontra, no momento em que ele transfere a Nação à Dilma Rousseff. No momento, o país encontra-se em desenvolvimento, caminhando na direção de alcançar objetivos propostos pela Constituição de 1988, bem como a expectativa do autor em relação ao governo da presidente. A porção 3 constituída pelos parágrafos quatro a oito, estabelece relação do tipo multinuclear de lista com a porção 2, uma vez que vai enumerando dados que sustentam a tese em 2. Por último, está a porção 4, formada pelo parágrafo nove. Essa porção encerra o artigo e exerce a função de conclusão em relação a (2 - 3), afirmando que são muitos os desafios que aguardam a presidente, contudo há bons motivos para acreditar no próximo governo

Vale ressaltar que a porção (2) foi subdividida em duas outras, de forma que o primeiro parágrafo constitui a porção (5), com a função de núcleo; o segundo e terceiro parágrafos constituem a porção (6), em uma relação do tipo núcleo-satélite na função de elaboração, pois acrescenta atributos que levam o leitor a aceitar a ação proposta no núcleo. Ao chegar ao último nível de identificação de informações na macroestrutura, foram indicadas as porções (11), núcleo e (12), satélite, em uma relação de elaboração. A porção (11) é constituída pelo segundo parágrafo, enquanto a (12) é constituída pelo terceiro parágrafo.

Ainda considerando a macroestrutura, a porção 3 foi segmentada em duas outras subdivisões, formando as porções (7 - 10). Essa porção foi segmentada em quatro, em uma relação multinuclear de lista, caracterizada como uma enumeração de argumentos que levam o leitor a ter ciência das ações da presidente, inclusive a elaboração de um programa que possibilitará alcançar os objetivos propostos. A porção (10) foi dividida em (13), núcleo, com a citação do programa, e a (14), que acrescenta atributos ao programa, em uma relação de elaboração de (14) para (13), conforme é demonstrado do diagrama 17.

No texto 4 percebe-se, inclusive, uma estrutura claramente delimitada: uma introdução, o desenvolvimento dos argumentos em torno da tese exposta na introdução e o fechamento do texto em forma de uma relação de resumo.

#### 4. 4. 2 Análise da microestrutura do Texto 4

Passamos, agora, à análise da microestrutura do texto. Tal qual os outros artigos, este também foi dividido em unidades de informação, como se vê a seguir.

Texto 4:

1. [O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem bons motivos] *núcleo*
2. [para se orgulhar do estado da Nação que transfere à sucessora Dilma Rousseff.]  
 $2 \rightarrow 1$  *propósito*  
 $(3 - 14) \rightarrow (1 - 2)$  *elaboração*
3. [Isso se aplica tanto ao campo institucional quanto à saúde da economia e ao progresso social.]
4. [Ao inaugurar o novo governo em janeiro de 2011,]  $4 \rightarrow 5$  *circunstância*
5. [a presidente vai encontrar um Brasil em desenvolvimento,]  $5 \rightarrow$  *núcleo em relação a*  
 4.

6. [caminhando na direção de alcançar os objetivos implícitos na Constituição de 1988, um País republicano, num regime democrático pleno,] 6 → 5 *elaboração*
7. [avançando na direção de dar igualdade de oportunidade para todos.] 7 → 5 *elaboração*  
6 → 7 *adição*
8. [Essa é uma realidade cuja percepção revela-se no aumento da autoestima do povo brasileiro e na forte confiança que demonstra, neste momento, em relação ao seu futuro e ao próprio destino do País.] *núcleo em relação a 9.*
9. [Esse é um sentimento que a meu ver tem (também) bons motivos para continuar no governo Dilma.] 9 → 8 *avaliação*
10. [Muita coisa, obviamente, vai depender do comportamento da economia no resto do planeta] *núcleo*
11. [e é bom ter presente que não podemos contar com ventos “amigos” do exterior]  
11 → 10 *adição*
12. [(na verdade, eles não mais são favoráveis há dois anos,] 12 → (10 – 11) *concessão*
13. [desde que explodiu a crise financeira mundial,] 13 → 12 *circunstância*
14. [mas mantenho uma expectativa bastante positiva em relação às ações de seu governo.] (14 (10 – 13): *contraste*  
(3 – 14) → (1 – 2) *elaboração*
15. [A presidente está montando sua equipe econômica com base no excelente time que atuou no governo Lula, com novos convocados também de alta competência que vão ajudá-la a manter um crescimento do PIB acima de 5%, com controle adequado da inflação.] *núcleo*
16. [Ela anunciou que sustentará a política fiscal combinada com o ministro Guido Mantega] (16 - 15): *sequência*  
16 → 17 *núcleo*
17. [para diminuir o déficit nominal] 17 → 16 *propósito*
18. [(até eliminá-lo)] 18 → 16 *resultado*
19. [e reduzir para 30% a relação Dívida Líquida/PIB.] 19 → 16 *adição*
20. [O objetivo é dar suporte a um Banco Central (autônomo), sob comando do experiente economista Alexandre Tombini,] *núcleo*
21. [para trazer a taxa de juros real do Brasil para um intervalo de 2% a 3%, num tempo razoável.] 21 → 20 *propósito*
22. [Vai exigir inteligência e ousadia e, obviamente, prudência nas doses certas.]

- (22) → (20 – 21) *avaliação*
23. [Fazer a taxa de juros real interna convergir para a média internacional é a única forma de reduzir os movimentos de capitais oportunistas que podem manter a taxa de câmbio fora do equilíbrio por tempo suficiente] *núcleo*
24. [para criar graves problemas na produção interna de bens e serviços.]  
24 → 23 *propósito*
25. [Os efeitos da crise mundial deflagrada em 2008 exigiram nos dois anos seguintes o exercício de políticas monetária e fiscal agressivas, *núcleo*
26. [justificado pela necessidade de acelerar a saída do País da recessão provocada pelas patifarias do setor financeiro externo.] 26 → 25 *elaboração*  
(25 – 26) → *núcleo em relação a 27.*
27. [Nessas condições, estamos terminando muito bem 2010, com o déficit nominal de 2,5%, um superávit primário em torno de 1,6%, uma relação Dívida/PIB (bruta) de 68% e uma Dívida/PIB (líquida) de 41%.] 27 → (25 – 26) *avaliação*
28. [Nada disso sinaliza uma tragédia] *núcleo*
29. [nem vai exigir um “choque” ou um ajuste fiscal “dramático”] 29 → 28 *adição*
30. [ como preconizam alguns “falcões” monetaristas de plantão.] 30 → (28 - 29) *modo*
31. [Será preciso, com certeza, coordenar melhor as medidas da área econômica do governo] *núcleo*
32. [de modo a garantir o suporte de uma ajuda fiscal musculosa que facilite a tarefa do Banco Central de manter o controle da inflação] 32 → 31 *propósito*
33. [e, ao mesmo tempo, trabalhar na direção de igualar as taxas de juro interna e externa.]  
33 → 32 *adição*
34. [O governo Dilma poderá submeter à sociedade um programa perfeitamente aceitável e crível que permita atingir os seus múltiplos objetivos dentro de prazos razoáveis: déficit nominal zero, relação Dívida/PIB convergindo para o objetivo e política monetária coerente com o controle da expectativa inflacionária.]
35. [E taxa de juro real monotonicamente decrescente.] (35 – 34): *sequência*
36. [Para que se criem antecipadamente as expectativas necessárias quanto à credibilidade dos objetivos,] 36 → 37 *propósito*
37. [o programa deve ser apresentado de forma absolutamente transparente, mostrando, por exemplo:] *núcleo em relação a 36*
38. [1. Como vai enfrentar a questão do juro real]
39. [para manter o rendimento das cadernetas de poupança.] 39 → 38 *propósito*

40. [2. Como criar as condições para estimular a formação de poupança.]
41. [3. Como vai modificar a qualidade do financiamento da dívida.] *lista*
42. [4. Como vai eliminar os resquícios de indexação que ainda infestam a economia.]
43. [5. Como vai fazer as despesas do governo (excluídos os investimentos) crescerem a uma velocidade menor do que a do PIB.]
44. [6. Como vai enfrentar os problemas (mais “cabeludos” que todos os demais, somados...) da previdência pública.] (38 – 44): *lista*
45. [Não há como ignorar a natureza e o porte dos desafios que aguardam Dilma Rousseff,] *núcleo*
46. [mas há bons motivos para apostar que seu governo “dará conta do recado”.] (44 - 43): *contraste*

TABELA 4  
Ocorrência de relações retóricas na microestrutura do Texto 4.

| <b>Classificação</b>     | <b>Relação retórica</b> | <b>Incidência</b> |
|--------------------------|-------------------------|-------------------|
| Relações multinucleares  | Contraste               | 2                 |
|                          | Lista                   | 15                |
| Relações núcleo-satélite | Adição                  | 5                 |
|                          | Avaliação               | 3                 |
|                          | Circunstância           | 2                 |
|                          | Concessão               | 1                 |
|                          | Elaboração              | 5                 |
|                          | Modo                    | 1                 |
|                          | Propósito               | 7                 |
|                          | Resultado               | 1                 |

A microestrutura textual do artigo de opinião “*Bons motivos*” de Antônio Delfim Netto foi constituída por 46 unidades de informação. Assim, para analisar as relações estabelecidas entre as porções menores, até atingir o nível das unidades de informação, foi considerada a RST, na concepção de Mann & Thompson (1983), que discutem sobre as relações entre partes de textos, bem como as proposições relacionais que emergem entre elas.

Apresentamos o diagrama 18, correspondente à porção (11 – 14), que constitui a primeira da macroestrutura do texto.

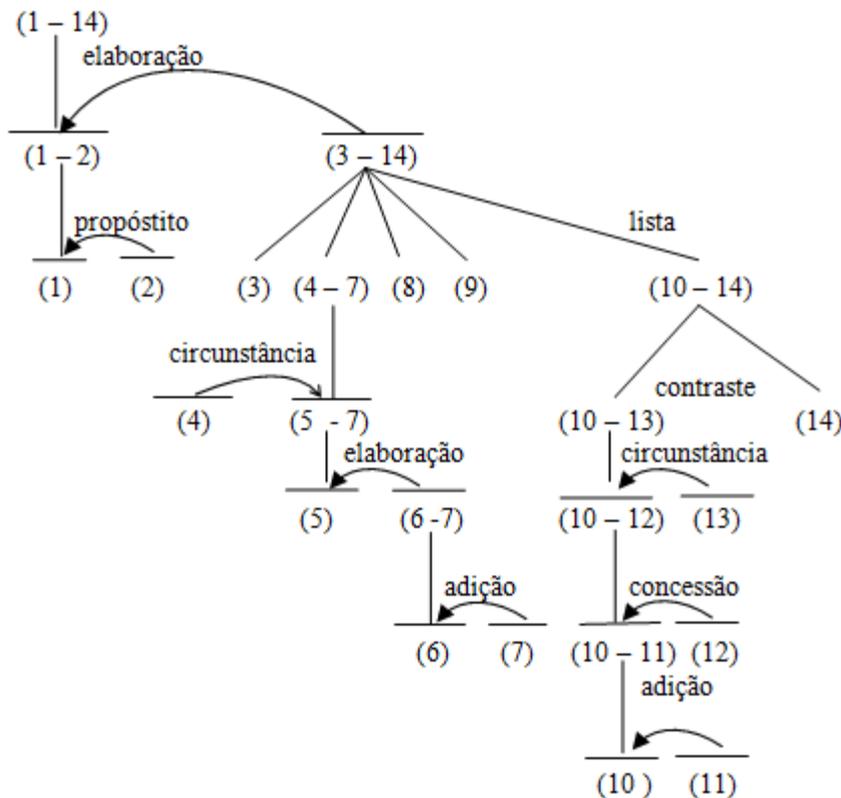


DIAGRAMA 18: Porção (1 – 14) da microestrutura do Texto 4.

A porção formada pelas UIs (1 - 14) é constituída pela tese, logo no início do artigo, nas UIs (1 - 2), sendo a UI 1(núcleo) e a (2), satélite de (1), em uma relação de propósito. A porção constituída pelas UIs (1 - 2) tem a função de núcleo da porção (3 - 14), que, por sua vez, exerce a relação de elaboração, pois traz os detalhes adicionais sobre a situação do assunto apresentado no núcleo (1 - 2). Esses detalhes se concretizam em uma relação multinuclear de lista com unidades de informação de circunstância nas UIs (4) [*Ao inaugurar o novo governo em janeiro de 2011,*] e (13) [*desde que explodiu a crise financeira mundial*]. Essa relação caracteriza a hipotaxe de realce, para Halliday (1985/2004), em uma relação núcleo-satélite para a RST e são materializadas pelas orações adverbiais, na Gramática Tradicional.

Na porção (3 - 14) predomina a relação de lista, nas UIs (3), (4 - 7), (8), (9) e (10 - 14). Essa parte apresenta relações do tipo núcleo-satélite, predominantemente, com relações de avaliação, adição, circunstância, elaboração. Essas ocorrências se justificam pela citação de argumentos em torno da defesa de que o Presidente Lula tem bons motivos para se orgulhar do estado em que se encontra o Brasil, no momento em que ele passa o governo a sua

sucessora. Essa porção foi constituída de complexos oracionais, de acordo com Halliday (1985/2004), com orações hipotáticas de realce, como na UI (4) [*Ao inaugurar o novo governo em janeiro de 2011,*], oração adverbial para a Gramática Tradicional. A relação do tipo multinuclear de contraste demarca que embora a situação da economia do resto do planeta não seja favorável (UIs (10 - 13)), o autor mantém uma expectativa positiva em relação ao governo Dilma, conforme é mostrado na UI (14) [*mas tenho uma expectativa bastante positiva em relação às ações de seu governo*].

A porção (15 - 24), representada pelo diagrama 19, dá continuidade aos argumentos e retrata a equipe econômica, que está sendo montada pela presidente Dilma, do anúncio da política, com diminuição do déficit público e a diminuição da taxa de juros. Esses argumentos foram edificados por unidades de informação em uma relação de lista, subdividida em relações de propósito (UIs 17, 21, 24) e de adição (UI 19), sendo as orações materializadas em uma incidência de orações, sendo as primeiras hipotáticas de realce e a segunda, uma paratática, conforme Halliday (1985/2004). Na Gramática Tradicional, essas orações são classificadas como subordinadas adverbiais e coordenadas, respectivamente. A seguir, o diagrama 19, para melhor orientação das explicações acima.

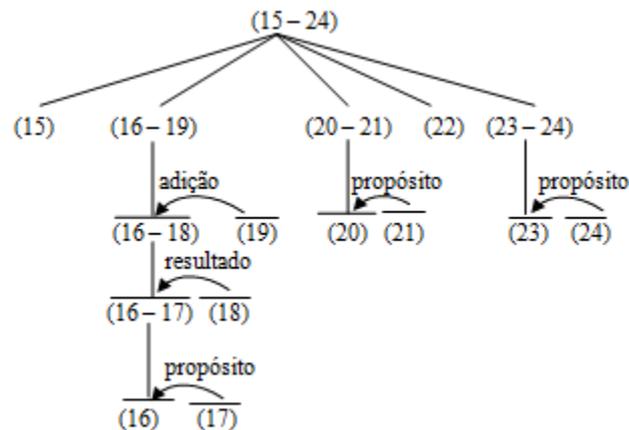


DIAGRAMA 19: Porção (15 - 24) da microestrutura do Texto 4

A porção (25 - 33) demonstrada no diagrama 20 foi segmentada em duas outras, sendo (25 - 26), núcleo de (27 - 33), satélite em uma relação de elaboração. Esse fato justifica-se pela situação colocada no núcleo, dizendo dos efeitos que a crise mundial, deflagrada em 2008, trouxe para o mundo, o que provocou a escolha do autor de acrescentar dados que justificassem essa informação. O satélite (27 - 33) foi constituído de relações do tipo multinuclear de lista, que, por sua vez, traz unidades de informação em relações de propósito e adição. A porção (27 - 33) apresenta mais uma lista de argumentos, em relação de

elaboração UI (26), avaliação UI (27), modo UI (30), propósito UI (32) e adição (33). Essa porção é demonstrada no diagrama 20.

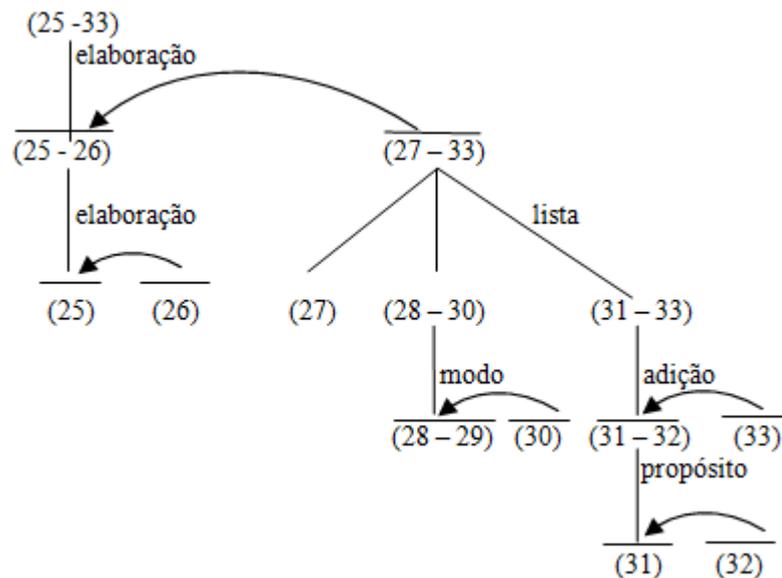


DIAGRAMA 20: Porção (25 – 33) da microestrutura do Texto 4.

A porção seguinte, formada pelas UIs (34 - 44) vai situar e defender um programa aceitável e crível que permite atingir os objetivos da presidente. Essa porção foi edificada em uma relação do tipo multinuclear de lista, em três argumentos nas unidades de informação (34), (35), (36 - 44). A porção (36 - 44) apresenta duas outras porções, a saber: (36 - 37), núcleo e (38 - 44), satélite, em uma relação de elaboração. Em (38 - 44), identificam-se orações hipotáticas, que para Halliday (1985/2004), caracterizam-se como uma oração dominante e uma dependente; e orações paratáticas, de *status* iguais, conforme já foi discutido.

Por último, está a porção que tem uma relação de conclusão das porções (2 - 3) da macroestrutura do texto e é edificada em uma relação do tipo multinuclear, constituída pelas UIs (45 - 46), em uma relação de contraste. Essa porção é demonstrada no diagrama 21.

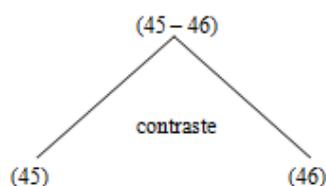


DIAGRAMA 21: Porção (45 – 46) da microestrutura do Texto 4.

Vale ressaltar que a relação multinuclear de contraste, na porção (45 - 46), faz com que o leitor reconheça a possibilidade de comparar e de identificar diferenças suscitadas pela comparação realizada entre elas.

No que se refere às relações núcleo-satélite, mais uma vez confirma a sua preponderância no texto. Retomando Mann & Thompson (1983/1985), a porção denominada satélite é ancilar à outra, ou seja, está a serviço da outra, denominada núcleo. No presente artigo, percebe-se a incidência significativa da relação de propósito, de forma que o satélite (propósito) representa uma ação que é apontada no núcleo, mas ainda não foi realizada. A relação núcleo-satélite, sendo o satélite, o propósito do núcleo, concretiza-se em uma oração subordinada adverbial, na Gramática Tradicional. A relação de elaboração também é marcante, uma vez que ela possibilita apresentar detalhes adicionais aos argumentos colocados pelo autor logo após a tese, com o objetivo de ir a caminho do convencimento do leitor. Já a relação de avaliação também se fez presente, conforme propõem Mann & Thompson (1983), o núcleo atribui um conceito positivo do autor e, ao mesmo tempo, faz com que o leitor reconheça o valor atribuído.

Nossa análise do texto *Bons motivos* nos remete às ideias de Matthiessen & Thompson (1988), quando afirmam que o locutor, ao levar em conta o leitor e o contexto, tem a possibilidade de organização do discurso a fim de atingir o seu propósito comunicativo. Nesse sentido, as escolhas levam orações hipotáticas de realce para o início ou para o final das porções do texto. Nesse artigo, verificamos a opção de iniciar porções textuais com essas cláusulas, o que traz mais força ilocucionária no ato do dizer, conforme podemos constatar nas UIs (35) e (36), em que a UI (35) [*Para que se criem antecipadamente as expectativas necessárias quanto à credibilidade dos objetivos*] é um satélite anteposto ao núcleo (UI 36) [*o programa deve ser apresentado de forma absolutamente transparente,*]. O mesmo ocorre nas UIs (4) e (5), já que há uma antecipação do satélite (UI 4), deixando o núcleo (UI 5) para depois, conforme se constata em:

(UI 4) [*Ao inaugurar o novo governo em janeiro de 2011,*] (4) → (5) circunstância

(UI 5) [*a presidente vai encontrar um Brasil em desenvolvimento,*] (5) – (4) → núcleo

Nesses pares de orações, temos uma cláusula hipotática de realce, à luz do modelo de Halliday (1985/2004), que para Matthiessen & Thompson, topicalizar essas orações, consolida a ideia ali defendida, reforçando, assim, a possibilidade da criação de expectativas em torno da credibilidade dos objetivos do programa governamental.

Verificamos, também, em *Bons motivos*, uma preponderância da relação de lista, a serviço da argumentação do autor em torno da tese aqui defendida: comprovar as possibilidades de se ter uma boa administração no governo de Dilma Rouseff.

#### 4.5 Considerações sobre a análise dos dados

A análise da macroestrutura dos textos permitiu identificar um total de quarenta e cinco porções, sendo 10 porções no Texto1, 8 no Texto 2, 13 no Texto 3 e 14 no texto 4. Na tabela 5, é mostrada, em ordem alfabética, a incidência de relações retóricas na macroestrutura:

TABELA 5  
Ocorrência de relações retóricas na macroestrutura dos 4 textos.

| Classificação   | Relações retóricas | Incidência |         |         |         | Total | %     |
|-----------------|--------------------|------------|---------|---------|---------|-------|-------|
|                 |                    | Texto 1    | Texto 2 | Texto 3 | Texto 4 |       |       |
| Multinuclear    | Contraste          | 2          | -       | -       | -       | 2     | 4,4%  |
|                 | Lista              | 4          | -       | 4       | 5       | 13    | 28,8% |
|                 | Sequência          | -          | 4       | -       | -       | 4     | 8,8%  |
| Núcleo-satélite | Adição             | -          | -       | 1       | -       | 1     | 2,2%  |
|                 | apresentação       | 1          | 1       | 1       | 1       | 4     | 8,8%  |
|                 | <i>Background</i>  | -          | 1       | 1       | -       | 2     | 4,4%  |
|                 | Conclusão          | -          | 2       | 1       | 1       | 4     | 8,8%  |
|                 | Elaboração         | -          | -       | 1       | 3       | 4     | 8,8%  |
|                 | Resumo             | 1          | -       | -       | -       | 1     | 2,2%  |

A tabela 5 demonstra a incidência de 13 ocorrências de relação multinuclear de lista, correspondendo a 28,8% do total de relações; a relação de sequência aparece 4 vezes, correspondendo a 8,8% do total e a relação de contraste aparece 2 vezes, no total de 4,4 %. Os dados nos levam a concluir que os textos analisados sugerem uma organização textual na macroestrutura, com a preponderância de lista. Esse fato é justificado pela característica dessa relação retórica, visto que esse tipo de relação, ao mesmo tempo que leva o leitor/ouvinte a reconhecer a comparabilidade de itens relacionados, conforme Mann (1984), possibilita a enumeração dos argumentos em torno da tese discutida pelo autor. Já a relação de sequência, por ter como característica indicar uma sucessão de fatos ou acontecimentos, só foi registrada no Texto 2. Entendemos que a relação de sequência seja mais adequada a narrativas e, no nosso trabalho, embora tenhamos porções de narrativas, a preponderância é a argumentação,

visto que o artigo de opinião é um texto de base argumentativa. Por último a relação de contraste, com duas ocorrências, contrapõe ideias entre as partes maiores dos textos.

Ainda na macroestrutura, foram identificadas relações do tipo núcleo-satélite, com um número bastante significativo de ocorrências, conforme proposto pela RST. Relembramos que, neste trabalho, definimos que o título teria a função de apresentação do texto, em uma relação núcleo satélite, por isso, foram registradas 4 ocorrências, visto que foram analisados quatro artigos de opinião.

Entre as demais, a relação de elaboração apresentou 4 ocorrências (8,8%), fato esse justificado pela possibilidade de agregar mais detalhes sobre uma determinada situação. A relação de conclusão também aparece com significância (8,8%), já que, a partir da interpretação do núcleo, o leitor/ouvinte identifica um fato concluído, conforme propõe PARDO (2005). As relações de contraste e de *background* representam, cada uma, 4,4 % do total.

As relações de resumo e de adição tiveram baixa frequência, aparecendo apenas uma vez, correspondendo a 2,2 % na macroestrutura dos textos. Reiteramos que a relação de adição foi por nós proposta neste trabalho para participar do elenco das relações estabelecidas pelos autores aqui discutidos.

Ao segmentar os textos para identificar a microestrutura, foi computado o total geral de duzentas e quarenta unidades de informação, distribuídas em relações do tipo multinucleares e de núcleo-satélite, conforme tabela 6 a seguir:

TABELA 6  
Ocorrência de relações retóricas na microestrutura dos 4 textos.

| Classificação   | Relações retóricas | Incidência |         |         |         | Total | %     |
|-----------------|--------------------|------------|---------|---------|---------|-------|-------|
|                 |                    | Texto 1    | Texto 2 | Texto 3 | Texto 4 |       |       |
| Multinuclear    | Contraste          | 2          | 1       | 4       | 2       | 8     | 3,3%  |
|                 | Disjunção          | 2          | 1       | 1       | 0       | 4     | 1,6%  |
|                 | Lista              | 15         | 23      | 30      | 6       | 74    | 30,8% |
|                 | Sequência          | 0          | 9       | 2       | 2       | 13    | 5,4%  |
| Núcleo-satélite | Adição             | 0          | 1       | 5       | 5       | 11    | 4,5%  |
|                 | Antítese           | 1          | 2       | 0       | 0       | 3     | 1,25% |
|                 | Avaliação          | 1          | 0       | 1       | 3       | 5     | 2,0%  |
|                 | Circunstância      | 3          | 1       | 1       | 2       | 7     | 2,9%  |
|                 | Comparação         | 1          | 0       | 0       | 0       | 1     | 0,4%  |
|                 | Concessão          | 0          | 0       | 1       | 1       | 2     | 0,8%  |
|                 | Conclusão          | 1          | 0       | 0       | 0       | 1     | 0,4%  |
|                 | Condição           | 0          | 2       | 2       | 0       | 4     | 1,6%  |
|                 | Elaboração         | 5          | 5       | 7       | 5       | 22    | 9,1%  |
|                 | Evidência          | 2          | 0       | 0       | 0       | 2     | 0,8%  |
|                 | Justificativa      | 0          | 1       | 0       | 0       | 1     | 0,4%  |
|                 | Modo               | 1          | 0       | 0       | 1       | 2     | 0,8%  |
|                 | Motivo             | 1          | 0       | 6       | 0       | 7     | 2,9%  |
|                 | Preparação         | 0          | 4       | 0       | 0       | 4     | 1,6%  |
|                 | Propósito          | 1          | 0       | 1       | 7       | 9     | 2,1%  |
|                 | Resultado          | 0          | 1       | 4       | 1       | 6     | 2,5%  |
|                 | Resumo             | 1          | 0       | 0       | 0       | 1     | 0,4%  |

Na microestrutura do texto, conforme demonstrado na Tabela 6, observamos a incidência de relações retóricas e a forma como as orações se articulam no gênero textual artigo de opinião. Dentre as relações do tipo multinuclear, foi identificada a presença marcante da relação de lista, totalizando 74 ocorrências, correspondendo a 30,8%, o que sugere, na microestrutura, uma marca de organização da estrutura retórica do artigo de opinião nos textos analisados.

A relação multinuclear de sequência com 13 ocorrências (5,6%) foi a segunda mais identificada; a relação de contraste apareceu 8 vezes (3,3%), e, por último, com menor incidência, a relação de multinuclear de disjunção com 4 ocorrências, correspondendo a 1,6%.

Entre as relações núcleo-satélite, identificamos, nos quatro textos analisados, 16 tipos diferentes de relações retóricas. A relação retórica de elaboração foi a mais incidente, com 22 ocorrências (9,1%), tornando-se marcante nos textos, pela possibilidade de apresentar uma ação do leitor/ouvinte (incluindo a aceitação de uma oferta) não realizada face ao contexto do núcleo (MANN, 1984). Esse dado justifica-se pelo fato de a relação de elaboração oferecer a possibilidade de acrescentar detalhes ao núcleo e, ao mesmo tempo, fortalecer o processo

argumentativo. No caso do artigo de opinião, os autores incorporaram dados e fatos na tentativa de persuadir o leitor a se convencer da tese defendida no decorrer no texto. Assim, a relação de elaboração também tem um papel relevante e, de acordo com este trabalho, passa a caracterizar a organização retórica do artigo de opinião.

Outra relação que sugere caracterizar o gênero em pauta é a de adição, proposta por nós neste trabalho e que possibilita agregar uma informação à que é apresentada no núcleo, tornando-a mais completa. Essa relação contou com 11 incidências (4,5%). Por outro lado, a relação de propósito aparece 9 vezes (2,1 %) e se coloca em terceiro lugar de uso, entre as escolhas dos locutores para organizarem os artigos de opinião analisados. Essa relação parece ser pertinente ao gênero textual estudado, uma vez que, no núcleo, é proposto algo que tem, no satélite, sua finalização. Nesse sentido, traz mais força ao ato ilocucionário e vai, também, dando mais consistência aos argumentos. Já as relações de circunstância e de motivo apareceram 7 vezes cada uma (2,9%). A relação de motivo auxilia a argumentação pelo fato de mostrar a causa de o autor se posicionar diante dos fatos, e a de circunstância, que traz uma moldura para o assunto, facilita a interpretação do núcleo. Entendemos que a escolha dessa relação é adequada à argumentação. A relação de resultado contou com 6 aparições com (2,5%) de ocorrência. Outras relações como avaliação (2,0%), condição e preparação (1,6), antítese (1,25%), evidência, modo e concessão são as relações com duas incidências cada uma e representam 0,8%. Por último, com a menor incidência, já que cada uma aparece uma vez, nos textos, correspondendo a 4,4%, estão as relações de resumo, de comparação, de conclusão de justificativa.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscamos analisar quatro textos do gênero artigo de opinião, sendo dois da Revista *Veja* e dois da *Carta Capital*, mediante abordagem funcionalista, considerando, como suporte teórico, a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structural Theory* - RST) e a Teoria Sistêmico-funcional defendida por Halliday (1985/2004), no que se refere à articulação das orações. Nosso objetivo centrou-se em verificar se o gênero textual artigo de opinião, escolhido para a pesquisa, teria uma forma específica de escolhas textuais para garantir a coerência e a consequente interação comunicativa, incluindo os operadores argumentativos.

A partir das considerações de Koch (1995, p. 29), segundo a qual os operadores argumentativos “indicam a orientação argumentativa dos enunciados”, verificamos o comportamento desses elementos como introdutores de porções textuais e, ao mesmo tempo, estabelecadores de uma forte relação retórica entre essas partes, por exemplo, de contraste e de resumo. Outro aspecto marcante no gênero textual analisado diz respeito aos tempos verbais utilizados pelo autor para garantir a força argumentativa do ato ilocucionário. Foi observado o largo emprego do tempo presente e, com menos frequência, do pretérito. Isso se justifica pela necessidade de comprovar, mediante fatos e dados, os argumentos em torno de uma situação localizada na tese do artigo de opinião.

Vale ressaltar que, para cada texto analisado, foi feito o diagrama arbóreo referente à macroestrutura. Para demonstrar a microestrutura, foram elaborados diagramas, mostrando porções, já que o número de unidades de informação não permitiu demonstrar o texto todo, pelo espaço que demandaria para isso.

Após verificar a incidência das relações retóricas nos quatro textos analisados, encontramos um modelo bem uniforme de incidência de proposições relacionais, tanto na macro quanto na microestrutura do texto.

Concluimos, portanto, que o gênero artigo de opinião é demarcado por relações retóricas do tipo multinuclear e de núcleo-satélite, conforme indicação abaixo, na ordem da maior para a menor incidência de uso:

Na macroestrutura do texto:

- 1°) a relação multinuclear de lista;
- 2°) a relação núcleo-satélite de elaboração;
- 3°) a relação multinuclear de contraste.

Na microestrutura do texto:

- 1°) a relação multinuclear de lista;
- 2°) a relação núcleo-satélite de elaboração;
- 3°) a relação multinuclear de sequência;
- 4°) as relações núcleo-satélite de propósito e de adição;
- 5°) a relação multinuclear de contraste e a núcleo-satélite de motivo;
- 6°) a relação multinuclear de disjunção e as núcleo-satélite de resultado, avaliação, preparação e condição;
- 7°) as relações núcleo-satélite de antítese, concessão, evidência, modo, comparação, conclusão, justificativa, resumo.

As relações apontadas acima ocorreram ora de forma paratática, ora de forma hipotática, nos termos de Halliday (1985/2004). Assim, os artigos de opinião analisados sugerem uma característica bem definida, apresentando uma incidência maior de orações encaixadas, seguidas de orações hipotáticas e, por fim, as paratáticas, conforme descrito a seguir. Foram identificadas 27 ocorrências das orações encaixadas, correspondendo a 25% do total e contribuiu para uma melhor soldadura dos argumentos defendidos ao longo dos textos analisados, visto que, para Halliday (1985/2004), o encaixamento caracteriza-se como um mecanismo pelo qual uma oração desempenha uma função na estrutura da outra, constituindo, dessa forma, uma única unidade de informação. Como observamos, há, nos quatro artigos de opinião, uma incidência de orações encaixadas, que, na Gramática Tradicional, são classificadas como subordinadas substantivas ou subordinadas adjetivas restritivas, exercendo uma função específica na oração principal. Esse dado comprova a hipótese, por nós levantada no início deste trabalho, de que poderia haver uma incidência significativa desse tipo de orações.

Diferentemente das orações encaixadas, estão as hipotáticas e as paratáticas, caracterizadas por Halliday (1985/2004) como maior ou menor grau de dependência entre elas. As orações hipotáticas de realce aparecem 22 vezes, correspondendo a 9,6% das ocorrências, enquanto as paratáticas contam com 19 incidências, sendo 7,9% do total. As

paratáticas materializaram-se nas orações coordenadas aditivas e adversativas, principalmente; e nas conclusivas, com menor frequência. As orações hipotáticas se materializaram em adverbiais finais, com importante ocorrência, e em adverbiais causais, concessivas, condicionais, comparativas e consecutivas.

Foi comprovado que, no processo de produção escrita, o autor conta com a possibilidade de planejar seu texto e de “empacotar” o maior número de informações necessárias para garantir a interação com o interlocutor, conforme Antônio (2004). Essa possibilidade de produção nos levou à hipótese de que poderia haver uma organização específica da estrutura retórica do artigo de opinião, que foi confirmada nos textos analisados. Outro aspecto relevante e que era um dos nossos objetivos diz respeito ao veículo de comunicação em que circulam os textos: após análise comparativa, verificamos que, independentemente da revista na qual esteja o artigo de opinião, a organização da estrutura retórica dos textos se manteve.

Verificamos que a Gramática Tradicional realmente não oferece condições plenas para analisar cláusulas contextualizadas; já para o Funcionalismo Linguístico, é imprescindível considerar o contexto discursivo, fato esse que, com raras exceções, é levado em conta numa análise tradicional.

Finalmente, concluímos que o gênero textual artigo de opinião possui, nos textos analisados, uma forma específica de organização textual. Ademais, constatamos que a RST, teoria descritiva que considera o texto como um grupo organizado de orações, havendo um relacionamento hierárquico entre elas, foi eficaz no sentido de possibilitar a identificação e a caracterização das relações que se estabelecem entre partes maiores até as menores, ou seja, as unidades de informação. Outro fator marcante em nossa pesquisa foi a indicação da necessidade de aliar a sintaxe e a semântica à pragmática, incluindo o contexto comunicativo para se garantir uma eficaz interação linguística entre os interlocutores e usuários da língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDON, I. N. S. **Relações causais e gêneros de texto**. Tese de Doutorado em Letras. UFMG: Belo Horizonte: , 2004

ANTONIO, J. D. **Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do Português**. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP , 2004

\_\_\_\_\_. **A estrutura retórica de textos orais e escritos**, Revista Acta Scientiarum, Maringá, 23(1), p. 23-25. 2001.

AUSTIN. J.L. Quando dizer é fazer: palavras e ações; Porto Alegre:Artes Médicas, 1990

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, C. org. DIONÍSIO, A.P. e HOFFNAGEL, J.C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009

BONINI, Adair. Gêneros Textuais e Cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002.

CASTRO, C. M. **Construtivismo e destrutivismo**. Revista Veja, nº 16, p. 24, 21 de abril de 2010.

Cançado, M. **Manual de semântica – Noções básicas e exercícios**, 2ª. Ed. Revisada, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora

Nacional.1985.

CHAFE. W. **Linguistic differences produced by differences between speaking and writing**. In. OLSON, D. R. et al (eds). **Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing**. Cambridge:Cambridge University Press, 1985, p. 105-123.

CUNHA, C. F. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares S.A. 1969.

CUNHA, C. F. & Cintra, L. f. L. **A Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3ª ed..Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DECAT, M. B. N. **Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português**. In: Descrição do Português: abordagens funcionalista.ORG. CAMPOS, Odette G.L. Altmann de Souza. 1997.

\_\_\_\_\_. **Leite com manga morre – da hipotaxe adverbial no português em uso**, Tese de Doutorado. 1993, p. 17

\_\_\_\_\_. **Funcionalismo e Gramática**, Revista Língua Portuguesa, Filologia e Estilística, CDU 807.4, PUC Minas, 1999

DIK, C. S. **The Theory of Functional Grammar**. Dordrecht:Foris, 1989

\_\_\_\_\_. **Por uma abordagem da (In)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”**. In: SCRIPTA – Linguística e Filologia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do CESPUC. Belo Horizonte. 1997.

\_\_\_\_\_. **Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista**. In: MARINHO, J.H.C; SARAIVA, M.E.F. (Org.) Estudos da Língua em uso: da gramática ao texto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

DU BOIS, J. W. **Discourse and Grammar**. In: TOMASELLO, M (Ed.). **The psychology of language**. v. 2. New Jersey: Laurence Erlbaum, 2003.

ESTADO DE MINAS, **Caderno Agropecuário**, 08/02/2010, p.5

GIERING, M. E. Organização retórica do artigo de opinião autoral: configuração prototípica. *Círculo de Linguística Aplicada a la Comunicación (CLAC) Madrid*, nº 29, 2007.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995

JUBRAN, C. C. A. S. et al. **Organização Tópica da Conversação**. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado: níveis de análise linguística*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. v. 2, p. 359-440.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. New York: Edward Arnold. 1985.

HALLIDAY, M. A. K., MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. New York: Edward Arnold. 2004.

HYMES, D. "On communicative competence". *Sociolinguistics*. Eds. Pride, J.B. y J. Holmes. Londres: Penguin Books. 269-293.1972.

HOPPER, P. **Emergent Grammar and the A Priori Grammar Postulate**. In: TANNEN. Deborah. **Linguistic in Context: Connecting Observation and Understanding**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1988

JUNIOR. T.W. **Juventude Virtual**. Carta Capital, p. 50, 2 de fevereiro de 2010

KOCH. I.V. ; TRAVAGLIA L.C. **A coerência textual**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, I. G.V. **A inter-ação pela linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contexto, 1995.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, A. M. A. **Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal**. Tese de Doutorado. UNESP: Araraquara. SP., 2002.

LIMA. R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. José Olympio Editora: Rio de Janeiro. 1980.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. **Níveis de combinação de orações**. UNICAMP: SP. 2001.

LUFT, L. **Crucificar Monteiro Lobato?** Veja, nº45, p. 26, 10 de novembro de 2010.

MANN, W. C. **Discourse Structures for Text Generation**. California: University of Southern California, 1984

MANN, W. & THOMPSON, S. A. **Relational propositions in discourse**. California: University of Southern California: 1983, p.3-9.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros Textuais & Ensino**, Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002

\_\_\_\_\_. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto. 2008

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. **The structure of discourse and “subordination”**. In. J. HAIMAN, J. THOMPSON, S. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam; John Benjamins, 1988.

NETTO, A. D. **Bons motivos**. Carta Capital, nº 625, p. 34, 8 de dezembro de 2010.

NEVES, M. H. M. **O tratamento da articulação de orações**. UNESP: Araraquara. 2001

\_\_\_\_\_. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NUNES, A. **O país condenado a morrer de solidão**. Veja, nº 39, p. 128, 30 de setembro de 2009.

PARDO, Thiago A.S. **Métodos para análise discursiva automática**. Tese de Doutorado. São Carlos, USP, 2005.

PESSOA, M do S. **A análise retórica de acordo com Perelman**, in *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 5, n.1, p. 135-151, jul./dez. 2004

PONTES. E.S.L. **O tópico no português do Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 1987

TANNEN, D. **Linguistic in Context: Connecting Observation and Understanding**, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1988.

VAN DIJK, T. A. **Principles of critical discourse analysis**. Discourse & Society, 1993.

VIEIRA, A. T. **A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança**, Tese de doutorado, PUC/RJ, 2007

WACHOWICZ, T.C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. Curitiba: Ibpex, 2010  
<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html> - Acesso em 21 de fevereiro de 2010

## ANEXOS

## ANEXO 1:

QUADRO 3:  
Definições de relações retóricas

| <b>Definições das relações de conteúdo</b> |   |  |   |
|--|---|--|---|
| <b>Nome da relação</b>                     | <b>Condições em S ou N, individualmente</b>   | <b>Condições em N + S</b>  | <b>Intenção do A</b>  |
| Alternativa (anti-condicional)             | em N: N representa uma situação não realizada<br>em S: S representa uma situação não realizada                | realização de N impede a realização de S   | L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S |
| Avaliação                                  | Nenhuma   | em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N  | L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído  |
| Causa involuntária                         | em N: N não representa uma acção voluntária   | S, por outras razões que não uma acção voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S                  | L reconhece S como causa de N   |
| Causa voluntária                           | em N: N constitui uma acção voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma acção voluntária | S poderia ter levado o agente da acção voluntária em N a realizar essa acção; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a acção foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objectivos de A, na criação da combinação N-S | L reconhece S como a causa da acção voluntária em N   |

|                  |  |   |   |
|------------------|--|---|---|
| Circunstância    | em S: S não se encontra não realizado  | S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N  | L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N   |
| Condição         | em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S) | Realização de N depende da realização de S  | L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S   |
| Condição inversa | Nenhuma  | S afecta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize   | L reconhece que N se realiza desde que S não se realize   |
| Elaboração       | Nenhuma  | S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo:<br>conjunto :: membro<br>abstracção :: exemplo<br>todo :: parte<br>processo :: passo<br>objecto :: atributo<br>generalização :: especificação | L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores |
| Incondicional    | em S: S poderia afectar a realização de N  | N não depende de S  | L reconhece que N não depende de S  |
| Interpretação    | Nenhum   | em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram directamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A  | L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N                     |
| Método           | em N: uma actividade   | S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N  | L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N  |

|                        |   |  |   |
|------------------------|---|--|---|
| Propósito              | em N: N é uma actividade;<br>em S: S é uma situação que não se encontra realizada                   | S será realizado através da actividade de N  | L reconhece que a actividade em N se inicia para realizar S     |
| Resultado involuntário | em S: S não representa uma acção voluntária   | N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S | L reconhece que N poderia ter causado a situação em S           |
| Resultado voluntário   | em S: S constitui uma situação ou acção voluntária possivelmente resultante de uma acção voluntária | N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A do que a apresentação de S                   | L reconhece que N pode ser uma causa da acção ou situação em S  |
| Solução                | em S: S apresenta um problema   | N constitui uma solução para o problema apresentado em S   | L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S |

#### Definições das relações multinucleares

| Nome da relação | Condições em cada par de N   | Intenção de A  |
|-----------------|--|--|
| Conjunção       | Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante   | L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto                           |
| Contraste       | Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças | L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada |
| Disjunção       | Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)   | L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas                            |
| Junção          | Nenhuma  | Nenhuma  |

|                            |  |  |
|----------------------------|--|--|
| Lista                      | Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista   | L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados |
| Reformulação multi-nuclear | Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objectivos de A | L reconhece a repetição através dos elementos relacionados           |
| Sequência                  | Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos   | L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos                 |

William C. Mann, Maite Taboada. (2009)

Tradução de Rui Manuel Silva

Disponível em <<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>>

**ANEXO 2:**

Os artigos de opinião utilizados no *corpus* da pesquisa

**TEXTO 1:****Construtivismo e destrutivismo**

**"O construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode ser útil na sala de aula. Mas, nos seus desdobramentos espúrios, vira uma cruzada religiosa, claramente nefasta ao ensino"**

Claudio de Moura Castro

Minha missão é árdua: quero desvencilhar o construtivismo dos seus discípulos mais exaltados, culpados de transformar uma ideia interessante em seita fundamentalista. O construtivismo busca explicar como as pessoas aprendem. Prega que o processo educativo não é uma sequência de pílulas que os alunos engolem e decoram. É necessário que eles *construam* em suas mentes os arcabouços mentais que permitem entender o assunto em pauta. Essa visão leva à preocupação legítima de criar os contextos, metáforas, histórias e situações que facilitem aos alunos "construir" seu conhecimento. Infelizmente, o construtivismo borbulha com interpretações variadas, algumas espúrias e grosseiras. Vejo quatro tipos de equívoco.

O primeiro engano é pensar que teria o monopólio da verdade - aliás, qual das versões do construtivismo? As hipóteses de Piaget e Vigotsky coexistem com o pensamento criativo de muitos outros educadores e psicólogos. Dividir o mundo entre os iluminados e os infieis jamais é uma boa ideia.

O segundo erro é achar que todo o aprendizado requer os andaimes mentais descritos pelo construtivismo. Sem maiores elaborações intelectuais, aprendemos ortografia, tabuadas e o significado de palavras.

O terceiro é aceitar uma teoria científica como verdadeira por conta da palavra de algum guru. Em toda ciência respeitável, as teorias são apenas um ponto de partida, uma explicação possível para algum fenômeno do mundo real. Só passam a ser aceitas quando, ao cabo de observações rigorosas, encontram correspondência com os fatos. Einstein disse que a luz fazia curva. Bela e ambiciosa hipótese! Mas só virou teoria aceita quando um eclipse em Sobral, no Ceará, permitiu observar a curvatura de um fecho luminoso. O construtivismo não escapa dessa sina. Ou passa no teste empírico ou vai para o cemitério da ciência - de resto, lotado de teorias lindas.

Não obstante, muitos construtivistas acham que a teoria se basta em si. De fato, não a defendem com números. Obviamente, nem tudo se mede com números. Mas, como na educação temos boas medidas do que os alunos aprenderam, não há desculpas para poupar essa teoria da tortura do teste empírico, imposto às demais. Por isso, temos o direito de duvidar do construtivismo, quando fica só na teoria. Mas o que é pior: outros testaram as ideias construtivistas, não encontrando uma correspondência robusta com os fatos. Por exemplo, orientações construtivistas de alfabetizar não obtiveram bons resultados em pesquisas metodologicamente à prova de bala.

O quarto erro, de graves consequências, é supor que, como cada um aprende do seu jeito, os materiais de ensino precisam se moldar infinitamente, segundo cada aluno e o seu mundinho. Portanto, o professor deve criar seus materiais, sendo rejeitados os livros e manuais padronizados e que explicam, passo a passo, o que aluno deve fazer.

Desde a Revolução Industrial, sabemos que cada tarefa deve ser distribuída a quem a pode fazer melhor. Assim é feito um automóvel e tudo o mais que sai das fábricas. Na educação, também é assim. Os materiais detalhados são amplamente superiores às improvisações de professores sem tempo e sem preparo.

De fato, centenas de pesquisas rigorosas mostram as vantagens dos materiais estruturados ou planificados no detalhe. Seus supostos males são pura invenção de seitas locais. Quem nega essas conclusões precisa mostrar erros metodológicos nas pesquisas. Ou admitir que não acredita em ciência.

Aliás, nada há no construtivismo que se oponha a materiais detalhados. Entre os construtivistas americanos, muitos acreditam ser impossível aplicar o método sem manuais passo a passo.

Em suma, o construtivismo é uma hipótese teórica atraente e que pode ser útil na sala de aula. Mas, nos seus desdobramentos espúrios, vira uma cruzada religiosa, claramente nefasta ao ensino.

(Revista *Veja*, 21/04/2010, p. 24)

**TEXTO 2:****Juventude virtual**

Thomaz Wood Jr.

Não é preciso uma viagem muito longa no tempo. O leitor com 50 anos talvez resgate na memória uma época em que o aparelho de tevê era um móvel exclusivo da sala de estar, as horas de transmissão eram reduzidas e a programação, escassa. Aos mais jovens eram reservados horários e conteúdos específicos, que não chegavam a roubar muito tempo dos estudos e das brincadeiras com amigos. Em pouco mais de quatro décadas, no entanto, a tevê ganhou tempo de programação, variedade de canais e cores, muitas cores.

Vieram o videocassete, o DVD e os canais a cabo. Depois chegaram os videogames e a internet, abrindo um novo mundo de possibilidades. Estudar e brincar agora são atividades que habitam o tempo que sobra, espremidas entre as telinhas e as telonas. Qualquer que seja a dimensão da tela, sempre atulhada de cores, sons e apelos ao consumo.

A Kaiser Family Foundation, uma organização sem fins lucrativos com sede na Califórnia, divulgou recentemente um estudo sobre o tempo que crianças e adolescentes passam diante de meios eletrônicos nos Estados Unidos. Um sumário foi divulgado no Brasil pelo Instituto Alana, uma organização social. O estudo, realizado em parceria com pesquisadores da Universidade de Stanford, analisou mais de 3 mil estudantes com idade entre 8 e 18 anos. O foco da investigação foi o uso recreativo dos meios eletrônicos. O emprego de computadores para estudar ou de celulares para comunicação não foi contabilizado nos índices apurados. Os resultados de 2009 foram comparados com os de pesquisas anteriores, o que permitiu avaliar a evolução recente do tempo de exposição das crianças e dos adolescentes aos meios eletrônicos.

O estudo concluiu que a oferta de entretenimento 24 horas por dia, sete dias por semana, fez com que aumentasse a exposição aos meios eletrônicos. Crianças e adolescentes norte-americanos passam hoje nada menos que 7 horas e 38 minutos diárias, em média, diante de meios eletrônicos. Os resultados representam um sensível aumento em relação à pesquisa de 2004, quando foi registrada a média de 6 horas e 21 minutos.

O estudo detectou outras tendências importantes. Primeiro, o aumento do tempo diante dos meios eletrônicos de 2004 para 2009 foi causado em grande parte pelo crescente acesso a mídias móveis, tais como telefones celulares (39% para 66%), iPods e aparelhos de MP3 (18% para 76%). Segundo, apenas três de cada dez crianças e adolescentes mencionaram regras relacionadas ao tempo diante da tevê, dos videogames e dos computadores. Significativamente, quando os pais estabelecem regras, o tempo de exposição a meios eletrônicos é reduzido em quase três horas por dia. Terceiro, crianças e adolescentes com maior tempo de exposição a meios eletrônicos têm piores notas. O estudo é cuidadoso e evita afirmar que há uma relação causal entre exposição aos meios eletrônicos e fraco desempenho escolar, mas detectou diferenças entre os "usuários pesados" e os "usuários leves".

O estudo também revelou que o tempo utilizado para ler livros manteve-se constante em relação a 2004. A notícia seria alvissareira não fosse o número tão baixo em relação ao total: 25 minutos por dia. Este escriba não tem notícia sobre estudo similar no Brasil. No entanto, a onipresença da tevê nos lares locais, os índices relacionados ao tempo médio por dia de navegação na internet e a aversão aos livros levam a supor que o quadro local seja tão dramático quanto o norte-americano.

Se a tendência se mantiver, teremos cada vez mais adultos que passaram a maior parte de sua infância e adolescência diante de meios eletrônicos. Como serão esses adultos? Um exército de gênios criativos ou uma horda de zumbis? Uma legião de desinibidos manipuladores dos mais complexos meios eletrônicos ou um bando de escravos iletrados desses mesmos meios? Uma geração de espírito aberto e crítico ou um punhado de conformistas, a consumir estilos de vida e grifes de identidade?

As respostas para essas questões estão sendo construídas minuto a minuto, em cada interação entre as grandes máquinas de fabricação de significados e as jovens mentes em formação. As respostas estão sendo influenciadas pelos programadores de tevê, pelos anunciantes, pelos fabricantes de videogames, por homens e mulheres de negócios, desafiados a conquistar corações e mentes, a otimizar recursos e a maximizar resultados. Pais e filhos são ainda agentes desse processo. São, porém, agentes cada vez mais impotentes e passivos. Os estudos sobre o impacto dos meios eletrônicos sobre jovens não costumam ser otimistas.

< <http://www.cartacapital.com.br/app/coluna.jsp> - 26/02/2010 >

**Texto 3:****Crucificar Monteiro Lobato?**

Lya Luft

"Que não comece entre nós, banindo um livro infantil do mais brasileiro dos nossos escritores, uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós"

No curso de uma vida somos submetidos a muita insensatez e muita tolice. Nem tudo é Mozart ou Leonardo da Vinci, carinho de amigos e filhos, abraço da pessoa amada. Então, a gente vai ficando calejado, para não expor demais a alma como alguém a quem retiraram a pele, e a quem a mais leve, mais doce brisa parece um fogo cruel. Pois nestes dias me deparei na imprensa com algo que rompeu minhas defesas e me fez duvidar do que estava lendo. Reli, mais de uma vez, em mais de um jornal, e ali estava: querem banir das escolas um livro (logo serão todos, logo serão de muitos autores, não importa por que motivo for) de Monteiro Lobato, porque alegadamente contem alusões racistas.

Ora, gente, eu fui nutrida, minha alma foi alimentada, com duas literaturas na infância: os contos de fadas de Andersen e dos irmãos Grimm, e Monteiro Lobato. Duas culturas aparentemente antípodas, mas que se completavam lindamente. Narizinho e Pedrinho moravam no meu quintal. Emília era meu ídolo, irreverente e engraçada. Dona Benta se parecia com uma de minhas avós, e tia Nastácia era meu sonho de bondade e aconchego. Eu me identificava mais com elas do que com as princesas e fadas dos antiquíssimos contos nórdicos, porque jabuticaba, bolinho, bichos e alegria eram muito mais próximos de mim do que as melancólicas histórias de fadas e bruxas — raiz da minha ficção.

Toda essa introdução é para pedir às autoridades competentes: pelo amor de Deus, da educação e das crianças, e da alma brasileira, não comecem a mexer com nossos autores sob essa desculpa malévola de menções a racismo. Essa semente terá frutos podres: vamos canibalescamente nos devorar a nós mesmos, à nossa cultura, à nossa maneira de convivência entre as etnias.

Com esse perigosíssimo precedente, vamos começar a “limpar”, isto é, deformar, muitos livros. Japoneses, árabes, alemães, italianos, poloneses, índios e negros (ou não posso mais usar essa palavra?) sofrem ou podem sofrer ataques racistas. Isso é motivo de penalidades da lei para os racistas, se for o caso. Racismo dói, eu sei disso. Quando menina, certa vez um grupo de crianças nem louras nem de olhos azuis me cercou no pátio da escola, e elas dançavam ao meu redor cantando “alemão batata come queijo com barata”. Não gostei. Doeu-me. Hoje acho graça: na hora não foi engraçado.

Mas por isso vamos cavoucar em livros de história e banir os autores — o que só se admite em casos claros de repugnante racismo, não importa contra que raça for, diga-se de passagem? Essa planta rasteira, que vai contaminar nossa cultura, tem de ser cortada pela raiz. Ou a caça às bruxas vai se disseminar feito peste, pois é uma peste, iniciando um processo multiplicador de maldades comandadas por inveja, ou seja o que for, destruir obras, vidas, memórias, e atacar sobretudo as almas infantis como insetos daninhos. Não permitam isso, autoridades responsáveis e competentes: uma vez iniciado, esse processo não terá fim.

O politicamente correto pode ser perigoso e hipócrita. Os meus olhos azuis, como os de um de meus filhos, e os olhos escuros dos outros dois, como os oblíquos dos japoneses e os olhos pretos dos árabes, são todos da família humana, muito maior e mais importante do que suas divisões raciais.

Nem comecem a dar ouvidos a essas buscas mesquinhas por culpados a ser jogados na fogueira: livros queimados foram um dos índices sinistros — ao qual nem todos deram a devida importância — da loucura nazista. Muita tragédia começa parecendo natural e desimportante: no início, achava-se Hitler um palhaço frustrado. Deu no que deu, e manchará a humanidade pelos tempos sem fim.

Que não comece entre nós, banindo um livro infantil de Monteiro Lobato, o mais brasileiro dos nossos escritores: será uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós. Não combina conosco. Não combina com um dos lugares nesta conflituada e complicada Terra onde as etnias e culturas ainda convivem melhor, apesar dos problemas — devidos em geral à desinformação e à imaturidade: o Brasil.

(Revista *Veja*, 10/11/10, p. 26)

**Texto 4:****Bons motivos**

Antônio Delfim Netto

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem bons motivos para se orgulhar do estado da Nação que transfere à sucessora Dilma Rousseff. Isso se aplica tanto ao campo institucional quanto à saúde da economia e ao progresso social.

Ao inaugurar o novo governo em janeiro de 2011, a presidente vai encontrar um Brasil em desenvolvimento, caminhando na direção de alcançar os objetivos implícitos na Constituição de 1988, um País republicano, num regime democrático pleno, avançando na direção de dar igualdade de oportunidade para todos. Essa é uma realidade cuja percepção revela-se no aumento da autoestima do povo brasileiro e na forte confiança que demonstra, neste momento, em relação ao seu futuro e ao próprio destino do País.

Esse é um sentimento que a meu ver tem (também) bons motivos para continuar no governo Dilma. Muita coisa, obviamente, vai depender do comportamento da economia no resto do planeta e é bom ter presente que não podemos contar com ventos “amigos” do exterior (na verdade, eles não mais são favoráveis há dois anos, desde que explodiu a crise financeira mundial), mas mantenho uma expectativa bastante positiva em relação às ações de seu governo.

A presidente está montando sua equipe econômica com base no excelente time que atuou no governo Lula, com novos convocados também de alta competência que vão ajudá-la a manter um crescimento do PIB acima de 5%, com controle adequado da inflação. Ela anunciou que sustentará a política fiscal combinada com o ministro Guido Mantega para diminuir o déficit nominal (até eliminá-lo) e reduzir para 30% a relação Dívida Líquida/PIB. O objetivo é dar suporte a um Banco Central (autônomo), sob comando do experiente economista Alexandre Tombini, para trazer a taxa de juros real do Brasil para um intervalo de 2% a 3%, num tempo razoável. Vai exigir inteligência e ousadia e, obviamente, prudência nas doses certas.

Fazer a taxa de juros real interna convergir para a média internacional é a única forma de reduzir os movimentos de capitais oportunistas que podem manter a taxa de câmbio fora do equilíbrio por tempo suficiente para criar graves problemas na produção interna de bens e serviços. Os efeitos da crise mundial deflagrada em 2008 exigiram nos dois anos seguintes o exercício de políticas monetária e fiscal agressivas, justificado pela necessidade de acelerar a saída do País da recessão provocada pelas patifarias do setor financeiro externo.

Nessas condições, estamos terminando muito bem 2010, com o déficit nominal de 2,5%, um superávit primário em torno de 1,6%, uma relação Dívida/PIB (bruta) de 68% e uma Dívida/PIB (líquida) de 41%. Nada disso sinaliza uma tragédia nem vai exigir um “choque” ou um ajuste fiscal “dramático” como preconizam alguns “falcões” monetaristas de plantão. Será preciso, com certeza, coordenar melhor as medidas da área econômica do governo de modo a garantir o suporte de uma ajuda fiscal musculosa que facilite a tarefa do Banco Central de manter o controle da inflação e, ao mesmo tempo, trabalhar na direção de igualar as taxas de juro interna e externa.

O governo Dilma poderá submeter à sociedade um programa perfeitamente aceitável e crível que permita atingir os seus múltiplos objetivos dentro de prazos razoáveis: déficit nominal zero, relação Dívida/PIB convergindo para o objetivo e política monetária coerente com o controle da expectativa inflacionária. E taxa de juro real monotonicamente decrescente.

Para que se criem antecipadamente as expectativas necessárias quanto à credibilidade dos objetivos, o programa deve ser apresentado de forma absolutamente transparente, mostrando, por exemplo: 1. Como vai enfrentar a questão do juro real para manter o rendimento das cadernetas de poupança. 2. Como criar as condições para estimular a formação de poupança. 3. Como vai modificar a qualidade do financiamento da dívida. 4. Como vai eliminar os resquícios de indexação que ainda infestam a economia. 5. Como vai fazer as despesas do governo (excluídos os investimentos) crescerem a uma velocidade menor do que a do PIB. 6. Como vai enfrentar os problemas (mais “cabeludos” que todos os demais, somados...) da previdência pública.

Não há como ignorar a natureza e o porte dos desafios que aguardam Dilma Rousseff, mas há bons motivos para apostar que seu governo “dará conta do recado”.

(Revista Carta Capital, 08/12/2010, p. 35)